



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

MARCOS ALBERTO DAL CIN

**O COTIDIANO EM ÁREA DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ: ANÁLISE DOS
LIVROS DE REGISTRO DE OFÍCIOS ECLESIASTICOS
DA LOCALIDADE DE CONVENTOS/RS – 1860 A 1903**

CAXIAS DO SUL

2017

MARCOS ALBERTO DAL CIN

**O COTIDIANO EM ÁREA DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ: ANÁLISE DOS
LIVROS DE REGISTRO DE OFÍCIOS ECLESIASTICOS
DA LOCALIDADE DE CONVENTOS/RS – 1860 A 1903**

Dissertação apresentada como requisito final para
obtenção do título de Mestre em História, do
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade de Caxias do Sul – UCS.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Radünz

CAXIAS DO SUL
2017

D136c Dal Cin, Marcos Alberto

O cotidiano em área de imigração alemã : análise dos livros de registro de ofícios eclesiásticos da localidade de Conventos/RS - 1860 a 1903 / Marcos Alberto Dal Cin. – 2017.

135 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2017.

Orientação: Roberto Radünz.

1. Imigração alemã evangélica. 2. Livros de registro de ofícios eclesiásticos. 3. Casamento. 4. Batismo. 5. Óbitos. I. Radünz, Roberto, orient. II. Título.

**O COTIDIANO EM ÁREA DE IMIGRAÇÃO ALEMÃ: ANÁLISE DOS
LIVROS DE REGISTRO DE OFÍCIOS ECLESIASTICOS
DA LOCALIDADE DE CONVENTOS/RS – 1860 a 1903**

Marcos Alberto Dal Cin

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Fontes e Acervos na Pesquisa e Docência em História.

Banca Examinadora

Dr. Roberto Radünz
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cristine Fortes Lia
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Jorge Luiz da Cunha
Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Os Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos podem colaborar com a investigação dos elementos socioculturais da área de imigração alemã-evangélica. Para isto, identifica elementos, tais como: dados demográficos, número de nascimentos por ano, prática da transmissão dos nomes de batismo, local dos batizados, evolução do número de nascidos/batizados, nomes que se repetiam, relação entre nomes de padrinhos e batizados e profissão dos pais das crianças. Nos casamentos: a identificação da origem dos nubentes, religião, profissão desempenhada pelos noivos; os locais da realização das cerimônias de casamentos; a idade e a faixa etária com a qual se casavam. Nos registros de óbitos: idade e sexo, a *causa mortis* de homens, mulheres e crianças na região, que, no período da imigração alemã, denominava-se Picada dos Conventos e/ou São José dos Conventos, entre os anos de 1860 a 1903. Hoje, a localidade corresponde ao Bairro Conventos, na cidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul. Por meio da fonte referida, é possível vislumbrar a teia de relações socioculturais que se organizava através do ofício dos pastores, no momento da identificação dos fiéis em seus livros. Estes registros assumem caráter de testemunho genealógico, colaborando para a manutenção de um determinado *status* ao grupo de ascendência alemã e protestante. No último capítulo, está a apresentação do blog, que é a complementação do trabalho, uma ferramenta de diálogo e troca de conhecimentos com a sociedade, relacionados ao tema, como instrumento para divulgação e compartilhamento dos dados produzidos pela pesquisa.

Palavras-chave: Imigração alemã evangélica. Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos. Casamento. Batismo. Óbitos.

ABSTRACT

The Ecclesiastical memo files Registry Books may collaborate in investigating the sociocultural elements in the area of evangelical German immigration. For this purpose, it identifies elements like demographic data, number of births per year, the transmission practice of baptism names, the location of the baptized, the evolution in the number of the born/baptized, the repeated names, the relation between godparents and baptized and the children parents' profession. Marriages, with the bride and groom origin of identification, religion, bride and groom's professions, location of the wedding ceremonies holding, the age and the age group in which they married. In the death records, age and sex, the men, women and children's death cause in the region that, in the German immigration period, was called Picada Conventos and/or São José dos Conventos, between the years 1860 and 1903. Today, de location comprehends the Conventos district in the city of Lajeado in Rio Grande do Sul. By means of the referred source is possible to visualize the sociocultural relation net organized through the preachers' office at the moment of the believers in their books. These registers assume the character of a genealogic witness collaborating to the maintenance of a certain status of a group with German and protestant ascendance. In the last chapter, there is the presentation of the blog, which is the work supplement, a dialogue and knowledge-sharing tool with society as instrument to promote and share data produced by this research.

Keywords: German Evangelical Immigration. Books of Ecclesiastical memo files Records. Marriage. Baptism. Deaths.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Lajeado no Vale do Taquari	15
Figura 2 – Colônias particulares no Vale do Taquari	18
Figura 3 – Livro de registros	42
Figura 4 – Livro de registros	42
Figura 5 – Livro de registros	43
Figura 6 – Livro de registros	43
Figura 7 – Livro de registros	43
Figura 8 – Livro de registros	43
Figura 9 – Livro de registros	43
Figura 10 – Registro de casamento	44
Figura 11 – Registro de óbito escrito em alemão gótico	45
Figura 12 – Registro de casamento	45
Figura 13 – Registros de casamento	45
Figura 14 – Registros de batismo	46
Figura 15 – Registro de batismo.....	46
Figura 16 – Registro de óbito	47
Figura 17 – Registro de óbito	47
Figura 18 – Capa do Livro <i>Comunidade Evangélica de Conventos</i> – Primeira Parte	47
Figura 19 – Capa do Livro <i>Comunidade Evangélica de Conventos</i> – Segunda Parte	48
Figura 20 – Pastor Philipp Andreas Weber	52
Figura 21 – Pastor Wilhelm Kleingünther.....	54
Figura 22 – Pastor Heinrich Eduard Falk	57
Figura 23 – Pastor Emil Gans.....	59
Figura 24 – Igreja Católica em São José dos Conventos.....	64
Figura 25 – Atual Igreja Evangélica Alemã de Conventos (IECLB).....	67
Figura 26 – Atual Igreja Evangélica Luterana de Conventos (IELB)	68
Figura 27 – Primeira Igreja Evangélica de Forquethinha	69
Figura 28 – Igreja Evangélica Alemã de Forquethinha (IECLB)	69
Figura 29 – Igreja Evangélica Luterana de Forquethinha (IELB)	70
Figura 30 – Pórtico/réplica da Igreja Evangélica Luterana – Cemitério de Forquethinha, RS ..	71
Figura 31 – Locais dos nascidos/batizados	78
Figura 32 – Relação entre nome de batismo e nome do(a) padrinho/madrinha	80

Figura 33 – Registros de batismo em Conventos	82
Figura 34 – Mapa da Europa – processo de unificação	88
Figura 35 – Túmulo de Jacó Rinaldo Bischoff, e esposa sepultados no cemitério de Forquetinha, RS	116
Figura 36 – Túmulo de Margaretha Buss, cemitério de Forquetinha, RS	117
Figura 37 – Túmulo de Albert Taffe e Johann Jacob Taffe, cemitério de Forquetinha, RS ..	117
Figura 38 – Apresentação do <i>blog</i>	120
Figura 39 – Organização do <i>blog</i>	121
Figura 40 – Espaço para interação no <i>blog</i>	121
Figura 41 – Acompanhamento dos visitantes do <i>blog</i>	122
Figura 42 – Postagens do <i>blog</i>	122
Figura 43 – Postagens do <i>blog</i>	123
Figura 44 – Postagens do <i>blog</i>	123
Figura 45 – Postagens do <i>blog</i>	123
Figura 46 – Postagens do <i>blog</i>	124
Figura 47 – Postagens do <i>blog</i>	124

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pastores que atuaram em Conventos	51
Quadro 2 – Profissão e nacionalidade dos noivos	94
Quadro 3 – Óbitos/motivo	108

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de nascidos/batizados.....	74
Gráfico 2 – Número de batizados por ano.....	76
Gráfico 3 – Evolução dos batizados por ano.....	77
Gráfico 4 – Total de batizados e batizados com o mesmo nome do(a) padrinho/madrinha.....	79
Gráfico 5 – Batizados com nomes repetidos.....	81
Gráfico 6 – Profissão dos pais dos batizados.....	83
Gráfico 7 – Naturalidade de noivos e noivas.....	87
Gráfico 8 – Nacionalidade das noivas.....	89
Gráfico 9 – Nacionalidade dos noivos.....	90
Gráfico 10 – Comparativo entre nacionalidade dos(as) noivos/noivas.....	90
Gráfico 11 – Idade das noivas no casamento.....	92
Gráfico 12 – Idade dos noivos no casamento.....	92
Gráfico 13 – Profissão dos noivos.....	94
Gráfico 14 – Religião dos noivos e noivas.....	95
Gráfico 15 – Local dos casamentos.....	97
Gráfico 16 – Horário dos casamentos.....	98
Gráfico 17 – Distribuição semanal dos casamentos.....	99
Gráfico 18 – Distribuição mensal dos casamentos.....	100
Gráfico 19 – Registros com causa/morte.....	104
Gráfico 20 – Motivos dos óbitos.....	105
Gráfico 21 – Idade das mulheres que morreram no parto.....	108
Gráfico 22 – Número de óbitos por faixa etária.....	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O VALE DO TAQUARI: ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS	14
3	A IMIGRAÇÃO ALEMÃ-EVANGÉLICA EM CONVENTOS	21
4	OS REGISTROS ECLESIÁSTICOS COMO FONTE DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA LOCAL	29
4.1	Os Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, em Conventos	33
4.2	Os registros	39
5	PASTORES QUE ATUARAM EM CONVENTOS	50
6	COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONVENTOS	61
7	BATIZADOS	72
7.1	Número de nascidos/batizados	73
7.2	Número de batizados por ano	74
7.3	Local do nascimento/batizado	77
7.4	Escolha dos nomes	78
7.5	Profissão dos pais dos batizados	83
8	CASAMENTOS	85
8.1	Nacionalidade dos noivos e noivas	86
8.2	Idade dos nubentes	91
8.3	Profissão dos noivos	93
8.4	Religião dos noivos e noivas	95
8.5	Local e horário dos casamentos	96
8.6	Distribuição semanal e sazonalidade dos casamentos	98
9	ÓBITOS	102
9.1	Causa dos óbitos	103
9.2	Óbitos por ocasião do parto	108
9.3	Óbitos por faixa etária	110
10	BLOG	119
11	CONCLUSÃO	125
	REFERÊNCIAS	128

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de Caxias do Sul, intitulado ***O cotidiano em área de imigração alemã: análise dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos da localidade de Conventos/RS – 1860 a 1903***, tem por objetivo analisar os livros de registros de casamento, batismo e óbitos da Comunidade Evangélica de Conventos – Lajeado/RS. Tem como propósito identificar elementos, tais como: dados demográficos relacionados aos nascimentos, casamentos e óbitos, na região em que se deu a ocupação por imigrantes alemães-evangélicos, denominada de Picada dos Conventos e/ou São José dos Conventos. Desse modo, na pesquisa busca-se compreender de que forma os Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos podem colaborar na investigação dos elementos socioculturais da área de imigração alemã-evangélica, dos anos de 1860 a 1903.

Para responder às questões propostas, é importante considerar que se está trabalhando com um tipo de fonte, que de certa forma é excludente, pois aqui são priorizados somente dados de membros pertencentes a uma comunidade de imigrantes, com várias possibilidades e limitações, bem como os registros, que seguem certo padrão de normas preestabelecidas. Outro ponto importante a ser levado em consideração é o de que o trabalho de pesquisa tem limitações, uma vez que os livros de registro acompanhavam os pastores, principalmente nas primeiras décadas da ocupação da colônia; por não haver estrutura e organização, eles realizavam trabalho de forma itinerante e, infelizmente, parte dos dados (livros) foram levados por alguns sacerdotes, e não constam do conjunto de livros pertencentes à Comunidade Evangélica de Conventos.

Na parte inicial do trabalho, apresenta-se a revisão historiográfica, a qual partiu do levantamento relacionado à imigração alemã e aos aspectos socioculturais do Vale do Taquari/RS. Nessa abordagem destaca-se a importância de determinadas famílias locais e/ou genealógicas, a partir de pesquisas e das considerações dos testemunhos orais, além de estudos relacionados ao processo de formação dos municípios que compõem a esta região do Vale do Taquari

Pretendeu-se também, a partir dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, identificar as diferentes representações da imigração alemã-evangélica em Conventos, procuramos entender a organização e evolução da comunidade, a partir dos casamentos, batizados e óbitos, identificando, nestes três aspectos da vida social, características que levam

à compreensão dos elementos formadores da identidade das famílias e dos grupos objeto desta pesquisa.

Inicialmente, aborda-se o processo de ocupação do território do Vale do Taquari, mais especificamente a região de ocupação dos imigrantes alemães-evangélicos de Conventos, e o contexto histórico-econômico que os levou a emigrarem para esta região do Vale.

Nos capítulos quarto e quinto, apresenta-se os pastores que atuaram na comunidade de Conventos, destacando a biografia de cada um. Também aborda-se a trajetória da Comunidade, desde sua origem, perpassando a formação das picadas e/ou localidades mais distantes; a emancipação de comunidades, que se separaram de Conventos, e o processo que levou à divisão da comunidade, no final do século XIX, permanecendo a Igreja Evangélica Alemã de Conventos (IECLB), e dando origem a um novo grupo, a Igreja Evangélica Luterana de Conventos (IELB), sob a influência de pastores do Missouri.

O tema que trata dos casamentos, batizados e óbitos está diretamente ligado às fontes e compreende os capítulos sexto, sétimo e oitavo, nos quais realiza-se a produção e leitura quantitativa e social dos dados extraídos dos Livros de Registros de Ofícios Eclesiásticos, a fim de compreender o significado das diferentes práticas do cotidiano e das representações da imigração alemã-evangélica em Conventos. Para que fosse possível chegar a tais dados, tabulou-se todos os registros disponíveis dos livros de casamento que compreendem o período de 1860 a 1903, com o objetivo de conhecer os elementos que envolvem a questão matrimonial. Apresentamos algumas características em relação aos casamentos, tais como: origem dos noivos, época e distribuição sazonal em que eram realizados os casamentos; diferença e média de idade dos nubentes, no momento da contração matrimonial. Outro aspecto analisado foi o da religião, tanto dos noivos quanto das noivas, traçando comparativo com relação a esse aspecto. Também apresenta-se dados sobre a profissão desempenhada pelos noivos, bem como o horário e os locais em que foram realizadas as cerimônias de casamento. Os dados descritos por pastores permitiram a observação do perfil dos nubentes do período analisado.

Os registros de batismo apresentam dados quanto ao número total de crianças nascidas/batizadas do período referido, bem como a estatística de batismo ano a ano, o local em que ocorreram as cerimônias de batismo das crianças, o nome dado aos batizados e a relação entre nomes de padrinhos e nomes de batizados. O levantamento de dados aponta também a quantidade de nomes repetidos na comunidade de Conventos, e a relação desta com

os padrinhos escolhidos pelos pais, e, por fim, a relação de profissões desempenhadas pelos pais das crianças batizadas, dado constante nos registros.

Complementando a parte referente à análise de dados, no capítulo oito analisa-se os registros de óbitos, apontando no levantamento: o total de óbitos ocorridos durante o período; a causa das mortes, separando os grupos por faixa etária. Nesse sentido, destaca-se o número de crianças que foram a óbito nos primeiros anos de vida, detalhando que os principais motivos estavam ligados a práticas cotidianas, como afazeres domésticos, trabalho e momentos de lazer das famílias, em suas propriedades.

Pela análise, observa-se a sazonalidade das mortes e as causas prováveis apontadas pelos pastores, uma vez que os conhecimentos médicos eram escassos ou inexistentes, e a classificação das causas da morte tinha por base aquelas atribuídas ao senso comum. Dessa forma, as causas apontadas nos registros de óbitos tendem a revelar variados aspectos do cotidiano, pois inserem-se no contexto da vida diária, dos acontecimentos e das práticas familiares.

Para o grupo das mulheres, apresenta-se índices sobre a idade e o número de gestantes que foram a óbito, durante o parto; já para os homens, em idade adulta, muitos faleceram devido a fatalidades, desempenhando atividades domésticas e/ou no trabalho em suas propriedades. E, para os demais, demonstra-se, através de gráficos, o motivo/óbito descrito pelos pastores, além de destacar casos que chamaram a atenção durante a pesquisa.

Especificamente, ao analisar os registros referentes aos óbitos, elaboramos tabela explicativa com faixa etária e as causas da morte, que estabelece uma relação entre o modo de vida e as dificuldades enfrentadas, principalmente, por se tratar de famílias de imigrantes recém-chegadas de várias regiões da Europa, as moléstias pelas quais esses imigrantes eram acometidos, descrevendo a situação em que viviam, seus desafios e a precariedade enfrentada ao se estabelecerem na nova colônia.

Desta forma, o trabalho tem por objetivo destacar as atitudes e os aspectos ligados ao cotidiano dos imigrantes evangélicos, a partir da pesquisa e análise de dados transcritos dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos da Comunidade Evangélica de Conventos, que, no período, abrangia o atual Município de Lajeado, e outros municípios que dele se emanciparam no decorrer dos anos.

O espaço sociocultural para o presente estudo contempla o Vale do Taquari, especificamente a localidade de Conventos, no Município de Lajeado/RS, no período entre 1860 a 1903.

A vinda de imigrantes alemães para o Sul do Brasil, oriundos de várias regiões da Europa, trouxe consigo uma série de elementos e transformações culturais ao longo do século XIX e primeira metade do séc. XX, deixando marcas inconfundíveis no município, desde costumes, ritos, o estilo arquitetônico até o comportamento das pessoas, que, em muito, fazem lembrar o país de onde vieram os primeiros colonizadores.

Com o levantamento dos dados nos livros de registro, e de outras referências bibliográficas, o objetivo foi estabelecer as representações da memória e do cotidiano das famílias e comunidades de imigrantes evangélicos que se estabeleceram em Conventos; apontar seus países de origem, informações referentes às atividades desenvolvidas na região de onde emigraram, visto que nos registros constam as profissões desempenhadas, os batismos, casamentos e óbitos, bem como as tradições e os costumes, que foram sendo constituídas na colônia.

No nono capítulo, em consonância com o propósito do Programa de Mestrado Profissional, há a apresentação da estrutura da produção de um Blog, que tem por objetivo a divulgação do trabalho e a criação de um espaço de interação sobre a história e memória da imigração alemã-evangélica em Conventos, proporcionando a troca de ideias com pesquisadores, professores e alunos, e contribuindo com elementos para pesquisa e compreensão da formação do processo histórico de Lajeado.

2 O VALE DO TAQUARI: ABORDAGENS HISTORIOGRÁFICAS

O Vale do Taquari está situado na parte central do Rio Grande do Sul (estado que fica ao Sul do Brasil), e é formado por 36 municípios, que totalizam uma área de 4.826,7 km² (1,71% do estado). Em 2014, conforme a população estimada pela Fundação de Economia e Estatística (FEE),¹ a região conta com 348.435 habitantes (3,11% da população gaúcha), em sua maioria de origem alemã, italiana e/ou açoriana. O município mais antigo do Vale é Taquari, emancipado de Triunfo em 1849. Estrela e Lajeado já contam com mais de 100 anos de fundação. A maioria dos municípios emancipou-se a partir de 1959. Atualmente, os municípios mais populosos do Vale são: Lajeado, Estrela, Teutônia, Taquari, Encantado e Arroio do Meio, que respondem por 60,31% do total da população regional.

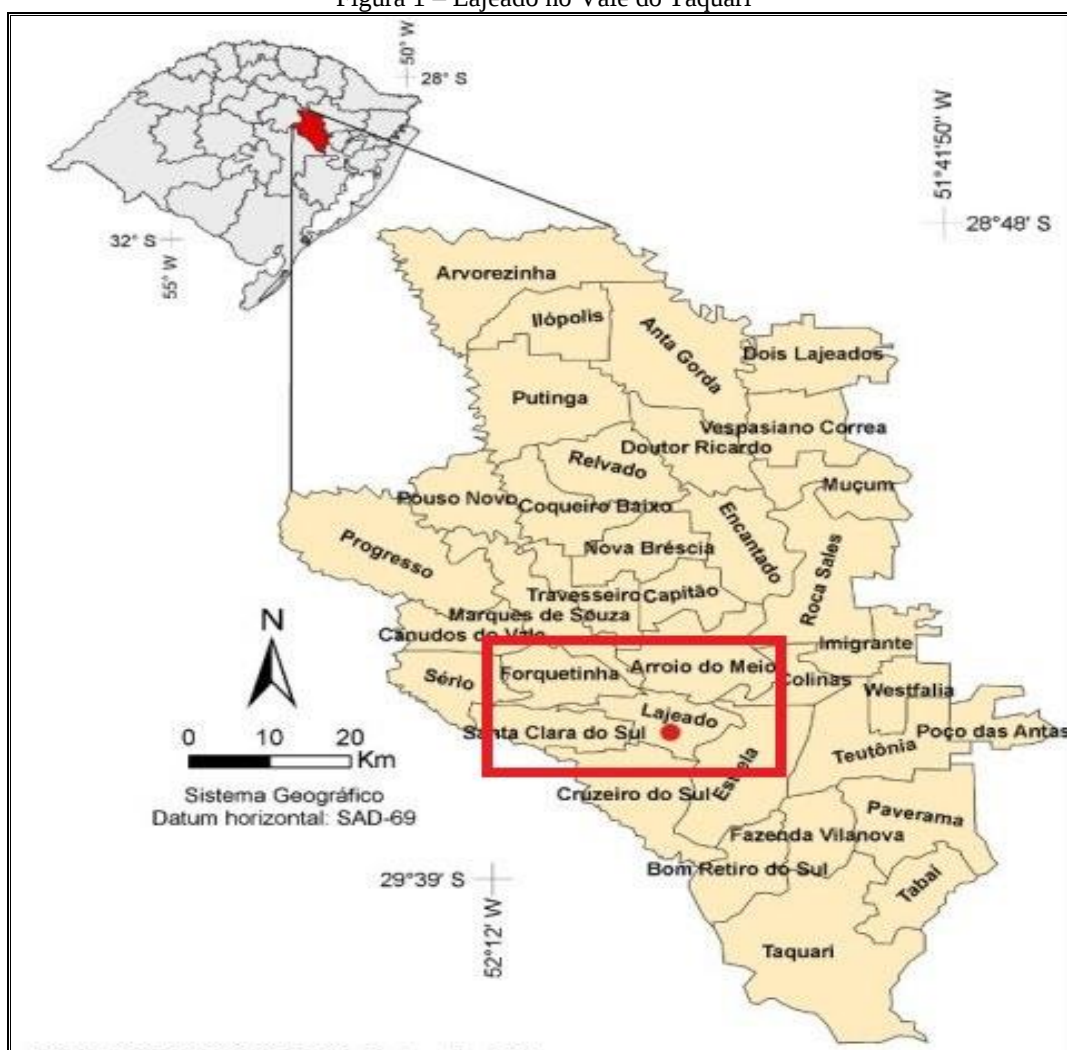
Conventos, local de chegada dos imigrantes alemães-evangélicos, em meados do século XIX, é hoje espaço urbano do atual Município de Lajeado, RS. A cidade de Lajeado está situada à margem direita do rio Taquari, na região nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, é cortada pela BR 386 e pela RS 130, sendo ponto de ligação a diversas regiões do estado; faz divisa com os Municípios de Arroio do Meio, Forquetinha, Cruzeiro do Sul, Estrela, Marques de Souza e Santa Clara do Sul. Lajeado conta com uma população estimada em 78.486 habitantes,² destacando-se como polo regional na prestação de serviços, como saúde, educação e econômico/industrial, com ênfase na produção de alimentos.

Na Figura 1, apresenta-se os municípios que integram a região do Vale do Taquari, com forte influência de imigrantes germânicos, e açorianos na região baixa; a predominância de imigrantes italianos está na região alta.

¹ Disponível em: <<http://www.univates.br/institucional/vale-do-taquari>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

² Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431140&search=||info%20gr%20E1%20fic%20s%20informa%20E7%20F5%20es-completas>. Acesso em: 26 jul. 2016.

Figura 1 – Lajeado no Vale do Taquari



Fonte: Disponível em: <<http://amvat.com.br/Municipios/>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

Entre os primeiros vestígios dos habitantes, no atual Vale do Taquari,³ o espaço geográfico é também hoje ocupado pelo Município de Lajeado/RS.⁴ Segundo autores locais, como Black (2004), Faleiro (1996), Schierholt (1992) e Ferri (1991), essa região contou com a presença de grupos indígenas, que se localizaram principalmente às margens do rio Taquari.

³ O vale do Taquari é atualmente formado por 36 municípios, na região central do Rio Grande do Sul, totalizando uma área de 4.821,1 km² (1,71% do estado). Em 2013, conforme a população estimada pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), a região contava com 334.438 habitantes (3,08% da população gaúcha) – a maioria de origem alemã, italiana e/ou açoriana –, a densidade demográfica era de 69,3 hab./km². Entre seus municípios podemos citar Estrela, Teutônia, Taquari, Encantado, Arroio do Meio e Lajeado. (Disponível em: <<http://www.univates.br/institucional/vale-do-taquari>>. Acesso em: 12 jul. 2015).

⁴ Em 1862, deu início ao povoamento de Lajeado com a construção do Engenho. Em 1875, Lajeado foi elevada à categoria de sede distrital. Em 1881, foi elevada à categoria de Freguesia e, em 1891, desmembrou-se do Município de Estrela, do qual era segundo distrito, desde 1882. Em 26 de janeiro de 1891, foi criado o Município de Lajeado, tendo como sede a vila do mesmo nome, situada à margem direita do rio Taquari. A instalação oficial ocorreu no dia 25 de fevereiro do mesmo ano, com a posse do primeiro intendente Frederico Henrique Jaeger. (Disponível em: <[Http://www.lajeado.rs.gov.br](http://www.lajeado.rs.gov.br)>. Acesso em: 12 jul. 2015).

Para Faleiro (1996, p. 11), “temos muito mais indagações do que explicações-respostas. Vestígios há, residindo a dúvida no ter havido ou não uma ocupação indígena lajeadense, mas sim, numa caracterização mais apurada aos como, onde, quantos, o quê”. O autor se refere às dificuldades de pesquisa a respeito dos diferentes grupos indígenas que ocuparam essas terras, e foram alijados do processo de ocupação e conquista do atual Rio Grande do Sul, bem como no Vale do Taquari.

Relativo à ocupação lusa e luso-brasileira no Vale do Taquari, pode-se identificar sua presença a partir da distribuição das sesmarias, que não foi fruto de uma organização sistematizada em todo o território rio-grandense. Albeche (2002), ao analisar a distribuição territorial das sesmarias no Rio Grande do Sul, critica a visão homogeneizadora da historiografia regional, quando destaca que foram basicamente os lusos de origem militar que obtiveram terras.

Para Christallino

Em Taquari, assim como nos demais municípios do vale do Jacuí, uma boa parte de suas terras foram concedidas em meados do século XVIII. Os registros paroquiais de terras, os inventários post-mortem e os registros de transmissão e tabelionato mostram o fracionamento da estrutura fundiária desses municípios de ocupação mais antiga. (CHRISTALLINO, 2010, p. 197)

Dentro desse aspecto, relacionado a comercialização das terras o autor reforça que:

A rápida e intensa valorização do preço da terra em Taquari se deve especialmente ao impacto da expansão e colonização europeia sobre o município. Entre meados da década de 1850 até o final da década de 1860, o vale do Taquari foi a região que recebeu maior contingente de imigrantes europeus e seus descendentes (filhos dos primeiros colonos). (CHRISTALLINO, 2010, p. 204)

No processo de conquista e povoamento do atual Rio Grande do Sul, a autora identifica que diferentes grupos sociais recorreram à posse da terra como, por exemplo, mulheres e libertos. (ALBECHE, 2002, p. 143).

Faleiro, ao tratar da ocupação lusa e luso-brasileira, diz:

O movimento expansionista português, via rios Jacuí e Taquari, assegurou a posse da terra para os grandes proprietários e abriu novas perspectivas para famílias mini fundiárias os “casais açorianos” e/ou descendência. Consequentemente, mais tarde, serão comercializadas para a formação de colônias particulares. A chegada do imigrante “alemão” no Rio Grande do Sul, segundo a historiografia, foi a partir de 1824, para atender os interesses do governo imperial brasileiro. No Vale do Taquari os alemães foram instalados a partir da comercialização de grandes propriedades na região do Vale do Taquari, na primeira metade do século XIX, podemos mencionar: João e José Inácio Teixeira, donos das terras que originaram os municípios de Lajeado, Estrela e Cruzeiro do Sul, através de uma doação de sesmaria feita em 1800. (FALEIRO, 1996, p. 44).

Segundo a autora, a história da colonização de Lajeado com imigrantes alemães, no século XIX, está relacionada à comercialização de terras, decorrentes da doação de sesmarias a apadrinhados, tendo como receptores os irmãos João e José Inácio Teixeira, posteriormente dividida, e parte vendida a Antônio Fialho de Vargas,⁵ denominada de Fazenda dos Conventos, compreendendo a região de maior incidência de ocupação por famílias de imigrantes, e a de Carneiros, que localizava-se mais próxima ao rio Taquari.

Schierholt escreve que, em relatórios enviados por Antônio Fialho de Vargas ao governo, destacava:

As fazendas dos Conventos e Lajeado, reunidas e situadas à margem direita do Rio Taquari, formam a colônia denominada dos Conventos, compreendendo a área superficial de 22.275.000 braças quadradas, conforme os respectivos títulos de concessão e transferência; esta área acha-se quase toda dividida em lotes coloniais de 150.000 braças quadradas, que são vendidas a colonos nacionais ou estrangeiros a preço fixo estabelecido no ato da venda a dinheiro à vista ou a prazo e também se vendem meias colônias de 75.000 braças quadradas, tudo de acordo com a convenção das partes. (SCHIERHOLT, 1992, p. 66)

No mapa, que segue, a região contava com uma subdivisão de grandes extensões de terras, as chamadas sesmarias, que serviram à implementação e comercialização privada de lotes, “principalmente, pelo interesse da elite local no lucrativo comércio de terras que também era uma importante alternativa à afirmação de propriedade sobre as áreas griladas e à ação das companhias de colonização” (CHRISTALLINO, 2010, p. 205), diferentemente daquele modelo estabelecido pelo governo, no processo de colonização e imigração no Rio Grande do Sul, em que as terras pertencentes ao ente público foi utilizada para atrair levas de imigrantes, na ocupação de vastas regiões do estado.

⁵ Antônio Fialho de Vargas nasceu em Gravataí, em 15 de setembro de 1818. Os pais eram Maria Inácia de Jesus, gravataiense, e Manuel Fialho de Vargas, açoriano (Ilha de Fayal). Seus avós paternos e maternos também são de origem açoriana, da mesma ilha. O pai veio para o Brasil beneficiado pelo sistema de doação de sesmarias e datas, criado para incentivar a ocupação do espaço devoluto brasileiro. (FALEIRO, 1996, p. 48).

hoje, em sua parte mais alta, que foram divididas e comercializadas aos imigrantes que vieram se estabelecer na região a partir de 1854. (SCHIERHOLT, 1992, p. 63).

Com a criação da Lei 601, de 18 de setembro de 1850, da Lei de Terras, que entrou em vigor em 1854, a Fazenda dos Conventos foi adquirida por uma empresa imobiliária da qual Antônio Fialho de Vargas detinha cinquenta por cento de sua posse e que, vendo a possibilidade de atrair imigrantes, tratou de dividi-la em lotes para posteriormente comercializá-los. (BLACK, 2004).

Em 1853, o agrimensor alemão Carl Ernst Mützel ficou responsável por medir e demarcar as terras pertencentes à Fazenda Conventos.

Nesta época, a Fazenda São Bento, a Picada São José dos Conventos, a Fazenda Carneiros ou Lajeado já estavam demarcadas em lotes coloniais e, em 1867, o agrimensor Ernesto Ludovico Müzell estava loteando Forquetinha. Segundo ainda o mesmo autor, as terras que Fialho de Vargas havia adquirido e que estava medindo localizavam-se além do rio Forqueta, por isso ele também é o iniciador da colonização em Arroio do Meio. A parte mais distante da propriedade situava-se onde atualmente localiza-se a Linha Pinheirinho, desde a divisa dos municípios de Muçum e Guaporé, até o porto de Santa Bárbara, ponto extremo do primitivo território de Lajeado. (AHLERT; GEDOZ, 1999, p. 26).

A subdivisão da Fazenda Conventos deu origem à Picada dos Conventos, São José dos Conventos e Picada São José que, segundo Schierholt, pode ser identificada assim:

Picada dos Conventos era predominantemente **evangélica**, e os primeiros imigrantes que lá se estabeleceram vieram lá por 1856 e 1857. Nos primeiros anos, as instruções escolares eram dadas em casas de família. Mas em 1861, foi construída a primeira escola de toda a colônia dos Conventos. Serviu até 1886. Pastores itinerantes de paróquias de origem dos imigrantes visitavam esporadicamente grupos de famílias, carregando consigo os livros de registros. O registro mais antigo até agora encontrado é o do pastor Filipe André Weber (ou Philipp Andreas Weber), que data de 26 de novembro de 1864. (SCHIERHOLT, 1992, p. 76, grifo nosso).

São José dos Conventos, situada pouco adiante de Picada dos Conventos, passou a receber imigrantes alemães-católicos em sua maioria, e distanciando-se mais com relação à Picada dos Conventos, próxima de onde hoje situa-se o atual Município de Forquetinha, localizava-se a chamada Picada São José.

Observa-se que há dúvidas quanto à posse e à verdadeira denominação das fazendas que pertenciam a esta região. Nesse sentido, Black aponta:

Pela ótica de alguns historiadores, o primeiro proprietário, por detenção de documento de posse, da antiga Colônia dos Conventos, teria sido o cônsul Klausen von Bremen. Conforme Schierholt, os irmãos João e José Inácio, residentes em Porto Alegre, eram proprietários de diversas sesmarias. (BLACK, 2004, p. 21).

A sociedade imobiliária, criada para dividir as sesmarias e transformá-las em fazendas, dentre elas a dos Conventos, conforme Black (2004), teria passado por dificuldades no período entre os anos de 1835 e 1845, decorrentes da Revolução Farroupilha e também por pertencer ao sucessor de José Inácio Teixeira, seu filho adotivo José Inácio Teixeira Júnior, considerado despreparado para administrar a fazenda, o que levou a um período de abandono, até a chegada dos imigrantes alemães.

Cunha e Gärtner (2001), em relatos de viagem escritos por Meyer,⁶ nos anos de 1898 e 1899, percorrendo várias colônias de imigrantes alemães pelo interior do Rio Grande do Sul, incluindo o Vale do Taquari, com objetivo de apontar as características relacionadas ao desenvolvimento do germanismo no Sul do Brasil, apontam:

Para os alemães interessados em emigrar, o Rio Grande do Sul oferece perspectivas de bons vencimentos, quando houver disposição do imigrante em adaptar-se a simplicidade da vida nas colônias e em trabalhar em tempo integral, colocando formalidades em segundo plano, numa estrutura social e econômica que desconhece regulamentos e controles corporativos. (CUNHA; GÄRTNER, 2001, p. 57).

A Região Sul do Brasil apresentava aspectos positivos para famílias interessadas em emigrar, pois, nas colônias já existentes, notava-se prosperidade e organização, administração de suas propriedades, construção de casas e praças. Cunha e Gärtner (2001) salientam que relatos de Meyer, por vezes, estão carregados de preconceito, principalmente quando se trata da população brasileira e de descendentes de outras nacionalidades que não a alemã.

⁶ Herrmann Meyer, pesquisador e escritor, nascido em Hildburghausen, realizou viagens ao Brasil. Fundou colônias particulares de Neu-Württemberg, Xingu e Fortaleza. Escreveu livro com relatos de sua viagem pelas colônias do Rio Grande do Sul. (CUNHA; GÄRTNER, 2001, p. 55).

3 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ-EVANGÉLICA EM CONVENTOS

No levantamento e na revisão da historiografia referente à imigração alemã no Vale do Taquari, destaca-se inicialmente as abordagens de Roche (1969). O autor, com o objetivo de analisar o processo de colonização alemã no Rio Grande do Sul, destacou a comercialização das terras, as primeiras famílias provenientes das colônias do vale do Caí, dos Sinos e daqueles que vieram do continente europeu para Lajeado, afirmando que

a colonização aí se realizou na segunda metade do século XIX, sob a influência paradoxal das leis de 1850-1855, destinadas a proteger as terras públicas contra as apropriações abusivas. Os proprietários ou especuladores que rapidamente haviam ocupado grandes áreas sem explorá-las, não encontraram melhor justificação do que fundar colônias particulares. Algumas delas trazem ainda o nome de “Fazenda”. As mais apreciadas eram as que se abriam nos terraços fluviais, inundáveis e de solo particularmente fértil. (ROCHE, 1969, p. 182).

Em uma abordagem local, há a contribuição de Ferri (1991), que procurou analisar o contexto territorial do Vale do Taquari, marcando a presença dos povos indígenas, até a chegada do “homem branco”. (1991, p. 36). Relatou a forma utilizada na divisão, que foi efetuada no território da atual região de Estrela e Lajeado, bem como tratou das terras do Município de Lajeado, que foram mais tarde adquiridas por João Inácio Teixeira e José Inácio Teixeira, localizadas à margem direita do rio Taquari, também denominada de Colônia dos Conventos por Antônio Fialho de Vargas. Posteriormente, o local ficaria conhecido como Conventos Velho, uma tradução de *Alt Convent*.

O autor também narrou como foi realizada a aquisição do referido espaço pela empresa Batista, Fialho e Cia., e sobre a comercialização dos lotes às famílias de imigrantes alemães, provenientes do contexto europeu e daqueles que vieram da colônia de Santa Maria da Soledade, do vale do Caí. A chegada e a experiência dos imigrantes, no território, não recebeu do autor maiores aprofundamentos de análise, pois privilegiou caracterizar a divisão administrativa e territorial do Vale do Taquari, bem como aspectos geográficos e paisagísticos da região.

Schierholt (1989), em sua obra, tratou do episódio da Revolução Federalista, no Vale do Taquari, bem como, a partir de documentos e relatos da memória oral, procurou relatar situações vividas pelos colonos na região, que contribuíram, segundo o autor, de forma significativa para consolidar as ideias republicanas no atual Estado do Rio Grande do Sul. O autor diz também ter utilizado fontes primárias que o ajudaram na sua compreensão das estratégias de assimilação da ordem republicana castilhistas, naquele contexto.

Schierholt (1992), com o objetivo de elaborar uma história geral do Município de Lajeado, abordou questões relativas aos primeiros habitantes indígenas e à sua destruição, promovida pelos bandeirantes no século XVII que, segundo o autor, teve por objetivo “rapinar, destruir e prear índios”. (SCHIERHOLT, 1992, p. 18). Com relação à ocupação lusa e luso-brasileira do território, o autor destacou que ela teve início com a posse de sesmarias, bem como com sua participação na defesa do território e nas comissões de demarcação de limites entre as Coroas portuguesa e espanhola. Com relação às terras que foram ocupadas mais tarde pela imigração alemã, o autor apresentou a transcrição, dentre outros, do documento que fez referência à escritura de propriedade das terras, adquiridas pelos irmãos João e José Inácio Teixeira.

A escritura tratou dos limites do território, no contexto da aquisição da sesmaria; indicou nome, número, ocupação e/ou profissão dos seus escravos, bem como outros recursos materiais do espaço e da dedicação na criação de animais vacuns e cavalares, nas Fazendas de Estrela, na Fazenda de São Gabriel, Fazenda de Arroio do Taquari, Fazenda Demanda e Fazenda dos Conventos.

Segundo o autor, os irmãos Teixeira, de posse de suas terras,

estabeleceram em suas sesmarias dezenas de fazendas onde trabalhavam mais de 300 escravos, numerosos peões e feitores, capitães-do-mato e administradores. No Vale do Taquari exploravam madeira de lei e erva mate. Nos locais mais apropriados, com vertentes de água, nas barrancas mais altas abriam clareiras e construíam os estabelecimentos necessários para viver e trabalhar. Era preciso plantar cereais, árvores frutíferas e criar animais para alimentação (SCHIERHOLT, 1992, p. 62).

Com relação à chegada dos imigrantes alemães em Conventos, o autor diz que ela ocorreu em 1856, assinalando que, após cinco anos de seu estabelecimento, já havia no local:

estabelecimentos rurais, 68, 309 habitantes, dos quais 159 do sexo masculino e 150, feminino. Menores de até 5 anos: 59 crianças. Em idade escolar, de 6 a 14, havia 78, sendo 27 meninos e 51 meninas. Quanto a nacionalidade, 44 eram da Prússia, 8 brasileiros e os restantes 16 deixou de indicar. Quanto à religião: 18 católicos, 15 protestantes e 33 sem identificação. Quanto a profissão: 3 alfaiates, 4 pedreiros, 2 sapateiros, 1 ferreiro, 1 armeiro, 2 marceneiros. (SCHIERHOLT, 1992, p. 71).

A partir da leitura e análise de cartas e relatórios estatísticos do período, enviados por Fialho de Vargas ao governo, o autor identificou que a produção agrícola da colônia esteve calcada na produção de feijão, milho, batatas, trigo e cevada e da criação de animais como, por exemplo, cavalares, vacuns e suínos. O autor apontou que, na Picada São José dos Conventos, um dos primeiros alemães europeus, que se instalou na região, foi João Gaspar

Richter, que se comprometeu, segundo a documentação, a ocupar um terreno que deveria ser pago no prazo de cinco anos, nas terras que pertenciam a Fialho de Vargas, dizendo.

As sementes e os víveres necessários para sua família até a primeira colheita. O sr. Fialho de Vargas daria ao contratado e sua família um adiantamento de 63 mil-réis para cada pessoa maior de 10 anos e de 30 mil-réis para cada menor de 1 a 10 anos, fornecendo-lhes os meios necessários para o estabelecimento da sua morada. (SCHIERHOLT, 1992, p. 76).

Relacionado à questão territorial da Fazenda Conventos, pertencente aos irmãos Teixeira e depois comercializada à empresa Batista & Fialho, o autor diz que a mesma foi dividida em

Picada dos Conventos, São José dos Conventos, Picada São José. Picada dos Conventos era predominantemente evangélica. Talvez os primeiros que lá se estabeleceram vieram lá por 1856 ou 1857. Nos primeiros anos, as instruções escolares eram dadas em casas de famílias. Mas em 1861, foi construída a primeira escola em toda a Colônia dos Conventos. Serviu até 1886. Pastores itinerantes de paróquias de origem dos imigrantes visitavam esporadicamente grupos de famílias, carregando consigo os livros de registros. O registro mais antigo até agora encontrado é o do pastor Filipe André Weber, de 26-11-1864. (SCHIERHOLT, 1992, p. 76).

Faleiro (1996), sobre a imigração alemã, aponta que os grupos que se instalaram em Conventos, por meio da iniciativa privada, eram provenientes dos vales do Rio dos Sinos e Vale do Taquari. A autora aborda, também, que a colonização de iniciativa privada atraiu grupos de alemães e italianos para a região, relatando que a falta de terras foi um dos problemas que levou muitos grupos, estabelecidos na região dos vales do Rio dos Sinos e do Caí, a procurar outros espaços. Salienta que a migração interna desses grupos pode também ser explicada pelo costume existente de dar aos filhos homens, por ocasião do casamento, um “pedaço” de terra. Entretanto, com o tempo, não pode mais atender às famílias que eram constituídas.

Quando Christtalino analisa o sistema de comercialização das terras pela Coroa no Rio Grande do Sul, inserida no contexto do processo imigratório entre os anos de 1850 e 1880, ele aponta que

A manutenção dos laços de parentesco e reciprocidade foi fundamental no deslocamento dos imigrantes para novas colônias, de modo a permitir a continuidade das relações sociais e culturais estabelecidas nas primeiras colônias. O deslocamento de um número maior de famílias para uma mesma linha ou picada colonial permitia a preservação da unidade étnica e religiosa. (CHRISTTALINO, 2010, p.205)

Dessa forma, podemos afirmar que, em Conventos teve continuidade esse processo, quando famílias de imigrantes alemães e evangélicos em sua maioria, estabeleceram-se na região baixa do vale do Taquari, quando “os agentes das companhias divulgavam as suas colônias em outros núcleos e proporcionavam a venda de lotes a imigrantes de uma mesma família numa única picada ou linha colonial” (CHRISTALINO, 2010, p. 205).

Para Faleiro (1996), a colonização da Fazenda dos Conventos seguiu uma estrutura diferenciada em relação ao restante do território brasileiro, em função da presença da pequena propriedade rural, do trabalho e da produção voltada para a subsistência familiar, características comuns às áreas coloniais na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Destacou também que houve alguns delineadores relacionados ao cotidiano, no que diz respeito à questão da família e da religião, permeados por um caráter essencialmente patriarcal.

Black (2004), em Colinas da Esperança, apresenta importante contribuição à história local, quando aborda especificamente a História de Conventos, descrevendo aspectos da vida cotidiana das famílias, a sociabilidade, as relações e o desenvolvimento econômico e comercial, a vida religiosa e aspectos da cultura e do folclore popular dos imigrantes.

Essa análise do cotidiano da colonização em Lajeado não está no horizonte das abordagens feitas pela historiografia local, representada por Ferri (1991) e Schierholt (1992). Esses autores não tiveram a preocupação em aprofundar estudos sobre aspectos socioculturais do contexto histórico da imigração em Conventos. Aliás, priorizaram uma história regional homogeneizada e linear, começando pela participação indígena, lusa e luso-brasileira, na conquista e ocupação do espaço; de amenizar o papel da escravidão que foi suplantada pela imigração europeia. O trabalho do alemão também será valorizado como modelo regional, pela característica de sua atuação, na superação dos diferentes obstáculos que foram enfrentados. Destaca-se que a obra de Schierholt é ainda utilizada como referência para a maioria dos estudos, inclusive acadêmicos, como foi observado em outras produções. Louven (1974), Feldens (1989), Richter (1989), Togni (2003), Black (2004) também seguem na descrição de uma análise mais linear do contexto da historiografia local, sem a preocupação de produzir estudos mais complexos e críticos, descrevendo o processo histórico que envolve o Vale do Taquari, com enfoques em questões ligadas ao desenvolvimento econômico, a resgates histórico-familiares e a história dos pequenos municípios.

Também relacionados à imigração e colonização, porém numa perspectiva mais ampla, estudos feitos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB, 2014) merecem ser citados. Alguns textos produzidos pelo IHGB (*A Diáspora da Imigração Alemã: Correntes*

e Contracorrentes, José Arthur Rios. IHGB, 2014, p. 117-131; A realidade brasileira vista pelos fotógrafos alemães no Brasil do século XIX, Pedro Afonso Vasquez. IHGB, 2014, p. 133-139; A Alemanha na economia brasileira: o comércio Brasil-Alemanha – Do tratado de comércio de 1827 à comissão econômica Brasil-Alemanha, Ingo Plöger. IHGB, 2014, p. 141) oferecem dados estatísticos da entrada, localização e situação europeia, no contexto da emigração, bem como destacam outros aspectos da ocupação do território brasileiro pela leva imigratória.

Na maioria das produções elaboradas pelo IHGB, também não se percebe maior aprofundamento das contradições decorrentes da instalação, adaptação e sobrevivência enfrentados no novo território. Algumas, entretanto, tratam do incentivo à vinda de estrangeiros desde o início do século XIX, quando o governo resolveu subvencionar a entrada de alemães na primeira fase da colonização, fornecendo-lhes transporte, terras, sementes, animais, ferramentas e um valor monetário estabelecido por diárias. (RIOS. IHGB, 2014, p. 126). Não se pode deixar de destacar também que o IHGB teve um papel fundamental na construção da memória relativa à nação brasileira e, geralmente, no que diz respeito à imigração alemã, destacou sua importância para a modernização e o progresso do Brasil.

Em 2014, o IHGB⁷ lançou uma revista específica intitulada *O Encontro Brasil – Alemanha: visões e revisões*, em que se identifica vários artigos que trataram do período colonial e imperial brasileiro; as relações estabelecidas com a Alemanha e, especificamente, com as levas imigratórias, bem como a influência alemã na arte e na arquitetura; a visão dos viajantes estrangeiros, fotógrafos e artistas no século XIX e alguns aspectos econômicos e das relações comerciais que foram estabelecidas.

Segundo Rios (2003, p. 117), a importância da imigração alemã não pode ser medida apenas estatisticamente, pois a entrada deste grupo promoveu repercussões culturais abrangentes que atingiram o Brasil e, pela sua maior ou menor capacidade de assimilação, a nova sociedade. O autor também destacou que, quanto à questão religiosa, esta provocou choques entre os alemães católicos e luteranos, ao afirmar que os luteranos foram levados a certa prática da endogamia, bem como referiu a tendência de identificar o alto índice de natalidade.

O referencial teórico da Nova Historiografia Cultural, que se caracteriza pelo conjunto de práticas historiográficas e teóricas, que emergiram da incorporação das abordagens oriundas da terceira geração da Escola dos Annales, especialmente, da obra de

⁷ Disponível em: <file:///D:/Desktop/rihgb2014numero0465.pdf>. Acesso em: 10 maio 2015.

Carlo Ginzburg, historiador-ícone da Micro-História italiana, em que frisa a redução da escala de análise, e propõe a pesquisa exploratória, intensiva de um objeto limitado, valorizando o empírico (BARROS, 2017), leva-nos a procurar compreender de que maneira as famílias e, posteriormente, as comunidades, constituíram sua identidade e sua história, o que caracterizou o imigrante evangélico em Conventos.

Da mesma forma, nessa perspectiva de análise que dialoga com a Nova História Cultural, é também priorizar uma “história vista por baixo”, como sugere Burke (1992). Conforme o autor, a Nova História surge em contraposição ao paradigma tradicional, que se alinha a uma história centrada em eventos políticos, nos feitos dos grandes homens e na narrativa dos acontecimentos. Com essa mudança há uma nova forma de ver a historiografia, que é a de analisar uma história vista de baixo, e que procura ouvir outras vozes, assumindo o estudo das pessoas comuns, como, por exemplo, os colonos e seus familiares, que viviam nas mais distantes picadas, e se tornaram importantes sujeitos da transformação dessa nova sociedade.

Esta investigação tem como base o proposto por Ginzburg (1987), que sugere a adoção de uma percepção adicional, buscando ver mais do que as ações representadas em locais, como, por exemplo, túmulos e lápides. Ainda, reflete sobre a necessidade de procurar a porção invisível de história e da memória existente nos locais investigados. Assim, o instrumental teórico-analítico-metodológico vai sendo constituído ao longo da pesquisa, na medida em que atua como norte e permite analisar e visibilizar os mais variados aspectos do cotidiano dos imigrantes, que ocuparam a região de Conventos e seu entorno, as circunstâncias em que ocorreram mudanças econômicas e sociais, nas quais estavam submetidos nas novas colônias.

Muito do que precisamos compreender, em determinados momentos, foge às nossas percepções marcadas por ações que produziram novas formas de encerrar a vida no cotidiano, principalmente diante de momentos de dificuldade, ou que exigiram ações não rotineiras.

Nesse novo contexto, a partir da ótica da “micro história”, os imigrantes, que se instalaram na região do atual Município de Lajeado e arredores, iniciam um processo de ressignificação dos aspectos culturais, de um novo grupo que passa a se constituir nesta região do Vale do Taquari.

É nessa mesma linha de pensamento que, “por meio de um cruzamento máximo de relações, os historiadores da micro história acabam por demonstrar que o social passado não é um dado posto, um fato definido, mas algo reconstruído a partir de interrogações e questões postas”. (PESAVENTO, 2003, p. 72).

Para Barros (2003), “a História Local constitui uma presença remarcável no quadro geral de modalidades historiográficas contemporâneas, notadamente no Brasil – país de vasta extensão territorial e, conseqüentemente, dotado de uma enorme multiplicidade de aspectos internos, concretos e imaginários”. Para tanto, a compreensão do cotidiano, das relações interpessoais que permearam as famílias em Conventos nos levam à compreensão do imaginário local e de suas representações.

Sob esse aspecto, os imigrantes podem ser percebidos como agentes influenciadores e influenciáveis na cultura de imigrantes originários, não somente da Alemanha, mas também de outros países. Nesse contato com a diversidade cultural, hábitos foram modificados; rotinas preestabelecidas foram quebradas; formas de ver, pensar e agir foram reestruturadas numa imposição e recomposição de costumes e de práticas. Da mesma forma, muitas características foram sendo preservadas e resistiram no passar dos anos. Percebe-se que há muitas assimilações e aglutinações, nas quais as influências do meio remodelaram vivências de pessoas simples, mas que deixaram marcado seu modo de vida.

A imigração não pode ser vista apenas como mero deslocamento de pessoas, mas também como deslocamento da cultura e dos símbolos que constroem identidades num determinado espaço. Cunha (1986, p.101) afirma: “A cultura não é algo dado, posto, algo lapidável, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados: e é perceber a dinâmica, a produção cultural.” A necessidade de encontrar alternativa e melhores condições de vida torna-se o elemento propulsor, que, a partir do momento em que se lança ao desafio da mudança, passa a construir e dar sentido a essa ressignificação histórica.

A história local assume particular importância neste tempo marcado por crescente globalização, e propensão para a massificação e uniformização cultural, em que se deve resgatar a consciência do valor da História e do patrimônio, como marcas da herança cultural, coletiva, imaterial e local. A análise de tais documentos fornece dados interessantes para se repensar os modelos interpretativos mais tradicionais, fundamentados somente nas fontes escritas, em que os falecidos e os vivos são mostrados como uma massa amorfa e sem vontade própria.

O estudo e a compreensão desses registros representam a complexidade e heterogeneidade de visões sobre a vida e a morte, bem como abrem caminhos para se explorar o cotidiano das pessoas, a partir de seus próprios registros ou de pessoas bem próximas a eles.

Nesse sentido, os diferentes modos de vida, dos sujeitos imigrantes que fizeram parte desse processo, foram sendo constantemente reconstruídos e reelaborados, através da

memória e das lembranças do passado, no fazer-se presentes e nas projeções de futuro. Nesse processo de ressignificação dos aspectos culturais, as pessoas representam seu mundo, cada qual à sua maneira.

Portanto, a pesquisa sobre os modos de vida dos imigrantes que ocuparam Conventos, desvelada através dos registros de nascimentos, casamentos e óbitos constitui importante material de estudo. Uma vez conhecidos os costumes e hábitos desses imigrantes, torna-se possível o entendimento dos aspectos que permeiam a atualidade e o cotidiano, nesta região do Vale do Taquari.

4 OS REGISTROS ECLESIAÍSTICOS COMO FONTE DE PESQUISA PARA A HISTÓRIA LOCAL

O conceito de região e a própria história regional, por muito tempo, não foram problematizados pelo discurso da historiografia tradicional, aparecendo neutralizados pelo conteúdo de sua natureza, pelo aspecto político-administrativo e, principalmente, por não constituir ou fazer parte de um processo histórico.

Para Albuquerque (2008), o grande desafio que se coloca para a historiografia que se diz regional é o de não se constituir em mais um saber a repor, acriticamente, a pretensa identidade de uma dada região. Segundo o autor, a história regional pode facilmente ser aprisionada pelo dispositivo e pelo discurso da identidade.

Pollak (1992) aponta que o conceito de identidade está relacionado à imagem que o sujeito elabora a respeito de si mesmo, bem como aquela que o indivíduo apresenta aos outros. Nesse sentido, segundo o autor, a identidade e a memória são conceitos muito próximos, pois a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. Entretanto, o conceito de memória e de identidade são arranjos construídos, não sem conflito e negociação e sempre em referência ao outro.

É possível identificar que o aprofundamento às abordagens, à memória e à identidade constitui um dos caminhos para a elaboração de uma nova compreensão da história regional e, especificamente, tratando-se aqui a de Conventos. De acordo com o levantamento da historiografia, geralmente a imigração alemã tem sido apontada e definida por uma identidade homogeneizada, além de referendar certo padrão de inter-relações sociais. Acredita-se que este padrão ou visão homogeneizada pode ser inserida, por meio de uma abordagem mais complexa e plural, aproximando-se de outras possibilidades de construção de realidade. Essa visão homogeneizadora da historiografia da imigração é questionada por Gertz, afirmando que esses imigrantes “não constituíam um grupo homogêneo e monolítico”. (GERTZ, 1991, p. 9).

Inicialmente, os Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos apontam dados que podem ser trabalhados pelos historiadores, no sentido de identificar práticas culturais, modos de vida e comportamentos sociais que, geralmente, não são abordados pela historiografia tradicional. De acordo com a perspectiva da História Cultural, a ampliação do conceito de fontes, nos estudos históricos, passou a enfatizar e utilizar em larga escala as representações na construção do conhecimento. As representações e as práticas, segundo Chartier (1990), são sempre resultantes de determinadas motivações e necessidades sociais, pois elas podem ser

entendidas como sendo modos de pensar e sentir, individuais e/ou coletivos. Para Le Goff (1994), as representações englobam todas e quaisquer traduções mentais de uma realidade exterior, além de estarem ligadas a um processo de abstração. Nesse sentido, as representações abrangem elementos do imaginário de um determinado contexto.

Nora (1995) afirma que memória e história estão longe de ser sinônimos, quando o autor aponta para a necessidade de se realizar uma reflexão a respeito da memória elaborada sobre o passado, que une os indivíduos por laços de identidade comuns e homogeneizados.

Ramos (2012) destaca que as representações do passado e do presente, bem como as idealizações do futuro, também convivem na memória, conferindo ao indivíduo identidade cultural e grupal. Logo, é por estar inscrita na cultura e ser produtora de processos culturais, que a memória é sempre um reviver, ou seja, um repensar, quer com imagens, conceitos, práticas, objetos, quer com ideias.

Desse modo, os acontecimentos, uma vez inscritos como lembranças na memória, podem remeter também àquilo que não lembramos mais, ao esquecimento, ao silêncio. Hall (2001), ao tratar sobre o conceito de identidade, afirma:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, p. 13).

Hall (2001) procura observar que o estudo das identidades e as suas representações são conceitos historicamente variáveis e em processo permanente de (re)construção.

Nesta perspectiva, Falcon diz:

A representação, que era concebida na historiografia moderna/modernista como algo que possibilita a construção da verdade, passa a ser considerada, na historiografia pós-moderna/pós-modernista, [...] apenas (como) um texto, equivalente a tantos outros, cuja “realidade” é somente o resultado dos “efeitos de realidade” que esse texto possa criar, na dependência da leitura ou recepção pelo público leitor. (FALCON, (2011, p. 23).

Nesse sentido, cabe aos historiadores/pesquisadores refletirem sobre a historiografia, como questionar o discurso, suas práticas e a identidade regional.

As fontes dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos oferecem pistas à complexidade e à pluralidade da cultura, bem como da sociedade, dos indivíduos e das subjetividades, contribuindo com a ruptura de uma concepção unitária da realidade, além de

apontar para as diferentes trajetórias individuais relativas a casamento, batismo, à morte e, consequentemente, à história da família e da sociedade, em Conventos.

Scott (2013) destaca que a demografia Histórica nasceu a partir da metodologia Reconstituição de Famílias, que organizava os atos de batizado, casamento e óbito, em fichas nas quais seriam reunidas todas as informações colhidas sobre os indivíduos pertencentes a um mesmo grupo familiar. Esta metodologia a princípio possibilitou a análise empírica das variáveis demográficas, como fecundidade, mortalidade, nupcialidade, mobilidade das populações que viveram nos séculos passados. Entretanto, segundo Scott, ao inserir os dados demográficos, numa análise de perspectiva social, é possível realizar um estudo sobre a comunidade.

A reflexão qualitativa aos dados pesquisados constitui um dos meios mais indicados para se avaliar como os indivíduos, que viveram num determinado espaço geográfico e num dado espaço temporal, definiram seus arranjos familiares, como se relacionaram com parentes e vizinhos, e como tiveram acesso aos meios de produção, entre outros. (SCOTT, 2013, p. 19).

Na ótica da História Cultural, é possível refletir sobre as experiências de homens, mulheres e, consequentemente, sobre suas necessidades, seus interesses, costumes, hábitos, entre outros. O deslocamento da análise de observação macro para micro-história, segundo Scott (2013), permite observar o homem comum em sociedade, família e/ou vizinhança. As pistas oferecidas pelos registros eclesiásticos, analisadas como elementos culturais, podem ser entendidas como práticas ou relações que os grupos estabeleceram com o mundo social.

Quando nos reportamos aos registros devemos considerar que

Sendo, como foi, a religião católica sendo a oficial do Brasil Colônia em todo o período do Império todos os que aqui nascessem, morressem ou se casassem, deveriam passar pelo registro da Paróquia que, revestia-se, pois, e ao mesmo tempo, de um caráter religioso, com força de um ato civil de cada indivíduo. O estatuto do Padroado Régio no Brasil até pelo menos a Constituição de 1891 (quando foram separados Estado e Igreja) deu aos Registros Paroquiais uma cobertura praticamente universal da população brasileira (excluídos apenas os protestantes que surgem principalmente no Segundo Reinado e dos índios e africanos pagãos, ainda não batizados). (MARCÍLIO, 2004, p. 16)

As fontes relativas a casamento, nascimento e à morte, conforme reporta a autora, são de caráter Civil e praticamente únicos, são imprescindíveis e permitem inferir, em uma determinada espacialidade as práticas culturais decorrentes das relações de vizinhança, de trabalho e dos grupos étnicos, além da elaboração de suas representações.

As trajetórias de alguns registros eclesiásticos permitem identificar a filiação; o número de integrantes de cada família; a sazonalidade dos nascimentos e dos casamentos; a profissão dos pais e dos nubentes; o lugar de nascimento e os casamentos realizados; as redes de solidariedade estabelecidas na comunidade e/ou vizinhança; a mortalidade infantil e a expectativa de vida; as doenças; as relações entre etnias e religiões, dentre outros aspectos.

Karnal et al. (2011, p. 17) ensinam que o documento histórico raramente dócil, aberto ou fácil, quando dizem, a exemplo de Ginzburg, que o método histórico se aproxima muito daquele de um detetive ou de um médico que, à força de esforços titânicos, deve extrair coisas que só aparecem de forma indireta. Nesse sentido, Ginzburg, como os demais micro-historiadores, recomenda reduzir o campo de observação à escala do cotidiano, de uma determinada localidade e/ou vizinhança e/ou de um sujeito singular, em relação com as diferentes dimensões de uma determinada realidade ou de um contexto histórico. Apontam, ainda, para a abrangência do conceito de cultura, dando ênfase aos diferentes temas relacionados à vida cotidiana e às suas práticas, com o objetivo de recuperar as diversas formas dos arranjos sociais, a partir da diversidade das práticas individuais.

Segundo Karsburg (2015, p. 32), a micro-história de inspiração italiana pode ser compreendida como uma metodologia que tem permitido aos historiadores reconstruir trajetórias e biografias, que diferem do modelo tradicional de se estudar uma vida. A questão passa por problematizar os sujeitos inserindo-os em distintos contextos e distintas relações sociais, percebendo semelhanças e, principalmente, diferenças.

A leitura dos materiais parte da importância do conceito de comunidade proposto por Scott (2013), quando a autora aponta que seu estudo é um dos meios mais indicados para se avaliar como os indivíduos, que viveram num determinado espaço geográfico e num dado espaço temporal, definiram seus arranjos familiares, como organizaram seus agregados domésticos, como se relacionaram com parentes e vizinhos, como sobreviveram à passagem das gerações (em termos de transmissão de autoridade e de patrimônio) e como tiveram (se tiveram) acesso aos meios de produção, principalmente a terra. (SCOTT, 2013, p. 25-26).

A partir dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, procurou-se identificar *como*, *quando* e *com que* intensidade as pessoas nasciam, migravam, casavam e morriam. Etapas que geralmente estão presentes na vida de qualquer pessoa, mas interessa aqui abordar a complexidade de cada uma destas esferas na localidade de Conventos, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX.

Procurou-se responder a alguns questionamentos, por exemplo, a partir dos registros eclesiásticos de matrimônios: o casamento se dá somente entre membros da comunidade

evangélica? Como elas foram tratadas? Haveria uma melhor idade e tempo específico para a realização do casamento? Qual seria o perfil socioeconômico, familiar e profissional do noivo e da noiva?

Outras reflexões se referem a partir do levantamento dos registros de óbitos: Quais seriam as condições de higiene, levando-se em conta determinadas doenças cotidianas? Quais as moléstias que provocaram mortalidade infantil, bem como de homens e mulheres? Qual a incidência de morte de mulheres no parto? E de mortes em consequência de fatalidades?

4.1 Os Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, em Conventos

O referencial teórico e metodológico da Nova História, segundo Albeche (2002), busca compreender o homem na totalidade de suas manifestações, não circunscrevendo-o, exclusivamente, às cadeias do econômico, do político e do social e sim integrante de uma sociedade de grupos sociais que assumem comportamentos e estabelecem relações, em diferentes contextos históricos.

Os registros paroquiais se tornaram fontes de grande importância para a História, dados, que em muitos casos, são os únicos que encontramos diante da inexistência de registros oficiais de órgãos relacionados ao Estado. A riqueza de detalhes desses documentos, em função da diversidade de suas informações, abre um enorme leque de possibilidades de estudos e análise da vida e do cotidiano dessas famílias e comunidades.

Levando-se em consideração esses elementos na análise dos registros eclesiásticos, abordou-se tais fontes explorando algumas de suas características mais relevantes, no que se refere a um grupo de imigrantes evangélicos. Os documentos paroquiais são um potencial investigativo para os estudos históricos, em especial os registros de casamento, batismo e óbito, na medida em que essas fontes descrevem características pormenores, como as origens nacionais e regionais, as profissões, a religião, a faixa etária de homens e mulheres, ao se casarem, as enfermidades e moléstias que levavam à morte crianças e adultos, enfim, a condição social dos indivíduos listados, dessa maneira fornecendo informações importantes para a investigação histórica, de aspectos demográficos e sociais dos imigrantes evangélicos, de Conventos. Portanto, pesquisar sobre a história da imigração alemã evangélica em Conventos, através do registro de ofícios eclesiásticos, além do resgate da história dessa comunidade, leva-nos a compreender o caráter singular da memória e formação de sua identidade.

Durante os primeiros anos, as comunidades passaram pelo processo de formação e organização; igrejas e templos ainda não haviam sido construídas, e o atendimento dos ofícios religiosos dependia da passagem de pastores de outras regiões já organizadas que dispunham do atendimento, como, por exemplo, as regiões de Porto Alegre, da colônia de São Leopoldo e do Vale do Caí. Os chamados pastores leigos e/ou não formados desempenhavam as tarefas de realizar as cerimônias de batismos, casamentos e óbitos, carregando consigo os seus próprios livros de registro. Os batizados e casamentos, conforme se verá adiante com o levantamento dos dados, eram realizados na própria casa dos familiares ou de pequenos comerciantes.

Dentre os livros localizados na Paróquia de Conventos, encontram-se registros realizados também em Santa Manoela (Taquari), Arroio do Meio, Cruzeiro do Sul e Santa Maria da Soledade (Carlos Barbosa e São Vendelino) (BLACK, 2004, p. 46), atestando que os pastores percorriam localidades distantes uma das outras, para realizar seus ofícios.

Tendo por base os dados transcritos dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, da Comunidade Evangélica de Conventos, pelo pastor Armino Müller⁸, constata-se os registros realizados pelo pastor Ernest Hermann Doebber, ainda na antiga colônia de Santa Maria da Soledade, conforme citado. O primeiro registro data de 24.7.1865, de Adão Althaus (registro de batismo) assim como outros registros efetuados em outras localidades do Vale do Caí, e, somente a partir do mês de abril de 1869, é que surgem os primeiros registros de batismo, na colônia de Conventos.

Segundo Black:

A comunidade teve seu início no decorrer do ano de 1862, e que, até 1870, fora atendida exclusivamente por pastores leigos, somente no ano de 1870 que a colônia teria sido visitada por duas vezes, por um religioso com formação específica, o pastor Kleingünther, vindo de Porto Alegre. (BLACK, 2004, p. 46).

Nos registros transcritos por Müller, não constam dados referentes a batizados anteriores ao mês de outubro de 1869, porém, durante o ano de 1861, em duas ocasiões a comunidade teria sido visitada por um religioso com formação específica, já que consta o registro, em 21 de janeiro de 1861, do batismo de Jacob Scherer, nascido em 11 de agosto de 1860, na colônia Conventos. (BLACK, 2004, p. 46).

Em 29 de novembro de 1862, o pastor Philipp Weber realizou o batizado de Elisabeth Grün, nascida em 29 de junho de 1862, também na colônia Conventos, porém, tais

⁸ Armino L. Muller transcreveu os dados dos registros originais e publicou em dois livros: Comunidade Evangélica de Conventos: Tradução dos livros de registro de ofícios eclesiásticos, período de 1860 a 1903, primeira e segunda parte.

dados não constam daqueles transcritos e também não estão na paróquia de Conventos, conforme o próprio pastor Müller relata: “Não conseguimos localizar nenhum livro anterior a 1869. Mas deve existir algum”. (MÜLLER, 1998, p. 6). Estes dados, o pastor Doebber transcreveu de certidões de nascimento realizadas por pastores itinerantes, que haviam visitado a colônia durante a década de 1860. Nos livros de Doebber, vários registros de batismo contêm a observação de que tais dados foram extraídos do original do Pastor Felipe Weber, ou seja, os batizados realizados naquele período constavam de livros pertencentes a pastores que visitavam a colônia.

Essa informação vem comprovar que muitos pastores possuíam seus próprios livros de registro e, quando se mudavam de uma comunidade para outra, carregavam-nos consigo, deixando essas lacunas e dificultando um levantamento mais completo.

Outro dado que Müller destaca em seu trabalho de transcrição é o de que muitas palavras e nomes apresentavam problemas de grafia. Relata o importante trabalho do pastor Doebber, que não teve formação acadêmica, mas obteve seu registro de pastor com autoridades civis competentes, pois as anotações nos seus livros foram feitas à maneira dos cartórios. (MÜLLER, 1998, p. 5).

Em certos momentos transcrevia dados de certidões antigas de ofícios realizados por outros pastores, como que para validá-los. Este fato aconteceu principalmente com certidões de seu colega Weber, o que leva muitos pesquisadores a acreditarem que este tenha atuado também na colônia de Conventos. Tudo leva a crer que ele atuou esporadicamente em Conventos, por volta do ano de 1864, afirma Müller. (1998, p. 5).

Além do trabalho realizado pelos pastores, que ao desempenharem atividades religiosas, como batismos, casamentos e cerimônias fúnebres, com os devidos registros (com função civil), cabia-lhes o papel de confortar as famílias, pois, diante de dificuldades de adaptação à nova realidade, às doenças e à própria morte, era a única voz a acalantar as famílias que moravam em picadas distantes, embrenhadas no meio da mata. Os próprios pastores enfrentavam toda a sorte de dificuldades para estarem presentes. (RADÜNZ, 2008).

Dreher destaca a relação entre a situação de dificuldade vivida pela população da Europa, no século XIX, e o grande número de imigrantes que abandonaram aquele continente, citando como fatores principais:

Êxodo rural, a industrialização, reformas agrárias, o crescimento desenfreado dos centros urbanos, o colapso da agricultura em consequência da importação de produtos produzidos a custos bem inferiores na Austrália, na Argentina e nos Estados Unidos da América do Norte – tudo isso leva a procurar fazer a vida em outros continentes. (1989, p. 94).

Dentre os imigrantes alemães vindos ao Brasil, cerca de 60% eram protestantes. (DREHER, 1989, p. 60). Em não tendo legislação específica, fora a oficial (catolicismo), os imigrantes viam-se à margem, pois nenhuma lei ou norma determinava sua forma de praticar a religião e organização. Com a Independência do Brasil (1822):

[...] foi mantido o antigo padroado português, mas um acordo celebrado no início do século entre a coroa portuguesa e a coroa inglesa permitia o ingresso de pessoas de outros credos, desde que se reunissem em casas sem forma exterior de templo e respeitassem a religião oficial. Mesmo assim, faltava legislação específica no tocante a matrimônios protestantes, à cemitérios para protestantes e, principalmente, era impossível que, nos casos de matrimônios mistos, os filhos viessem a ser educados na fé luterana. (DREHER, 1989, p. 95).

Pode-se estabelecer a relação, mesmo após passados cerca de trinta anos do início do processo migratório, de que, na região de Conventos, sendo parte de uma segunda leva de famílias oriundas das colônias de São Leopoldo, Vale do Caí, de Santa Cruz do Sul, e de outras que vieram diretamente da Europa, encontram-se as mesmas características e os mesmos problemas relacionados à falta de estrutura e apoio do estado. A ausência de estrutura e organização levará alguns anos até as primeiras famílias iniciarem a vida em comunidade. Os próprios pastores, vindos de outras localidades, alguns com seus próprios livros faziam anotações para registro das atividades, ao percorrerem as picadas em visita às famílias.

Após fixarem-se em suas propriedades, as famílias careciam de um espaço que servisse como ponto de referência. Segundo o autor, organizavam-se e edificavam um estabelecimento que serviria como local de escola e de celebração dos cultos e, em local próximo, um espaço para o sepultamento dos membros daquela comunidade, uma vez que não poderiam utilizar o mesmo cemitério destinado aos católicos, ou mesmo os cemitérios públicos. Exceto em alguns casos, poucas famílias mais numerosas possuíam seu próprio local para sepultamento de seus antes queridos, como exemplo o cemitério da família Gisch (em Forquetinha/RS), que está preservado, e nos dias atuais ainda é utilizado para sepultamento de seus familiares.

Conventos não fugiu a tais características. A primeira construção foi de uma escola, em 1861 e esteve ativa até 1886. O local servia de escola e também para reuniões e celebrações. (SCHIERHORLT, 1992, p. 76).

A tarefa de ensinar também cabia, na maioria das vezes, aos pastores, uma vez que eram eles a pessoa mais instruída na comunidade. Sendo chamado de mestre-escola e/ou

professor pastor, ministrava as atividades escolares no mesmo espaço destinado às atividades religiosas e cultos, local que era chamado de escola-igreja. (DREHER, 1989).

Características dessa organização, a igreja, a escola e o cemitério eram edificadas a partir de esforços comunitários realizados pelas próprias famílias; tais espaços adquiriam aspectos de organização comunitária que, segundo o autor, nos dias atuais, se referem ao termo comunitário.

Fischer (1986) faz um relato do contexto no período da imigração, destacando os aspectos que influenciaram a vinda dos imigrantes. Como elemento propulsor, o movimento migratório tinha por objetivo: “A defesa da recém declarada independência, o branqueamento da população, segurança e integridades nacionais, a conquista de terras habitadas por indígenas, a valorização fundiária, a produção agrícola, construção e conservação de estradas”. (FISCHER, 1986, p. 12).

Fischer (1986, p. 2) destaca, também, que a vinda dos imigrantes serviria na Província de São Paulo como “mão-de-obra para os latifúndios cafeeiros onde Nicolau Pereira de Campos Vergueiro havia introduzido o sistema de parcerias”. Cita também que, quanto à religiosidade, “os evangélicos trouxeram consigo suas tradições de fé e seus costumes comunitários. Também no Brasil queriam reunir-se em cultos, batizar seus filhos, casar perante o pastor e enterrar seus mortos com o consolo da palavra de Deus”. (1986, p. 13). Para o autor, a diferença entre a organização da igreja na Alemanha e no Brasil é muito grande, pois em seu país de origem era o Estado quem detinha o poder para administrar a igreja e, no Brasil, coube aos próprios imigrantes a tarefa de organizar suas comunidades religiosas.

Em sua maioria, os fiéis que frequentavam e participavam das comunidades até meados do século XX eram pertencentes a comunidades rurais, constituídas por famílias que se instalaram no interior da colônia, não deixando de existir também em cidades já constituídas, porém, com pouca influência, comunidades evangélicas. Tal situação mudaria posteriormente com o advento da industrialização e o êxodo rural, estabelecendo-se um equilíbrio quanto à participação tanto no campo quanto na cidade.

A atuação dos pastores não ordenados começa a perder espaço a partir de 1860:

[...] quando entidades eclesiásticas enviaram da Europa um maior número de pastores formados para o Brasil. Destacaram-se a Igreja Evangélica da Prússia, a Sociedade Missionária da Basileia (Suíça), a Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América, de Barmen (Alemanha), e uma organização conhecida hoje como Federação Martim Lutero, também da Alemanha e acentuadamente luterana. (FISCHER, 1986, p. 14).

O autor evidencia não somente a organização das comunidades e as práticas religiosas, mas também a importância que essas comunidades tiveram na organização educacional, tarefa atribuída a membros das próprias localidades.

A distância entre localidade e/ou comunidades influenciou para uma nova forma de organização: “As comunidades agruparam-se em igrejas regionais, chamadas de sínodos, para uma caminhada em conjunto”. (FISCHER, 1986, p. 15). Essa organização visava melhor organização e coesão das comunidades evangélicas, com ênfase também de conforme a “tradição evangélica, apoiarem as escolas comunitárias de 1º grau e as associações de professores evangélicos. Fomentaram ou promoveram a fundação de escolas de 2º grau e, em 1900, um centro de formação de professores primários, a Escola Normal Evangélica (ENE)”. (p. 16).

O autor aponta aspectos do período inicial da chegada dos imigrantes, contrariando a ideia de que o processo de formação da Igreja Evangélica Alemã tenha se dado de forma natural, harmônica e organizada. Devido à situação em que se encontrava a Europa e à forma como tiveram que se adaptar ao chegarem no Brasil, não houve preocupação sobre como seus fiéis aqui se encontravam.

É de se admirar, portanto, que os nossos jovens colonos, miseráveis, mal desembarcaram no país, tendo mais do que o suficiente a fazer com os cuidados com a própria casa, não perderam tempo e se preocuparam em providenciar por igreja e por escola. Isso demonstra o seu espírito religioso. (RAMBO, 1999, p. 527).

A tarefa da organização da comunidade, a preocupação com a religiosidade e a educação de seus filhos ficou legada às próprias famílias, que, não podendo contar com o auxílio de seu país de origem, e muito menos aqui no Brasil, por ser um país de tradição religiosa oficial católica, tiveram que se organizar por conta própria.

O imigrante a princípio, e depois o vigário e o pastor tiveram que solucionar, diante da omissão governamental, tão lamentável quão importante lacuna: a falta de professor. E este foi recrutado entre os próprios colonos e não pôde ensinar senão a língua alemã. (MORAES, 1981, p. 100).

Com a chegada de novas levas de imigrantes, as pequenas comunidades já formadas e organizadas, de forma a atenderem basicamente com um espaço para a escola e igreja, careciam ainda de pastores e professores, cabendo aos membros da própria comunidade destinar e escolher alguém para desempenhar tais ofícios.

Quando, então no correr dos anos, entraram no país novos contingentes de imigrantes que encontraram pequenas comunidades e escolas zeladas pelos seus

conterrâneos, não podendo contar, entretanto, com religiosos que pudessem assumir a tarefa de professor de seus filhos, procurando ajudar-se a si mesmos, investindo como pastores e como professores aqueles que eram mais aptos para tal tarefa. Foi obra da necessidade. Infelizmente da necessidade se fez hábito. (RAMBO, 1999, p. 527).

Conventos, mesmo recebendo uma segunda leva de imigrantes, enfrentou os mesmos problemas que o autor aponta como características do início da imigração. As famílias, se quisessem contar com escola, igreja, pastores e professores, teriam que escolher eles mesmos e, dentre seus membros, alguém que se dispusesse a desempenhar as funções religiosas e educacionais.

O governo brasileiro não se preocupou com os assuntos religiosos dos não-católicos, os quais eram autorizados a realizar as práticas religiosas em moradias particulares ou em casas construídas pela comunidade que, entretanto, não podiam exibir qualquer sinal externo de templo. (RAMBO, 1999, p. 528).

A despreocupação por parte do governo brasileiro, em não acompanhar a organização religiosa das comunidades e por estas não poderem remunerar ou garantir exclusividade às atividades eclesiais e educacionais a pessoas preparadas para tais funções, fez com que, nas localidades, enfrentassem situações desconfortáveis, pois, por vezes, assumiam tal função pessoas que não estavam preparadas e geravam situações de constrangimento, que não condiziam com boa prática às tarefas diante da comunidade.

4.2 Os Registros

Os Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, em Conventos, do período que vai do ano de 1860 até 1903, foram escritos por pastores que atenderam Conventos, inicialmente realizando visitas esporádicas, itinerantes; atendendo às famílias nas pequenas comunidades e picadas e, posteriormente, com pastores que passaram a residir em Conventos e atender às comunidades mais próximas, pertencentes a essa mesma colônia.

Muito do que se conhece da história advém das pesquisas em registros paroquiais, e maior ainda é sua importância em um período em que, no Brasil, não se reconhecia nos dados civis aqueles pertencentes a grupos de imigrantes evangélicos. Dessa forma, os livros de registros passaram a ser os únicos documentos oficiais, como dados civis pertencentes àqueles grupos, até ser instituída lei que passaria a reconhecê-los.

A relevância em ter esses livros e seus dados preservados permite termos verdadeiras fontes de pesquisa, uma vez que não eram reconhecidos como documentos oficiais. Como se pode entender:

No Brasil, ao tempo do Império, dadas as relações entre Igreja e o Estado, os assentamentos paroquiais eram revestidos de todo o valor probante e não se conhecia outro registro que não o religioso. Em 1861 foi instituído o casamento leigo para os acatólicos, fato que gerou como consequência o registro dos atos dele decorrentes. O decreto 9.886 de 7 de março de 1888 foi, entre nós, o primeiro ato a regulamentar os registros das pessoas naturais: nascimentos, casamentos e óbitos que se verificassem no Império. Com o advento da República foram, pelo novo governo, baixadas determinações no sentido da manutenção e obrigatoriedade dos registros públicos. (SILVEIRA; LAURENTI, 1973, p. 38).

Para Conventos, estes livros representam a preservação da história local, com dados que levam à compreensão da organização familiar e social deste grupo de imigrantes.

Algumas lacunas são percebidas quanto aos registros, pois dados relacionados aos primeiros anos da ocupação de Conventos não foram encontrados, senão aqueles transcritos para os livros oficiais, realizados pelo pastor Doebber. Da mesma forma, verificou-se a ausência de registros de óbitos anteriores ao ano de 1882, que também não é explicada por Müller (1998), quando realizou as transcrições, e não estão junto a outros livros pertencentes à Paróquia de Conventos. Uma hipótese, que se pode atribuir a essa ausência, é a de que pastores, quando visitavam a colônia de forma itinerante, realizavam os registros, e devem ter levado os livros quando se deslocavam de uma região para outra, ou até mesmo terem sido extraviados com o passar do tempo.

Os registros realizados no período que antecede a chegada do pastor Doebber, segundo Müller (1998), ele os transcreveu de certidões antigas, quando as encontrava, de ofícios realizados por outros pastores, como que para validá-los. Estes livros, sob a guarda da Paróquia de Conventos, em Lajeado/RS, foram traduzidos e transcritos dos originais pelo pastor Armindo L. Muller, que compôs relevante material de pesquisa histórica. Parte dos registros originais estão escritos em alemão e em estilo gótico, e parte em português. Os livros, além de transcritos, foram digitalizados, e constituem valioso material de pesquisa sobre imigração alemã-evangélica.

As anotações realizadas nos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, em Conventos, pelo pastor Ernst Hermann Doebber, no período de 1860 a 1885, foram

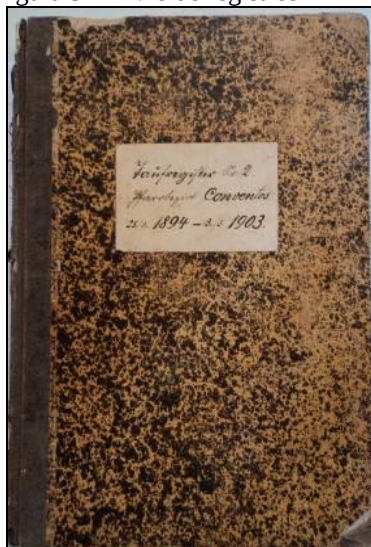
complementadas àquelas iniciadas por ele na localidade de Santa Maria da Soledade.⁹ Quando da chegada de Doeбber a Conventos, ele passou a dar sequência aos registros no mesmo livro, porém, o que nos chama a atenção é que registros de óbitos não constam em seus livros. Estas anotações constituíram o primeiro Livro de Registro de Ofícios Eclesiásticos efetuado pelo pastor Doeбber, quando anotou dados referentes aos nascimentos e casamentos, na época de sua atuação como pastor nas referidas comunidades de Santa Maria da Soledade (região do Forromeco/Vale do Caí) e da região que compreendia toda a colônia de Conventos, bem como os registros posteriores realizados por outros pastores.¹⁰

O acervo de Livros de Registro de Ofícios eclesiásticos, do período entre 1860 e 1903, constituem o conjunto de fontes, que tem por base a pesquisa. Conforme organização de Müller (1998), a primeira parte é assim constituída: Livros de Registro dos Batismos do pastor Ernst Hermann Doeбber, Livro II vol. I a, de 5.11.1865 a 25/09/1885; Livro de Registro de Batismos de Conventos n. 3, vol. I b, de 11.9.1885 a 25.3.1895; Livro de Registro de Batismos da Paróquia de Conventos, de 11.9.1887 a 25.9.1894; Livro de Registro de Batismos de Conventos, de 25.9.1894 a 3.5.1903, primeira parte; Livro de Registro de Batismos anexado ao livro de Óbitos de 15.10.1887 a 31.12.1903, que se inicia em 3.5.1903; Livro de Registro de Casamentos do pastor Ernst Hermann Doeбber Livro I, vol. I a, de 27.12.1860 a 24.8.1868; Livro de Registro de Casamentos do pastor Ernst Hermann Doeбber Livro II, n. 2, inicia em 28.4.1885 em Forromeco e termina em Novo Berlim da Forquetinha, em 4.6.1894 e Livro de Registro de Óbitos da Paróquia de Conventos, que inicia em 15.10.1887 a 31.12.1903. Na segunda parte: Livro de Batismos de Conventos de 1882 a 1887; Livro de Batismos de Conventos vol. I, de 11.9.1887 a 28.9.1894; Livro de Batismos de Conventos, de 25.9.1894 a 3.5.1903 (segunda parte); Livro de Sepultamentos de Conventos de 1822 a 1884 e Livro de Sepultamentos de Conventos de 1887 a 1889.

⁹ Em seis de fevereiro de 1855, o vice-cônsul francês, Conde Paulo Montravel, conseguiu a concessão do governo Imperial e comprou uma área de 16 léguas, situada no Forromeco Superior. Teria o prazo de cinco anos para colonizá-la. Enfrentando dificuldades financeiras, Montravel instituiu uma empresa colonizadora, juntamente com três sócios, Dr. Israel Soares de Barcelos, Dr. Dionísio de Oliveira Silveiro e João Coelho Barreto. A área de 16 léguas foi denominada de Colônia Santa Maria da Soledade, e foi dividida entre seus sócios. Disponível em: <<http://www.saovendelino.rs.gov.br/historia.php>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

¹⁰ Müller escreve que, no período entre 1864 a 1903, os seguintes pastores atuaram em Conventos e na região próxima a essa localidade: Pastor Philipp Andreas Weber, 1864; Pastor Ernst Hermann Doeбber, 1869-1895; Pastor Wilhelm Kleingünther (de Porto Alegre), 1870; Pastor Gustav Adolf von Graven, 1871-1886; Pastor Friedrich Häuser (de Teutônia), 1873-1876; Pastor Joseph August Adolf Becker, 1882-1887; Pastor Friedrich Christian Kleikamp, 1887-1889; Pastor Heinrich Gauss, 1888-1894; Pastor Heinrich Eduard Falk, 1890-1899; Pastor Ludwig Hoppe, 1889; Pastor Heinrich Albert Karl Schreiner, 1899-1906; e o Pastor Gans, 1900. Comunidade Evangélica de Conventos – Tradução dos Livros de Registro de Ofícios Eclesiásticos, período de 1806 a 1903 – Primeira parte. (MULLER, 1998, p. 6).

Figura 5 – Livro de registros



Fonte: Genealogia RS – 01-BAT-1887-1894 (1).

Figura 6 – Livro de registros



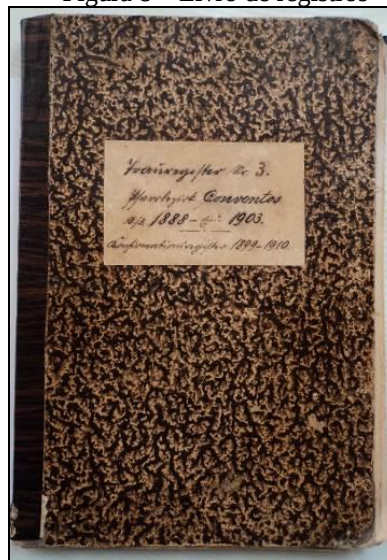
Fonte: Genealogia RS – 01-BAT-1894-1903 (1).

Figura 7 – Livro de registros



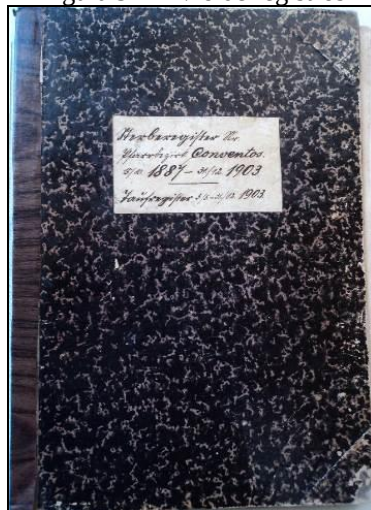
Fonte: Genealogia RS – 02-CAS-1865-1894 (1).

Figura 8 – Livro de registros



Fonte: Genealogia RS – 01-BAT-1894-1903 (1).

Figura 9 – Livro de registros



Fonte: Genealogia RS – 03-OBI -1887-1903 (1).

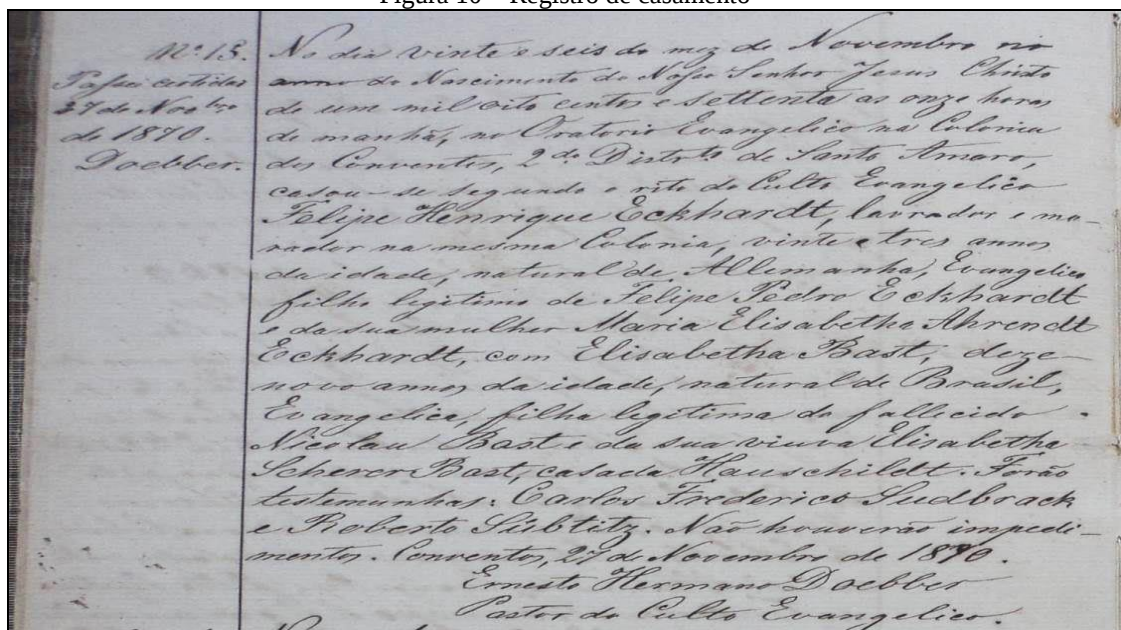
Os registros de casamentos, batismos e óbitos foram redigidos mantendo certo padrão, conforme se observa no registro transcrito abaixo:

Nº 15 Passei Certidão 27 de novembro de 1870. Doebber.

No dia seis do mês de novembro do ano de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de um mil oitocentos e setenta as onze horas de manhã, no Oratório Evangélico na Colônia dos Conventos, segundo Distrito de Santo Amaro casou-se segundo o rito do Culto Evangélico Felipe Henrique Eckhardt, lavrador e morador na mesma Colônia, vinte e três anos de idade, natural da Allemanha, filho legítimo de Felipe Pedro Eckhardt e da sua mulher Maria Elisabetha Arenhardt Eckhardt com Elisabetha Bast, dezoito anos de idade natural do Brasil, Evangélica filha legítima do falecido Nicolau Bast e da sua viúva Elisabetha Scherer Bast, casada Hauschildt. Foram testemunhas Carlos Frederico Sudbrack e Roberto Subtitz. Conventos, 27 de novembro de 1870. Ernesto Hermano Doebber. Pastor do Culto Evangélico. (GENEALOGIA RS, 02- CAS-1865 -1894 digitalização folha 8).

Como se trabalhou com dados de sete livros escritos por vários pastores, selecionou-se alguns recortes para exemplificar a diferença na forma de registro de cada um. Na figura que segue, há o original do registro realizado pelo pastor Doebber transcrito anteriormente.

Figura 10 – Registro de casamento



Fonte: GENEALOGIA RS – 02- CAS -1865 -1894 digitalização folha 8.

Na figura que segue, o recorte de registros de óbitos, escrito em alemão em estilo gótico.

Figura 13 – Registro de casamento

Nº	Nome do Brado	Nome do Brado	Residência	Residência	Profissão	Profissão	Idade	Data do Casamento	Assinatura
32	Jacob Taffe	Carl Taffe	Torreense	Torreense			1872	20 de Feb. 1897	Christian Toller
	Taffe	Philipp Hans	"	"			50	20 de Feb. 1897	Christian Born
	Catharina	Peter Hepp	"	"			1879	20 de Feb. 1897	
	Hepp	Barthelme	"	"			20	20 de Feb. 1897	

Fonte: GENEALOGIA RS – 02 – CAS -1888 – 1903 digitalização folha 25.

Figura 14 – Registros de batismo

Nº	Nome do Batizado	Nome da Mãe	Nome do Pai	Nome do Padrinho	Nome da Madrinha	Data do Batismo	Assinatura
163	Bernardina Sophia Koochs	18	18	18	18	18	18
164	Ana Maria Schmittel	18	18	18	18	18	18

Fonte: GENEALOGIA RS – 01 – BAT – 1865 – 1885 digitalização folha 5.

Figura 15 – Registros de batismo

Nº 1. Aos dezasseis dias de Outubro em mil oitocentos oitenta e seis foi baptizada segundo o rito evangelico <u>Guilhermina Viefberg</u>, nascida aos dezasseis de Setembro do dito anno, filha legítima de Jacob Henrique Viefberg e da sua mulher Henrique Bernhardina Koochs, neto actual morador da Picada Arroio Negro, neto paterno de Jacob Viefberg e da sua mulher Joana Seckmar, e materno de Henrique Koochs e da sua mulher Christina Fenecke. Forão padrinhas: Guilhermina Koochs. Arroio Negro, aos 16 de Outubro de 1887. Eu, Christiano Frederico Klekamp, Pastor do Culto evangelico, registado no 2º districto de Santo Antonio da Estrella, que o escrevi, assino com a minha propria assignatura. Pão-Fel dos Conventos, aos 26 de Outubro de 1887. Christiano Frederico Klekamp.	Nº 1. Aos vinte e dois dias do mes de Outubro foi baptizado na Picada Arroio Negro, no 2º districto de Santo Antonio da Estrella, na casa do seu pai segundo o rito evangelico <u>Antonio Henrique Krug</u>, nascido aos dez de Março de mil oitocentos oitenta e seis, filho legítimo de Adão Frick Krug e da sua mulher Maria Sophia, neto paterno de Jacob Krug e da sua mulher Maria Catharina Marx, e materno de Jacob Schepke e da sua mulher Susanna Givend. Forão padrinhas: Antonio da Silva Lourenço, Henrique Jacob Krug, Guilhermina Constança Lourenço. Picada Arroio Negro, aos 22 de Outubro de 1887. Eu, Christiano Frederico Klekamp, Pastor do Culto evangelico, registado no 2º districto de Santo Antonio da Estrella, que o escrevi, assino com a minha propria assignatura. Pão-Fel dos Conventos, aos 26 de Outubro de 1887. Christiano Frederico Klekamp.
--	---

Fonte: GENEALOGIA RS – 01 – BAT – 1887 – 1894 digitalização folha 9.

Nos registros de óbitos, os dados também são descritos parte em forma de texto e parte em forma de quadro, bem sucintos, com poucas informações, e todos escritos em alemão.

Figura 16 – Registro de óbito

50. Am 22 Juli 1891 starb in Fognatrinhe <u>Peter Dromseier</u> , geboren am 18 August 1839, - auf d. Hofe des Philipp Dromseier und seiner Gefrau Dromseier geb. und wurde am 22 ^{ten} d. Monats auf dem Schiff bei Scherer beerdigt.	57. Am 22 November starb in Fognatrinhe an Wundstich die Witwe <u>Margaretha Buel</u> geb. Schenk in d. Hofe des Wundstichs Bauer, geboren 1845 in Oetche in Schwabach Dorstathum Birkensfeld - und am 23 ^{ten} d. Mo. auf dem Schiff bei Bauer beerdigt. -
51. Am 3 August 1892 starb in Lempais <u>Leos Fester</u> , geboren am 28 April 1881, auf d. Hofe des Jacob Fester und / Gf. Gabriele Dilling und wurde am 7 ^{ten} August d. Mo. auf dem finkend Schiff beerdigt.	58. Am 26 December starb in São Gabriel des Colarist <u>Philipp Carl Eckhardt</u> an Wundstich und wurde am

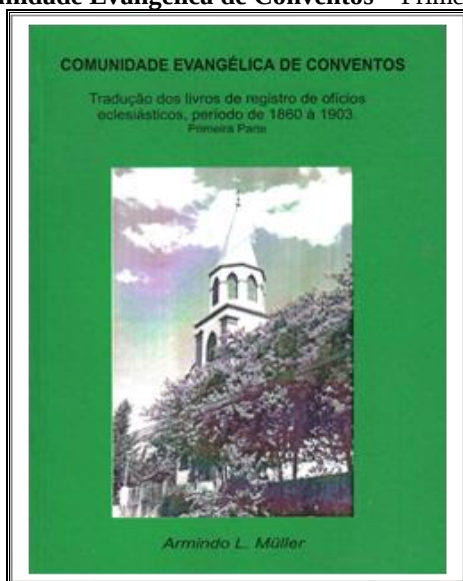
Fonte: GENEALOGIA RS – 03 – OBI – 1887 – 1903 digitalização folha 10.

Figura 17 – Registro de óbito

No	Nome	Estorbo	Idade	Morte	Local	Eltern (und Kindstamm)	Batizant	Beerdigt
115	Rudolf Schmeier	13. Oktober 1901	2 Juli 1899	Fognatrinhe	-	Nicolaus Schmeier - Anna, Oetche (Fognatrinhe)	14. Oktober 1901	3. Fognatrinhe (Schiff) (Wundstich) (Wundstich) (Wundstich)
116	Katharine Stork	24. Oktober 1901	11. Januar 1861	Fognatrinhe	-	Philipp Stork - Katharine, Wagner (Fognatrinhe)	25. Oktober 1901	3. Fognatrinhe (Wundstich) (Wundstich) (Wundstich)

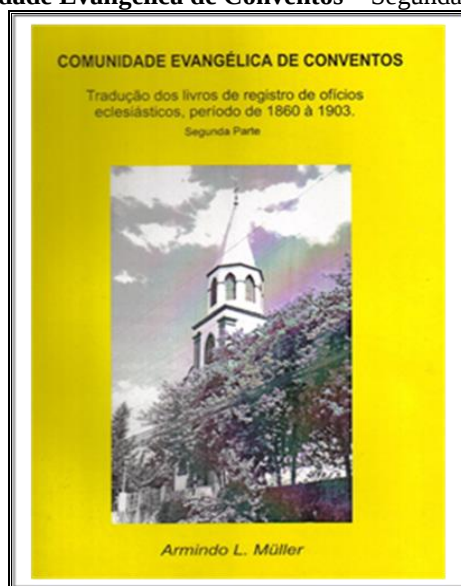
Fonte: GENEALOGIA RS – 03 – OBI – 1887– 1903 digitalização folha 24.

A transcrição dos livros se dá conforme a cronologia dos registros realizados pelos pastores, separados pelo ano e por categoria, como Batismos, Casamentos e Óbitos. Deste processo de transcrição realizada por Müller (1998), resultaram os dois volumes organizados, facilitando a compilação de dados para, posteriormente, realizar uma análise mais detalhada dos mesmos.

Figura 18 – Capa do livro **Comunidade Evangélica de Conventos** – Primeira Parte – MÜLLER, Armindo L

Fonte: Cópia feita pelo autor do texto.

Figura 19– Capa do livro **Comunidade Evangélica de Conventos** – Segunda Parte – MÜLLER, Armindo L.



Fonte: Cópia feita pelo autor do texto.

Desse modo, vários são os questionamentos que podem ser realizados a partir das informações dos Livros de Registro, em Conventos. Para dar resposta às diferentes perguntas, procurou-se, inicialmente, criar um banco de dados, a partir dos registros relacionados aos casamentos, aos nascimentos e às mortes e, assim, realizar análise quantitativa e qualitativa das informações levantadas.

Segundo Almeida (2011), o interesse em aproximar-se da experiência individual e da diversidade das trajetórias sociais levou historiadores dos períodos recentes a praticarem micro história social, que requeria ter, como método privilegiado, a prosopografia ou biografia coletiva; o uso generalizado da informática possibilitou a confecção de bancos de dados cada vez mais complexos e ricos.

Nesse sentido, pode-se entender que a prosopografia ou biografia coletiva foi concebida como uma mudança de perspectiva em relação à história social tradicional, pautada na documentação serial. Segundo a autora, nessas novas abordagens os grupos se definem por suas propriedades relacionais ou por suas imagens recíprocas, ou pela capacidade em impor uma imagem de si mesmo aos outros, ou seja, a prosopografia constitui um recurso para a apreensão do papel histórico desempenhado por determinadas coletividades e permite revelar características comuns de determinado grupo social, em dado período histórico, permitindo observar os grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com outros grupos e com o espaço de poder; portanto, auxilia na compreensão de redes e configurações.

Assim, apresenta-se a seguir parte do levantamento em fontes referentes à comunidade evangélica, em Conventos. Segundo a transcrição dos Livros de Registro de

Ofícios Eclesiásticos, no período de 1860 a 1903, partiu-se dos registros de casamentos por meio da elaboração de quadros, procurando identificar o nome dos noivos, a idade, a naturalidade, a profissão, o ano do casamento, a religião dos nubentes, o local de sua realização e demais observações, como, por exemplo, o casamento de um homem e/ou mulher, na condição de viuvez.

Nos registros de batismo, procurou-se identificar a data e o local de nascimento dos meninos e das meninas, a profissão dos pais, a relação entre o nome dos padrinhos e o nome dos batizados e dados estatísticos de nascimentos no período estudado.

Nos registros de óbitos, procurou-se identificar o nome, a data de nascimento e de morte, o motivo do óbito e o local do sepultamento. Tais dados remeterão a estatísticas quanto ao total de falecidos homens, mulheres e crianças, além da morte de crianças e de mulheres durante o parto e as principais doenças apontadas como motivo do óbito.

Para que se possa ter maior qualidade na leitura desses dados, antes de passar a eles analisa-se quem são esses escrivães, ou seja, os pastores responsáveis pelos registros, pois atuaram na colônia de Conventos.

5 PASTORES QUE ATUARAM EM CONVENTOS

A carência de pastores e professores para atuarem nas colônias de emigrados era muito grande, tanto que, na ausência de pastores com formação específica, para atuar nas localidades que se formavam. Dentre os membros da comunidade, escolhiam alguém com maior instrução para desempenhar estas atividades, ou dependiam do atendimento realizado pelos chamados pastores itinerantes. Estes percorriam o interior das colônias de tempos em tempos, para realizar serviços como casamentos, batismos, óbitos e celebrações. Essa deficiência relacionada à instrução religiosa e à atuação de pessoas com formação específica preocupava algumas instituições que atuavam nas regiões de origem dos emigrados, conforme escreve Radünz:

Buscava-se auxiliar os emigrados na construção da vida religiosa, suprindo-os principalmente com pastores. Por essa razão, houve uma relação estreita entre as sociedades missionárias (CAPSB e SEL) e a Sociedade Evangélica de Barmen (SEB), juntamente com a Sociedade Missionária da Renânia (SMR), as quais supriam esse trabalho com pastores e professores. (RADÜNZ, 2008, p. 26).

Essa carência foi sentida também pela comunidade de imigrantes alemães-evangélicos na colônia de Conventos, pois, nos primeiros anos, dependiam do trabalho de pastores que passavam, esporadicamente, pelas comunidades que iam se formando.

Consta como um dos primeiros pastores a atender a Comunidade de Conventos, Philipp Andreas Weber, citado como sendo pastor leigo (MÜLLER, 1988); porém, nos Livros de Registro existentes e transcritos por Müller, e daqueles digitalizados pelo grupo Genealogia, RS, não se encontrou nenhum registro assinado por este pastor, senão aqueles registros incluídos nos livros do pastor Doebber, que foram atribuídos ao pastor Weber. Do ano de 1860 até 1903, consta que atuaram na região doze pastores, alguns com formação específica e outros, pastores leigos, como eram denominados.

No quadro que segue, estão os pastores que atuaram em Conventos, que desempenhavam suas funções de forma itinerante, como pastores leigos e os que tiveram formação específica.

Quadro 1 – Pastores que atuaram em Conventos

NOME DOS PASTORES	PERÍODO DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO
Philipp Andreas Weber	1864	Pastor leigo
Ernst Hermann Doebber¹²	1865-1895	Pastor leigo
Wilhelm Kleigünther	1870	Pastor formado
Gustav Adolf von Graven	1871-1886	Pastor leigo
Friedrich Häuser	1873-1876	Pastor formado
Joseph August Adolf Becker	1882-1887	Pastor leigo
Friedrich Christian Kleikamp	1887-1889	Pastor formado
Heinrich Gauss	1888-1894	Pastor leigo
Heinrich Eduard Falk	1890-1899	Pastor formado
Ludwig Hoppe	1899	Pastor formado
Heinrich Albert Karl Schreiner	1899-1906	Pastor formado
Emil Gans	1900	Pastor leigo

Fonte: MÜLLER (1988, p. 6). Tabela: Elaboração do autor.

De alguns pastores encontramos poucos registros e/ou dados referentes à sua passagem por Conventos, no período em que exerceram suas atividades nesta colônia; outros há biografias mais completas, relatos de suas experiências e atividades desempenhadas, não somente em Conventos, mas também em outras regiões de imigração alemã-evangélica.

A relação com as famílias e comunidades por vezes levaram a conflitos, dependendo da forma de atuação e da personalidade de cada pastor. Uns tinham vida simples e características idênticas a dos imigrantes, participando de toda e qualquer atividade, o que para uns era normal; porém, para outros, tornava-se motivo de reclamação e reprimenda; outros ainda tinham formação específica, para desempenhar tal função nas comunidades por onde passavam.

Estão a seguir os pastores conforme período de atuação em Conventos, seguindo a ordem cronológica.

¹² O Longo período de permanência em Conventos (1865-1895) atribuída ao pastor Doebber, é assim considerada, pois o mesmo passou a residir em Forquetinha, localidade que no período pertencia a colônia de Conventos. Doebber, mesmo não estando mais como pastor em Conventos, continuou a realizar atendimento para familiares e conhecidos, como casamentos, batizados, sepultamentos e celebrações. (RICHTER, 2006, p. 11-12).

Pastor Philipp Andreas Weber – (1864) pastor leigo

Pastor Philipp Andreas Weber (nasceu em 1813 e faleceu em 1879) tinha como esposa Margarethe Ubel. Weber era pastor leigo, não possuía formação específica; era natural de Weierbach, Principado de Birkenfeld. Chegou a São Leopoldo em 27.12.1855, acompanhado de sua esposa e de cinco filhos. Morou de início em Campo Bom, atuando como mestre-escola, posteriormente mudou-se para Linha Nova, exercendo a função de pastor evangélico, a partir de 15.10.1859.

Figura 20 – Pastor Philipp Andreas Weber



Fonte: HUNSCHE (1983, p. 46-47).

Era considerado “uma pessoa bastante irrequieta e controvertida, atendeu também outras comunidades no estado (como Campo Bom e **Conventos**) ”. (HUNSCHE, 1983, p. 45). “Por ter sido mestre escola, e não pastor formado, tratava a religiosidade com menos rigor. Não se furtava a jogar cartas e tomar cerveja com seus paroquianos, estabelecendo assim uma sólida amizade”. (BLACK, 2002, p. 6 – Arquivo particular).

Nas comunidades em que atendeu (São José do Hortêncio, Linha Nova e Nova Petrópolis, e como pastor itinerante em Feliz, Forromeco e Linha Brochier), o descreveram

como “uma pessoa que conduziu-se bem, servindo os indigentes gratuitamente. Depois entregou-se ao vício de beber”. (HUNSCHE, 1983, p. 45). Não sendo mais aceito pela comunidade, transferiu-se para Nova Petrópolis, residindo em picada vizinha, atendendo uma comunidade de 20 famílias pomeranas, atuando até 1879, ano de sua morte.

Pastor Ernst Hermann Doebber (Döbber) – (1869-1895) pastor leigo

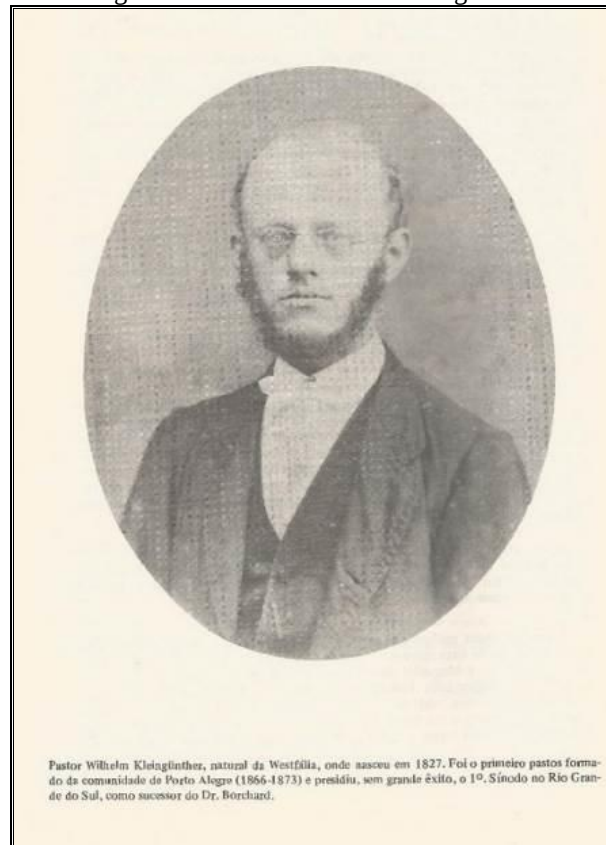
Ernst Hermann Doebber (Döbber) nasceu em 1827 em Wernigerode am Harz Sachsen Anhalt, centro da Alemanha. Chegou ao Brasil como Cabo em 1851, integrava a legião alemã de 1800 soldados, os Brummer, que tinha a missão de lutar na Guerra do Brasil contra o ditador Rosas da Argentina. Doebber atuou na região do Forromeco e casou-se com Maria Dorothea Michels. Em 1860 passou a atuar como pastor e professor leigo, atendia comunidades no vale dos rios dos Sinos e Caí, simultaneamente. Naquele período, passava esporadicamente pelo Vale do Taquari. (RICHTER, 2006).

Em 1869, veio em definitivo para Conventos, onde atuou até 1876, quando não foi mais aceito pela comunidade, pois “sua conduta não pessoal não foi muito recomendável, motivo pelo qual teve que se afastar da região”. (MÜLLER, 1998, p. 5). Passou a realizar os trabalhos de professor e pregador leigo, na região entre os Municípios de Teutônia e Montenegro. Retornou para Conventos, mais especificamente em Forquetinha e continuou prestando atendimento para as famílias. Residiu nessa localidade até sua morte, em 8 de julho de 1895, e está sepultado no cemitério do atual Município de Forquetinha. (MÜLLER, 1998, p. 5-6).

Pastor Wilhelm Kleingünther – (1870) pastor formado

Pastor Wilhelm Kleingünther nasceu em 1837, em Ibbenbüren, Westfália. Veio para o Brasil em 1865, enviado pelo Conselho Diretor da Igreja Prussiana de Berlim e ficou em Porto Alegre até o ano de 1873.

Figura 21 – Pastor Wilhelm Kleingünther



Fonte: HUNSCHE (1983, p. 58).

Foi responsável por um relatório enviado à Alemanha em que descrevia, principalmente, sobre os pastores auxiliares. “O autor possivelmente, carregou um pouco nas cores negras com que os quis retratar, já que vimos que nem todos foram vadios e alcoólatras, senão, muitos deles, gente honestamente preocupada em ver o evangelho de Cristo pregado entre seus irmãos da fé no sul do Brasil”. (HUNSCHE, 1983, p. 57).

Pastor Gustav Adolf von Graven – (1871-1886) pastor leigo

Pastor Gustav Adolf von Graven nasceu em 1838 e faleceu em 1909. Atuou como oficial do Exército de Schleswig-Holstein (Europa), vindo a desertar, e na Guerra de Secessão, nos Estados Unidos, ao lado dos estados do Sul. “Era dado à bebedeira e há quem diga que este não seja seu nome verdadeiro. É descrito como um homem de grande inteligência, bom orador e possuidor de uma voz muito forte”. (MÜLLER, 2003, p. 26-27). No Brasil, passou entre 1871 e 1886 por Teutônia, Linha Pinheiro Machado, Conventos, Forqueta, interior de Venâncio Aires e localidades próximas.

Pastor Friedrich Häuser e/ou Ferdinand Häuser – (1873-1876) pastor formado

O pastor Häuser é citado por Müller (1998), com o nome de Friedrich Häuser, e Wachholz (1999) escreve o primeiro nome como Ferdinand, havendo no caso deste pastor um problema de grafia.

Friedrich Häuser teve formação seminarística, trabalhava como segeiro e como missionário, auxiliou com a ordem hospitalar “Johanniter”, na guerra entre Prússia e França. Casou-se com Auguste Moosblech e teve oito filhos. (WACHHOLZ, 1999).

Chegou à São Leopoldo em 15.2.1873, atuou inicialmente em São Leopoldo e posteriormente transferiu-se para Teutônia, RS, atuando de 1873 até 1890. Exercia também atividade médica em Teutônia e colônias dos arredores, quando o procuravam. Em Conventos, prestou atendimento no período entre 1873 e 1876. Retornou para a Alemanha em 1890 e faleceu no dia 12 de agosto de 1891, em Herborn. (WACHHOLZ, 1999).

Pastor Joseph August Adolf Becker – (1882-1887) pastor leigo

Pastor Joseph August Adolf Becker atuou em Conventos entre os anos de 1882 e 1887, como sucessor do pastor Doebber. Após casar-se em Conventos com a filha de um dos fundadores da comunidade, foi aceito como pregador. “Gostava de beber e não deixou boas referências. Permaneceu apenas meio ano nesta paróquia. Abandonou a esposa com um filho e supõe-se que tenha retornado para a Alemanha”. (MULLER, 2003, p. 16).

Pastor Friedrich Christian Kleikamp – (1887-1889) pastor formado

Nasceu em 29 de janeiro de 1862, em Bielefeld, Westfália, filho do contramestre Karl Heirich Kleikamp. Era portador de doença pulmonar crônica, o que o impossibilitou de trabalhar como professor particular na Suíça e na Itália. Aceitou o convite para vir ao Brasil, inicialmente como auxiliar do pastor Rotermund em São Leopoldo, onde foi ordenado em 5 de junho de 1887. Casou-se com Emilie Worting, em 16 de abril de 1912.

Atuou em Conventos de 1º de julho de 1887 até o final de agosto de 1889. (BLACK, 2002). Em 1889 foi para Santa Cruz do Sul, desempenhou a função de professor por cinco anos e posteriormente transferiu-se para Porto Alegre e assumiu a direção da Escola da Sociedade Beneficente, de 1891 até 1907. Naquele período, atuou por dois anos como diretor

e redator do jornal “Deutsche Zeitung”, de Von Kozeritz e, em 1908, desempenhou as funções de pastorado na comunidade de Itati. (WACHHOLZ, 1999).

No ano de 1909 retornou à Alemanha, desempenhando a função de pastor em diversas comunidades. Aposentou-se em 30 de junho de 1924 e faleceu no dia 27 de julho de 1932 em Linden, Rüggeberg, Westfália. (WACHHOLZ, 1999).

Pastor Heinrich Gauss – (1888-1894) pastor leigo

Müller (1998) escreve que Gauss atuou em Conventos, de 1888 a 1894, porém não se encontraram dados referentes à sua biografia, nem assinaturas de Gauss nos registros existentes em Conventos, fato que pode estar relacionado à informação de que alguns pastores carregavam consigo seus próprios livros de registro.

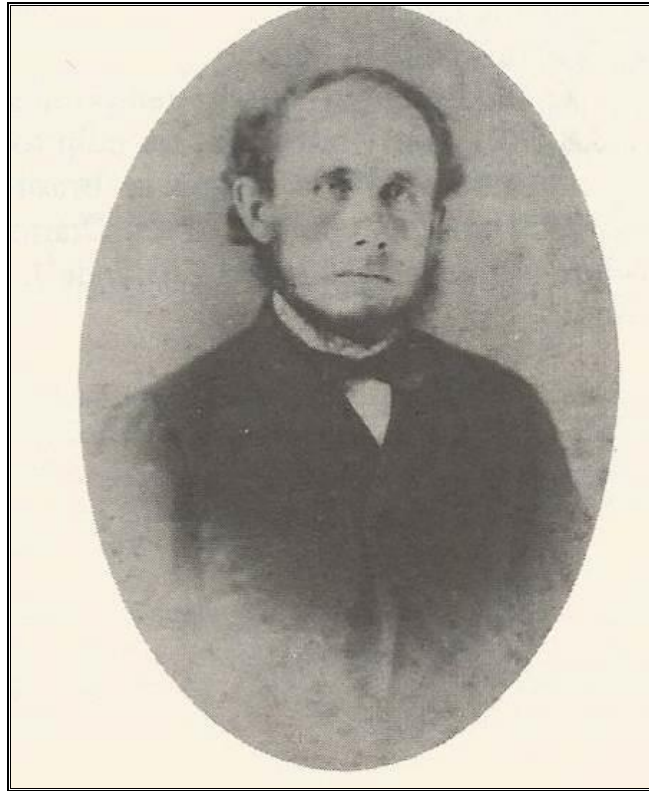
Pastor Heinrich Eduard Falk – (1842-1923) pastor formado

Pastor Heinrich Eduard Falk nasceu em 2 julho de 1842, em Reval (hoje Tallinn), Estônia (pertencente ao Império Russo). Seu pai era mestre-pedreiro em uma instituição comunitária, que dava auxílio a pobres, aleijados, cegos e mutilados. Veio ao Brasil em 1868, inicialmente para São Leopoldo. Johanna Hahl nasceu no dia 6 de setembro de 1845 em Münchingen e casou-se com Heinrich Eduard Falk no dia 30 de janeiro de 1871. O casal teve cinco filhos e quatro filhas. Johanna faleceu em 3 de agosto de 1906, em Feliz, RS. (WACHHOLZ, 1999).

Falk atuou também como professor adjunto em uma instituição para órfãos e crianças abandonadas e surdos-mudos. Mudou-se para estudar no seminário de Barmen em Wuppertal na Alemanha, onde tinha a pretensão de ser missionário. Em 1866, durante uma epidemia de cólera, apresentou-se como voluntário a ajudar os doentes e desempenhou a função de transportar os mortos às casas funerárias, atividade que o marcou profundamente. Antes de vir para o Brasil, noivou com Johanna Friederich Hahl, mas seu casamento se deu no Brasil, na colônia de Santa Cruz, em janeiro de 1871, comunidade na qual desempenhou as funções de pastor até o ano de 1887. (WACHHOLZ, 1999).

Atuou também na colônia de Santo Ângelo, em 1877 e, posteriormente, mudou-se para Ferraz e Vera Cruz, atendendo àquela comunidade, sendo chamado a desempenhar atividades médicas, devido ao seu conhecimento na área, inclusive realizando cirurgias.

Figura 22 – **Pastor Heinrich Eduard Falk**



Fonte: HUNSCHÉ (1983, p. 65).

Também “era notário local e qualquer documento ou procuração, incluindo epitáfios nas sepulturas, eram criados por sua pena”. (BLACK, 2002, p. 5).

Atuou em Conventos a partir de fevereiro de 1890 e ficou até 1899, desempenhando as funções de pastor, mestre-escola e no atendimento aos pacientes, principalmente após as celebrações dos cultos. A partir de setembro de 1899 até 1918, exerceu o pastorado na comunidade de Feliz e anunciou sua aposentadoria. (WACHHOLZ, 1999).

Heinrich Eduard Falk faleceu em Alto Feliz, no dia 16 de agosto de 1917. Ambos, Heinrich e Johanna, estão sepultados no cemitério evangélico de Feliz, RS.

Pastor Friedrich Wilhelm Ludwig Hoppe – (1899-1900) pastor formado

Nasceu no dia 8 de agosto de 1871 em Laar, Ruhrort-Duisburgo, Ronânia, filho do controlador de tráfego ferroviário Karl Ludwig Hoppe e Magdalene Bergmann. Estudou teologia na Universidade de Bonn e foi ordenado em 24 de outubro de 1897. Casou-se com Elizabeth Hasse, no dia 6 de novembro de 1901, tiveram cinco filhas.

Atuou em Venâncio Aires em 1898 e em 1899, transferindo-se para Conventos onde trabalhou até 1899 e 1900. Além de Conventos, Hoppe atuou em comunidades do Vale do

Taquari, principalmente na organização da comunidade de Lajeado. (WACHHOLZ, 1999). Em função de uma queda de cavalo, teve sequelas e retornou para a Alemanha, atuando como pastor em diversas comunidades. Aposentou-se em 1936 e faleceu no ano de 1959, na cidade de Berlim. (BLACK, 2002, p. 12).

Pastor Heinrich Albrecht Karl Schreiner – (1899-1906) pastor formado

Heinrich nasceu no dia 28 de agosto de 1868, em Bertingen, na região de Magdemburgo, na Província da Saxônia; estudou teologia nas universidades de Marburgo, Berlim e Halle/Saale, da Páscoa até 1891. Trabalhou na instituição para epiléticos de Bethel, Bielefeld entre 1896 e 1898. Foi ordenado em junho de 1899 e decidiu vir para o Sul do Brasil. Schreiner casou-se com Bertha Hasenack, com quem teve sete filhos e três filhas. (WACHHOLZ, 1999).

Atuou em Conventos de 1º de outubro de 1899 até a Páscoa de 1906, desempenhando as atividades de pastor e professor. Em 1908, retornou para a Alemanha, onde se aposentou no ano de 1937 em Halle/Saale. (WACHHOLZ, 1999).

Pastor Gottfried Albert Emil Gans – (1900) pastor leigo

Pastor Emil Gans nasceu em 31 de agosto de 1852 em Papenburgo, Frísia Oriental, Hannover, filho de Wilherm Gans, engenheiro ferroviário. Formou-se em teologia e filologia na Universidade de Göttingen e foi ordenado no dia 23 de agosto de 1887, na comunidade de Werne, Sínodo de Bochum. Era casado e pai de quatro filhos. (WACHHOLZ, 1999).

Atuou como reitor e vigário em Werne e transferiu-se para Katharinenstadt, no Volga, Rússia, para atuar como professor. Entre 1880 e 1888 desempenhou atividades de pastor em várias comunidades na sua região de origem. Esteve entre imigrantes alemães na Rússia e imigrou para o Brasil. Em 1889 esteve em Santa Isabel e Desterro (Florianópolis, SC) onde permaneceu por pouco tempo. No Rio Grande do Sul assumiu cargo público na área da educação, no Município de Lajeado. “Atuou como pregador em Vila Fão, Nova Berlim, Castro (no município de Garibaldi, hoje Daltro Filho), Conventos, Forquetinha, Lajeado e São Lourenço do Sul”. (MÜLLER, 2003, p. 23). Esteve também nas regiões de Três Forquilhas e São José do Hortêncio.

Figura 23 – Pastor Emil Gans



Fonte: MÜLLER (2003, p. 24).

Gauss, atuou como professor em São Sebastião do Caí, porém, não sendo aceito como pregador. Desempenhou as atividades de pastorado em Estância Velha, Conventos (em 1900), e na Colônia de Santo Ângelo (Agudo), onde permaneceu por cinco anos. Em Cachoeira do Sul, no ano de 1894 iniciou suas atividades, ministrando aulas e realizando pregações até 1910, quando aquela comunidade encerrou suas atividades, entrando em recesso. (MÜLLER, 2003, p. 24).

Antes de sua vinda ao Brasil, esteve envolvido com problemas financeiros. No Rio Grande do Sul, gerou situações de conflito entre colegas pastores, além de sofrer outras acusações. Afastado, tentou filiação à Igreja Territorial da Prússia, mas teve seu pedido negado e, por fim, viveu em Santana do Livramento, até sua morte. (WACHHOLZ, 1999).

Dentre os pastores que atuaram em Conventos, de alguns foram encontradas informações mais completas quanto à sua origem, formação e atuação, principalmente os que eram pastores formados. De outros, que atuavam como pastores leigos, há poucos registros de dados, ficando algumas lacunas referentes ao período de atendimento na colônia. Em comum com os imigrantes que ocuparam essa região e as demais, nota-se que havia a preocupação dos pastores e das comunidades em ter alguém que prestasse atendimento e desse um suporte espiritual para as famílias. Nem sempre o clima era de tranquilidade e harmonia entre

comunidades e pastores, pois conflitos eram comuns, em função de disputas e práticas comportamentais (jogos de cartas, bebedeiras, desentendimentos, brigas), consideradas inadequadas para quem desempenhava atividade tão importante, tanto por parte de pastores como também das famílias e comunidades (RADÜNZ, 2008).

O tempo de permanência dos pastores em Conventos, em geral, não foi grande, percebendo-se uma rotatividade considerável, com aqueles que desempenhavam o trabalho de forma itinerante.

6 COMUNIDADE EVANGÉLICA DE CONVENTOS

Os empreendedores responsáveis por atrair os imigrantes para o Brasil souberam muito bem promover uma imagem ligada a lugares paradisíacos, e de que todos teriam a chance de prosperar e superar as dificuldades e problemas que enfrentavam em sua região de origem.

Ao aportar, eram obrigados a enfrentar, primeiro, uma longa jornada até próximos ao local da colônia, depois a mata fechada e a falta de recursos, acrescentando-se ainda, muitas vezes, o descaso do governo e das empresas privadas de colonização, que tinham por interesse a comercialização e ocupação dos lotes. A revista *Deutsche Ansiedler* publicada na Alemanha, em março de 1896 trouxe a seguinte descrição:

Após ter recebido alguns conselhos, o colono procura um lugar apropriado para a moradia, um lugar protegido que disponha de água; abre uma clareira no mato e, com a ajuda dos vizinhos, inicia a construção de uma cabana. Quatro postes são fincados na terra, travessas são colocadas por cima, palmeiras de pouca espessura servem de caibros; sobre elas são pregados troncos de palmeiras mais finos e rachados ao meio – e se não houver pregos, usam-se cipós para amarrar os galhos -, cobre-se de capim (RADÜNZ, 2008, p. 36).

Essa realidade inicial encontrada não condizia com a propaganda, que os agentes utilizavam para convencê-los a emigrar (VOGT; RADÜNZ. 2016). Aqui chegados, sem outra alternativa, eram obrigados a se fixarem em meio a densa floresta, tendo que desbravá-la para dar abrigo à família. Passaram por inúmeras privações e, diante da ausência de qualquer auxílio, foram entregues à própria sorte.

Conforme Vogt (1997, p. 62), os imigrantes “vinham completamente iludidos quanto ao tipo de vida que teriam no Sul do Brasil” e mostravam-se despreparados para enfrentar as agruras da vida que os aguardavam. As situações difíceis pelas quais passaram os imigrantes, no início da colonização, nas diversas regiões do Rio Grande do Sul, possuem características semelhantes quanto à chegada e instalação das famílias.

Mesmo no Vale do Taquari, que foram colônias de uma segunda leva de imigrantes, em que a ocupação por imigrantes se dá a partir de 1855, verifica-se que há uma ausência de dados ou/ou de registros mais concretos na historiografia local, a não ser aqueles ligados à listagem do número de pessoas e/ou famílias que habitavam a colônia, e algumas informações referentes à produção e escoamento agrícola via rio Taquari, que eram informados ao governo da província, principalmente no início da segunda metade do século XIX.

Conventos é descrita pelo Pastor Reinhold Ferdinand Güths, em artigo publicado no *Luther Kallender* de 1935 e traduzido assim por Wolfgang H. Collischonn:

Nas proximidades do pitoresco rio Taquari, no município de Lajeado, de cuja sede do mesmo nome dista um pouco mais de uma hora a cavalo, está situada a bonita colônia de Conventos que foi fundada em meados do século passado e que está habitada exclusivamente por gente de origem alemã. Em 1863 foi fundada aqui uma Comunidade Evangélica a qual, inicialmente, foi atendida por pseudo-pastores e mais tarde por pastores da Igreja Unida do Sínodo Riograndense. Desde 1863 a história desta comunidade pode ser acompanhada pelos registros de suas reuniões e assembleias. (BLACK, 2002, p. 62 – Acervo particular).

As dificuldades enfrentadas pelas famílias que buscavam sua sobrevivência, ano após ano, caracterizou o espírito de uma gente que, sem outra alternativa, foi obrigada a se ver diante de árduos desafios, visto que era a única forma de construir uma nova vida, a partir dos sonhos que carregaram durante a viagem até o Brasil.

A compreensão desse período, mesmo que de forma subjetiva, pode ser encontrada nos registros deixados pelos pastores, que percorriam picada por picada, família por família, caracterizando-se aí a possibilidade da construção do imaginário e das representações desses imigrantes alemães-evangélicos de Conventos.

As famílias, ao chegarem, foram ocupando uma região bastante ampla e, com o passar dos anos, foram formando novas localidades, dentre as quais, várias ainda existem na atualidade. Faziam parte nos primeiros anos de colonização as seguintes comunidades: Abelha I; Abelha II; Alto Arroio Alegre; Araguari; Chapadão; Forquetinha (hoje município); Nova Paris; Sampainho; São Bento e Martin Luther (GENEALOGIA – RS). É importante destacar que, com base nos dados dos livros de registros, diversas outras localidades encontravam-se muito mais distantes da de Conventos, mas que, mesmo assim, eram atendidas pelos pastores. Essas localidades compreendiam o território em que hoje encontram-se os atuais municípios de Estrela, Marques de Souza, Arroio do Meio, Forquetinha, Santa Clara do Sul, para citar os mais próximos a Conventos.

Segundo Portella:

Poucas comunidades contavam com pastores ordenados, vindos da Alemanha. Daí o surgimento do fenômeno dos pastores-colonos que, pelo viés da instituição, se convencionou chamar de pseudo-pastores. Eram eles mestre-escolas ou pessoas de maior destaque ou cultura, mas leigos (não eclesiásticos), que realizavam ofícios religiosos, cultos e instrução entre os imigrantes. (PORTELLA, 2006).

No mesmo sentido, Wachholz fala que:

para suprir a ausência de pastores ordenados, muitas comunidades elegeram alguém dentre elas mesmas para assumir as funções pastorais (e docentes!). Assim, da

necessidade se originou o pastorado não-ordenado. O pastorado não-ordenado foi impulsionado ainda mais na década de 1860 com a Lei 1.144, de 11 de setembro de 1861, e com o Decreto 3.069, de 17 de abril de 1863. Através destes, o governo imperial do Brasil regulamentou o casamento de pessoas que professavam religião diferente daquela oficial do Estado – a Católica Apostólica Romana! Para que o casamento dos acatólicos tivesse efeito civil, era necessário que as comunidades apresentassem um documento de nomeação ou eleição dos pastores e os registrassem junto ao órgão público. Contudo, não se exigia comprovação de alguma formação teológica em universidade ou seminário. Assim, formou-se a opinião de que todos os pastores eram legitimados em seus cargos por meio do registro estatal, como se este fosse uma espécie de substituto da ordenação. (WACHHOLZ, 2001, p. 22-37).

Percebe-se que não havia opção de escolha de pastores formados para dar atendimento as famílias e comunidades. A alternativa encontrada era destacar alguém da própria localidade, que desempenhasse tal função ou, ainda, os pastores leigos e itinerantes, que percorriam as linhas e picadas, completamente isoladas e abandonadas, no sentido da orientação espiritual. “Esse período foi chamado de ‘Período Pré-Sinodal’, uma vez que não haviam unidades confessionais e tampouco comunidades organizadas eclesialmente”. (HELFENSTEIN, 2015, p. 3).

Para Radünz,

a história do luteranismo no Sul do País, até metade do século XIX, foi marcada pela total autonomia das comunidades. Elas surgiram a partir de esforços dos próprios colonos que viam nelas uma necessidade sociocultural e religiosa. “Essas poucas comunidades avulsas e dispersas enfrentavam suas dificuldades à medida que apareciam – e os problemas não eram poucos: faltavam pastores com formação, havia disputas de poder dentro das paróquias, as congregações foram formadas sem uma definição clara em termos de *praxe religiosa*, e assim por diante. (RADÜNZ 2005, p. 159-184).

A colônia de Conventos não se diferenciou das demais regiões ocupadas pelos imigrantes alemães, conforme relatou Radünz, e as dificuldades e disputas internas, registradas em outras localidades da Província, surgiram aqui também, inclusive com conflitos e divisões, mais precisamente a partir da década de 1880.

É importante destacar que Conventos contou com a predominância de imigrantes alemães evangélicos, como está sendo descrito nesta pesquisa, porém, não se pode deixar de registrar que São José dos Conventos, que compreendia o mesmo território da colônia de Conventos, foi ocupada por imigrantes alemães, mas com predominância da religião católica.

Figura 24 – Igreja católica em São José dos Conventos



Fonte: Black (2004, p. 39). Primeira Igreja e escola construída pelos imigrantes alemães católicos em Conventos

Schierholt aponta que,

na Picada São José dos Conventos, um dos pioneiros foi João Gaspar Richter. No “Contrato provisório” assinado em Hamburgo, em 8.7.1858, Gaspar Richter se comprometeu a partir no navio “Neptun”, em 10.7.1858, para a Colônia dos Conventos. São José dos Conventos tinha a predominância de famílias católicas. [...] A capela São José dos Conventos, pequena e de madeira, foi construída em 1869, e inaugurada no dia seguinte. Durou 30 anos. Em 08.12.1906, Pe. Francisco Bohme benzeu a pedra fundamental de uma nova capela, elegendo as 45 famílias católicas os seguintes membros da comissão: Nicolau Hammes, Martim Beuren, Filipe Kraemer e Adão Aloísio Rockenbach. (SCHIERHOLT, 1992, p. 75-76).

A Picada de São José dos Conventos contava com as mesmas características de Picada dos Conventos, região ainda não desbravada e que demandava enorme esforço, por parte das famílias que adquiriam seus lotes.

Com relação ao atendimento às famílias, por parte dos religiosos católicos, Black explica que

situação semelhante aos evangélicos, os católicos não contavam inicialmente com visitas de sacerdotes. Os imigrantes (católicos) da margem direita do rio Taquari dependiam da Paróquia de Santo Amaro, “o primeiro religioso a visitar a região foi o padre jesuíta Miguel José Kellner, numa sexta-feira, dia 9 de novembro de 1860. Na ocasião na casa da família Fialho de Vargas (em Conventos Velho), rezou a primeira missa e celebrou batizados. [...] A partir daí, no mínimo, uma vez por ano a Colônia passou a ser visitada por sacerdotes”. (BLACK, 2004, p. 38).

Importante é destacar que pode ser fruto de futura análise, também, dados relacionados aos imigrantes alemães católicos, que se estabeleceram na mesma colônia e que possa contemplar com maior abrangência o levantamento relativo à imigração alemã, na Colônia de Conventos.

Referente à comunidade de Conventos, em 1895 Johanna Falk,¹³ em uma de suas cartas,¹⁴ assinala:

Nossa comunidade está construindo uma igreja agora, com tore, mas será uma construção muito cara, pois o material está caríssimo, mas eles querem fazê-lo. O construtor é bem recomendado, ele é polonês. Os seus homens trabalham muito, mas sempre com atraso, porque estão faltando tijolos, pois são feitos a mão e leva muito tempo para secá-los. (BLACK, 2000, p. 88).

Relata em outra carta, do dia 28 de novembro de 1896, que a construção da igreja está avançada e planejam sua inauguração para fevereiro do ano seguinte (1897). Os sinos, segundo Johanna, foram encomendados e serão trazidos da Alemanha, e a expectativa é tão grande que já iniciaram a confecção dos trajes para os festejos. (BLACK, 2000, p. 90).

A Colônia de Conventos é descrita por Johanna Falk em suas cartas, desde assuntos mais banais referentes à sua família e seus parentes, até os fatos mais complexos relacionados à situação política do País; pontos relevantes quanto à vida das famílias na comunidade, como o trabalho no campo, a produção, o comportamento, as celebrações e festividades. Os acontecimentos da colônia são descritos com riqueza de detalhes, o que leva a destacar esses aspectos narrados.

Escreve que em Conventos a produção agrícola é favorecida pelo clima, e produz-se uma variedade grande de produtos agrícolas e frutas. As estações são bem definidas, os verões com calor escaldante e os invernos com frio intenso e geadas rigorosas. A produção por vezes é atacada por pragas, principalmente de gafanhotos, como descreve na carta de número 22, de 6 de janeiro de 1895.

[...] a gente vê quando se aproximam, já a uma boa distância, o céu escurece e as pessoas começam a fazer barulho, gritando, dando tiros e batendo tambores, para que não aterizem, mas não adianta, em pouco tempo os campos estão devastados. Depois vão embora, mas não sem deixar a terra coberta de ovos e agora, antes do Natal, as larvas nasceram e começa a verdadeira batalha. (BLACK, 2000, p. 82).

¹³ Johanna Friederike Hahl, nascida em 6/8/845 em Muenchingen, Alemanha, foi esposa do Pastor Heinrich Eduard Falk, que atuou em Conventos e em diversas outras comunidades evangélicas do Rio Grande do Sul.

¹⁴ As cartas escritas por Johanna Falk foram traduzidas ao inglês e ao português por Iiza (LILY) Mylius Wood, bisneta de Johanna e Eduard Falk, e neta de Helene Falk Schlieper. A revisão, correção e colaboração na tradução ao português foi fornecida por Ernesto (BUBI) E. Broeker, também neto de Helene Falk Schlieper.

Os gafanhotos atacavam plantações agrícolas e de frutas, levando as famílias quase ao desespero.

[...] os colonos cavavam trincheiras e todo mundo tem que ajudar a varrer estas criaturas para os buracos e cobri-los com terra e esmagar com os pés. Também tratam de queimá-los, mas não é possível matar todos [...] nessa época todo o milho já foi plantado, mas agora nem começaram e não sabem se haverá safra. [...]. Na nossa vizinhança as vítimas foram os pessegueiros, não sobrou uma folha. (BLACK, 2000, p. 82).

Relata que o cultivo de produtos agrícolas era crescente a cada ano: feijão preto e milho; comercializavam a banha e cultivavam frutíferas variadas, dentre as quais destaca a parreira, que, quando a safra era boa, faziam vinho. Pêssegos, laranjas, melões e uma diversidade de legumes eram cultivados na horta, os *chucrutes* chegavam a ser preparados em barris. Cultivavam também maçãs e ameixas, mas em pequena quantidade, pois essas frutas dependiam mais do frio, e a região não possuía esta característica. (BLACK, 2000, p. 81).

Salientava que a quantidade de frutas e legumes era abundante, em função do clima da região, e o consumo de café era apreciado, porém o preço sempre era muito, elevado por ter que importar de outras regiões, dessa forma consumiam produto com qualidade inferior. (BLACK, 2000, p. 81).

Schierholt (1992) cita que, na Colônia de Conventos, produzia-se também trigo, cevada, batatas e favas. A cevada era produzida em pequena quantidade e também utilizada na produção de cervejas (SCHIERHOLT, 1992, p. 72), corroborando relatos das cartas de Falk, quando afirma que o consumo de cerveja era muito apreciado, e, quando era possível, compravam cerveja com melhor qualidade.

Em várias cartas, Johanna refere-se também ao comportamento dos habitantes que viviam em Conventos. Em um desses relatos, ela escreve que,

no dia 19 de novembro tivemos uma festa da igreja e os bailes e as brigas duraram três dias e já na primeira noite houve uma briga entre um jovem e um senhor de respeito, que foi apunhalado e morreu imediatamente (....) Já de tarde a vítima foi sepultada e de noite o baile continuou no mesmo salão onde ocorreu o assassinato. O morto deixou seis filhos sem pai e o assassino também tinha uma família grande e agora todos estão infelizes. (BLACK, 2000, carta 24, p. 87).

Tais posturas e hábitos praticados eram reprovados e, muitas vezes, em suas cartas emitia comentários desaprovando as atitudes grotescas e deselegantes que percebia entre os moradores. Fala também que: “os jovens da comunidade gostam de dançar e gostam de música e muitas vezes há bailes nos restaurantes e cafés, mas nossos filhos não frequentam esses lugares, não seria apropriado”. (BLACK, 2000, p. 87). É visível em seu relato o

distanciamento proporcionado pelo modo de vida de Johanna Falk, que veio da Europa e se deparou com uma realidade completamente diferente, de quem precisou se submeter ao sacrifício, para desbravar a mata, se adaptar e viver na nova colônia.

Com o passar dos anos, a comunidade foi crescendo, e a necessidade de haver um local adequado para a realização dos cultos era preocupação constante entre seus membros. A edificação do primeiro templo ocorreu em 1863, e uma segunda edificação, substituindo a primeira, teve suas obras iniciadas em 1873, e foi inaugurada em 19 de novembro de 1876. Esse mesmo templo foi posteriormente ampliado e finalizado por completo, nas décadas seguintes (GENEALOGIA – RS). A foto que segue é da atual Igreja Evangélica Alemã de Conventos.

Figura 25 – IECLB – Atual Igreja Evangélica Alemã de Conventos



Fonte: Acervo do autor.

Um processo de divisão interna na comunidade inicia no final do século XIX, o que leva Conventos à formação de dois grupos, e que culmina com a construção de novo templo e formação de nova comunidade, nos anos iniciais do século XX. Em consequência desta cisão, a partir do ano de 1914 passaram a existir, em Conventos, duas comunidades luteranas: a Paróquia Evangélica Luterana de Conventos (IELB), e a Comunidade Evangélica Alemã de Conventos (IECLB). (BLACK, 2004). A Comunidade Evangélica Alemã de Conventos

(IECLB), pertencente ao Sínodo Rio-Grandense e das Províncias antigas da Prússia, permaneceu com sua sede original. Já a IELB, com a influência do Sínodo de Missouri – Estados Unidos, se separa e forma novo grupo, dando origem em Conventos a uma nova comunidade, a Comunidade Evangélica Luterana de Conventos (IELB), fundada em 12 de maio de 1917. (BLACK, 2004).

Figura 26 – Atual IELB – Igreja Evangélica Luterana de Conventos



Fonte: Acervo do autor.

Após vários conflitos, em 1925, a comunidade de Conventos adquiriu da comunidade missouriana os bens comunitários e, em 1929, a parte da igreja. Em 1926, faziam parte de Conventos as filiais de Forquetinha, Forqueta, São Bento, Abelha I e II e Nova Alemanha, compreendendo 465 famílias e um total de 2.638 pessoas. (GENEALOGIA – RS).

Da mesma forma como em Conventos, a Comunidade Evangélica de Forquetinha edificou sua própria igreja. A construção se deu no início da década de 1890. A atual Igreja foi construída no mesmo local da primeira, a obra foi iniciada no final da década de 1920 e começo dos anos de 1930, e inaugurada no ano de 1932.

Figura 27 – Primeira Igreja Evangélica de Forquethinha



Fonte: Calendário de Eventos 2009 – Prefeitura Municipal de Forquethinha/RS

Figura 28 – Atual IECLB – Igreja Evangélica de Forquethinha/RS



Fonte: Acervo do autor.

O mesmo processo de divisão, que ocorreu na Comunidade de Conventos, se deu também na Comunidade Evangélica de Forquetinha, provocando divisão e, conseqüentemente, a construção de outra capela para atender aos fiéis da Igreja Evangélica Luterana em Forquetinha.

Figura 29 – IELB – Igreja Evangélica Luterana de Forquetinha, construída após a divisão da comunidade.



Fonte: Acervo do autor.

No lado direito da Igreja Evangélica Luterana de Forquetinha (IELB – Foto acima), encontra-se um dos cemitérios de Forquetinha, que, no período da colonização e ocupação pelos imigrantes alemães evangélicos, compreendia a colônia de Conventos.

Figura 30 – Pórtico/Réplica da Igreja Evangélica Luterana de Forquetinha (IELB), no cemitério de Forquetinha/RS



Fonte: Acervo do autor.

Na localidade de Forquetinha, a primeira igreja construída, conforme Figura 28, não existe mais, e como forma de preservação da memória histórica, o município construiu um portal, em forma de réplica da fachada frontal da igreja, conforme ilustração da figura 20.

7 BATIZADOS

Os livros de registro de batismos, em Conventos, possuem informações que permitem compreender alguns aspectos socioculturais da comunidade, além da escolha do nome da criança e posteriormente dos padrinhos. Há uma carga sociocultural relacionada também às tradições populares e religiosas, que influenciavam o modo como cada família, ou grupo étnico tratam da chegada de um novo membro familiar.

Estabelece uma ponte com o passado e visualiza como era para os imigrantes e seus descendentes primeiros o momento da chegada de um filho, pois “havia coisas terminantemente proibidas; havia assuntos sob severa censura. Tanto isso é verdade, que de repente, nascia uma criança e a gente ficava admirado de onde ela tinha vindo”. (MÜLLER, 1981, p. 11). Esse tabu, essa preservação de determinados acontecimentos na vida familiar foi mudando com o passar das décadas.

Quando nasceu minha irmã mais velha, Heliet, a esperada menina de quatro guris, eu tinha sete anos e passava a temporada de inverno em casa de meu tio-avô. [...] Um dia me contaram que lá em casa havia chegado um nenê, “’n Meedche”, uma menina [...]. Recordo que ao chegar em casa tive vergonha de ver minha mãe. Não sei por quê. Mas recordo com absoluta certeza de que senti cergonha de entrar no quarto. Espiei pela fresta da porta [...]. Depois fui chegando. Aí eu soube que “das Meedche iss von dea Kiwitezbach komm”, a menina veio do arroio dos quero-queros. [...] Quero-queros eram capazes de uma coisa dessas, pois quando eles sobrevoavam a casa dizia-se que vinha visita e que, às vezes acontecia numa coincidência de dar espanto. Então, que dúvida? a Heliet foi trazida por eles... (MÜLLER, 1981, p. 11)

Aquilo que “parecia ser feio”, no sentido de que era algo só para os adultos entenderem, é que compõe toda uma bagagem sociocultural da memória das famílias e comunidades pertencentes ao período aqui abordado.

A mulher que tinha um filho, ficava nove dias de cama, um por cada mês de gestação, para que todos os órgãos voltassem ao seu lugar e passasse o perigo de ... uma sério de coisas. Os nenês ficavam de olhos vendados por alguns dias para que a claridade não prejudicasse os olhos. Eu nunca vi uma criança sem touca, na colônia, “dass’e net Oohre weeh kriiht”, a fim de que não ficasse com dor de ouvidos. (MÜLLER, 1981, p. 12).

Além de elementos da cultura popular de cada região, e/ou grupo étnico, como os citados por Müller, as fontes paroquiais, e aqui menciona-se os registros de casamentos, batizados e óbitos, dependendo de quem as escreve, podem revelar e contribuir para a compilação de dados que possam trazer informações relevantes, e possibilitar melhor compreensão histórica do cotidiano. Nesse sentido, com as informações encontradas nos

livros de registro, no período analisado, foi possível, montar gráficos que nos levam ao conhecimento de características que permeavam no cotidiano e passaram a compor a memória e a identidade dos imigrantes alemães evangélicos de Conventos.

Ao tratar dos registros de batizados em Conventos, reporta-se a dados e/ou estudos sobre a fecundidade e as taxas de natalidade no período e constata-se que:

Grande parte dos imigrantes que chegaram ao Brasil (especialmente os primeiros grupos) foram para zonas rurais, onde a natalidade é maior que nas áreas urbanas. [...]. Houve uma rápida expansão (crescimento vegetativo) da população de origem imigrante após sua chegada ao Brasil, causada pela alta nupcialidade, elevada e precoce fecundidade, ou pelo não uso de métodos anticoncepcionais pelas mulheres estrangeiras. (JUDICAEEL JÚNIOR, 1997).

Estudos realizados e que abordam taxas de natalidade, nas regiões de imigração, apontam para índices mais elevados quanto ao número de filhos em zonas rurais, como refere o autor:

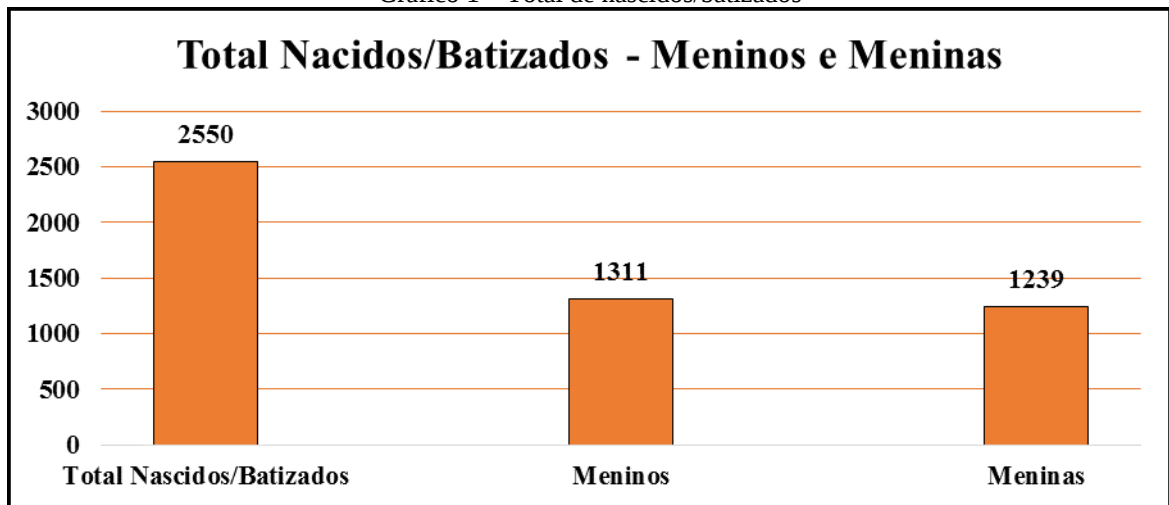
[...] os imigrantes italianos e alemães apresentam altas taxas de crescimento vegetativo, devido à nupcialidade precoce, início da procriação também precoce e descendência numerosa. Segundo estudos, o número médio de filhos para as famílias de origem italiana no período entre 1888 e 1909 foi de 9,92 filhos/família; para as famílias de origem alemã, no período anterior a 1895, este número foi de 7 filhos/família. (JUDICAEEL JÚNIOR, 1997).

Judicael Júnior (1997, p. 52) aponta também que “as mulheres imigrantes aumentaram sua fecundidade relativamente àquela que apresentavam em seus países de origem”. Tal comportamento pode ser observado, a partir de fatores como a condição rural, a necessidade de mão de obra para o trabalho na lavoura e o isolamento a que eram acometidos.

7.1 Número de nascidos/batizados

Na tabulação dos registros de nascimentos, em Conventos, de 1861 a 1903, contabiliza-se o total de 2.550 batizados, sendo que, destes, 1.311 do sexo masculino e 1.239 do sexo feminino, conforme se pode visualizar no gráfico que segue.

Gráfico 1 – Total de nascidos/batizados



Fonte: Elaboração do autor.

Verifica-se que há uma paridade entre nascimentos de meninos e de meninas, com pequena diferença apontando para um número superior de meninos nascidos/batizados.

Para a realização do sacramento de batismo, Helfenstein (2015) aponta que, entre católicos, a orientação era a de que os batismos devessem ser realizados dentro de um intervalo de oito dias, já para os luteranos não havia uma determinação exigindo tempo para que crianças recém-nascidas recebessem o batismo, mas desejavam que fossem levadas ao culto no domingo seguinte, para que recebessem o sacramento batismal.

Na realidade vivida pelos imigrantes alemães-evangélicos, em Conventos, a observação de qualquer norma ou regra determinada estava distante de ser seguida, pois, com a ausência de pastores, as dificuldades de acesso e distância entre comunidades faziam com que a realização do batismo ocorresse somente quando um pastor estivesse de passagem pelas localidades.

7.2 Número de batizados por ano

Na verificação dos batizados ano a ano, constatou-se que, a partir dos primeiros registros em 1861 até o ano de 1881, os dados apresentaram crescimento estável no número de nascidos/batizados, oscilando um pouco para mais e/ou para menos, girando em torno de 20 a 30 crianças/ano. A partir de 1883, notou-se um crescimento mais acentuado, culminando no ano de 1897 com 182 batizados.

Essa evolução ascendente do crescimento vegetativo, na colônia de Conventos, não fugiu à regra a de outras regiões de imigração italiana e alemã, pois quando se estabelece

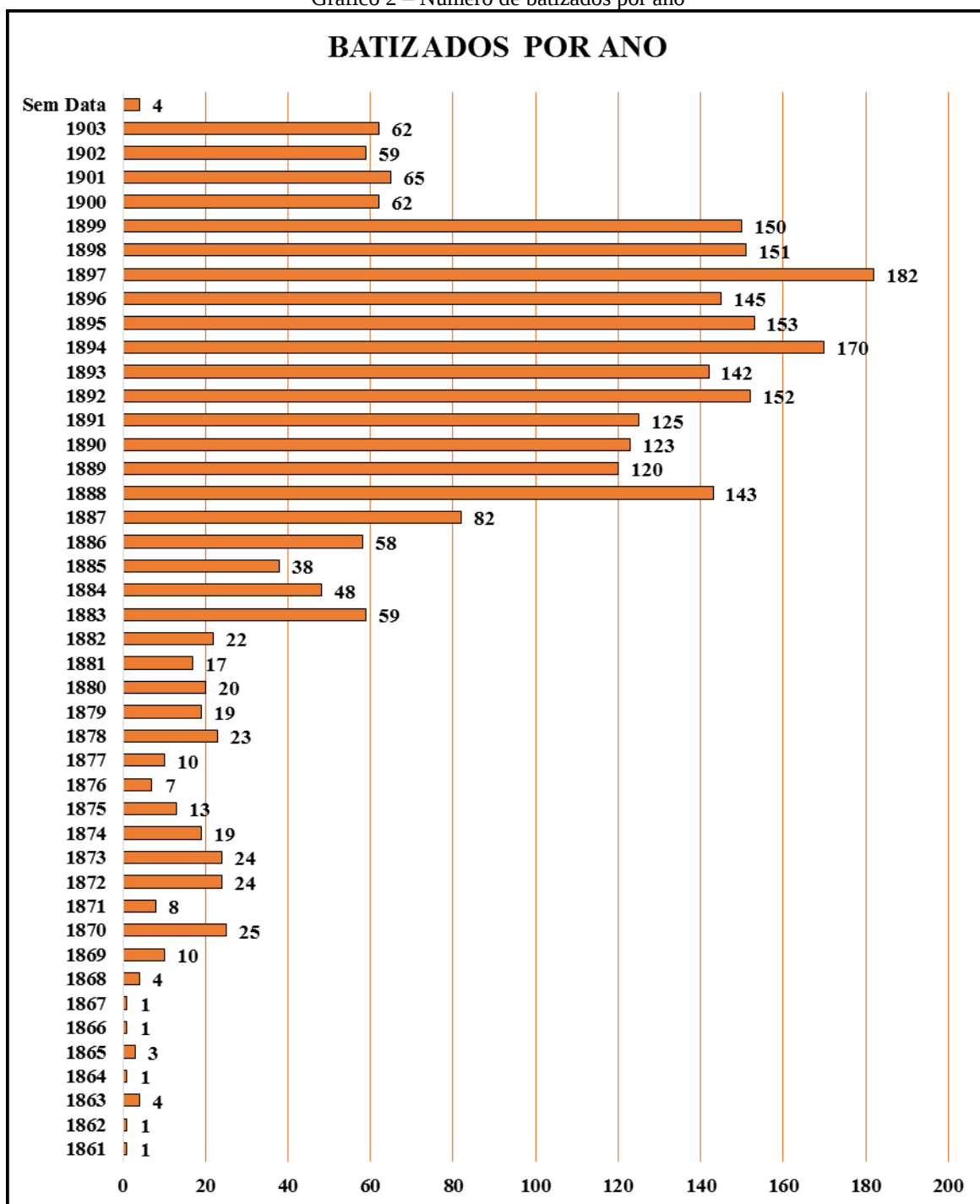
relação acerca de estudos demográficos, e se comparar com a evolução populacional, a partir dos registros de batismos realizados em Conventos, verifica-se que estes coincidem com determinado índice de filhos por família, como é apontado por Judicael Junior, quando diz:

Os imigrantes italianos e alemães apresentam altas taxas de crescimento vegetativo, devido à nupcialidade precoce, início da procriação também precoce descendência numerosa. O número médio de filhos para as famílias de origem italiana no período entre 1888 e 1909 foi de 9,2 filhos/família; para as famílias de origem alemã, no período anterior a 1895, este número foi de 7 filhos/família. (JUDICAEL JÚNIOR, 1985, p. 52).

Do ano de 1900 em diante, houve uma redução acentuada de registrados; percebe-se que esse fato ocorreu em função da divisão interna da colônia, devido à autonomia que as comunidades mais distantes foram adquirindo, tornando-se independentes e passando a ter sua própria organização, não dependendo mais da de Conventos. Nesse sentido, Judicael Júnior (1985) aponta que “à medida que estas comunidades originalmente agrícolas, se urbanizam, houve uma queda na fecundidade e, conseqüentemente, nas taxas de crescimento vegetativo”.

Conforme os dados apresentados no gráfico 1, observa-se evolução no número de nascimentos nas localidades próximas, pertencentes à colônia de Conventos. A partir do ano de 1885, a taxa de natalidade aumenta significativamente, e pode-se destacar que um dos fatores que contribuíram para esse aumento significativo foi a organização e evolução econômica da colônia, que, na década de 1880, encontra-se praticamente estruturada, e passou a atrair número significativo de famílias para a região.

Gráfico 2 – Número de batizados por ano



Fonte: Elaboração do autor.

No gráfico a seguir, percebe-se como se deu a evolução demográfica no período em que aparecem os registros. Do ano de 1861 até 1881, passam-se vinte anos e, se forem observados os números dos nascimentos ano a ano, na década de 1860, que são os anos iniciais da chegada de imigrantes, o número de filhos é bem reduzido, alterando-se por completo na década seguinte, que apresenta uma média de 20 filhos por ano.

Gráfico 3 – Evolução dos batizados por ano



Fonte: Elaboração do autor.

A partir de 1901, inicia-se um processo inverso, há decréscimo acentuado no número de registros, que se explica pelo fato de as comunidades mais distantes, aos poucos, tornarem-se independentes, constituindo sua própria organização, conforme citado.

Pode-se evidenciar dois fatores que ocorreram em Conventos, que explicam a redução drástica do número de nascidos/batizados: Primeiro, o processo de disputa entre duas vertentes religiosas, que culminou com a divisão da comunidade; e, segundo, as comunidades mais distantes crescem e se tornam independentes e estruturadas, contribuindo para a diminuição do número de registros de batizados na paróquia.

7.3 Local do nascimento/batizado

As observações apontadas nos registros de batismo destacam o local do nascimento da criança e, em raros dados, referem-se ao local do batizado. Nas observações de local, os pastores escreviam, por exemplo, como forma de descrição da localização geográfica: a colônia, a picada, o lado esquerdo e/ou direito deste ou daquele arroio, na residência da família do “fulano”.

Figura 31 – Locais dos nascidos/batizados

14.08.1886	- Anna Maria Gross	- * 18.05.1886, <u>na Linha Atalho</u> , f. do lavrador Jorge Gross e Emilie Röglin. Padrinhos: Abrahão Mann e sua mulher Maria Schuster.
15.08.1886	- Justina Isabel Gisch	- * 16.06.1886, <u>na Picada de São José dos Conventos</u> , f. do lavrador Jacob Gisch e Carolina Müller. Padrinhos: Frederico Sudbrack, Elisa Feil, Christiano Müller e Isabel Wentz.
15.08.1886	- Jacob Kollenberg	- * 02.01.1886, <u>na Picada de São José dos Conventos</u> , f. do lavrador Guilherme Kollenberg e Isabel Presser. Padrinhos: Adão Johann, Victolina Hansen, Jacob Schmitt e Leopoldina Johann.
29.08.1886	- Júlio Fülber	- * 21.06.1886, <u>na Colônia de Novo Berlim</u> , f. do lavrador Frederico Fülber e Flora Frank. Padrinhos: Henrique Bahlus, Juliana Musskopf Datsch, Jacó Musskopf e Juliana Brincker.
29.08.1886	- Olga Dahmer	- * 25.07.1886, <u>no lado esquerdo do Arroio Forquetinha</u> , f. do lavrador Pedro Dahmer e Catharina Augustin. Padrinhos: Pedro Knebel, Eva Strassburger Bündchen, Adão von Mühlen, Carolina Heilmann, Daniel Weigand e Elisa Bahlus.
05.09.1886	- Henrique David Heep	- * 11.08.1886, <u>na margem direita do Arroio Forquetinha</u> , f. do lavrador David Heep e Margarida Hepp. Padrinhos: Christiano Feil, Felipine Wentz, Jacó Quinot e Carolina Heep.
05.09.1886	- Guilherme Hepp	- * 05.08.1886, <u>no lado direito do Arroio Forquetinha</u> , f. do lavrador Pedro Hepp e Isabel Bündchen. Padrinhos: Guilherme Foltz, Margarida Röse, Guilherme Wentz, Felipine Taffe, Guilherme e Isabel Kunz.
11.09.1886	- Frederico Henrique Rinaldo Eckhardt	- * 02.06.1886, <u>na Picada de São José dos Conventos</u> , f. do lavrador Felipe Christiano Eckhardt e Isabel Immig. Padrinhos: Henrique Kunz e sua mulher Catharina Weimer, Frederico Sudbrack e sua mulher Juliana Jaeger.

Fonte: MÜLLER, 1998, p. 43. Dados transcritos do Livro de Registro do Pastor Doeber.

Pelo que descreviam os pastores, é possível afirmar que os batismos eram realizados na própria residência da família ou, também, em casas que eram referência para aquela localidade, como está em destaque no recorte acima apresentado.

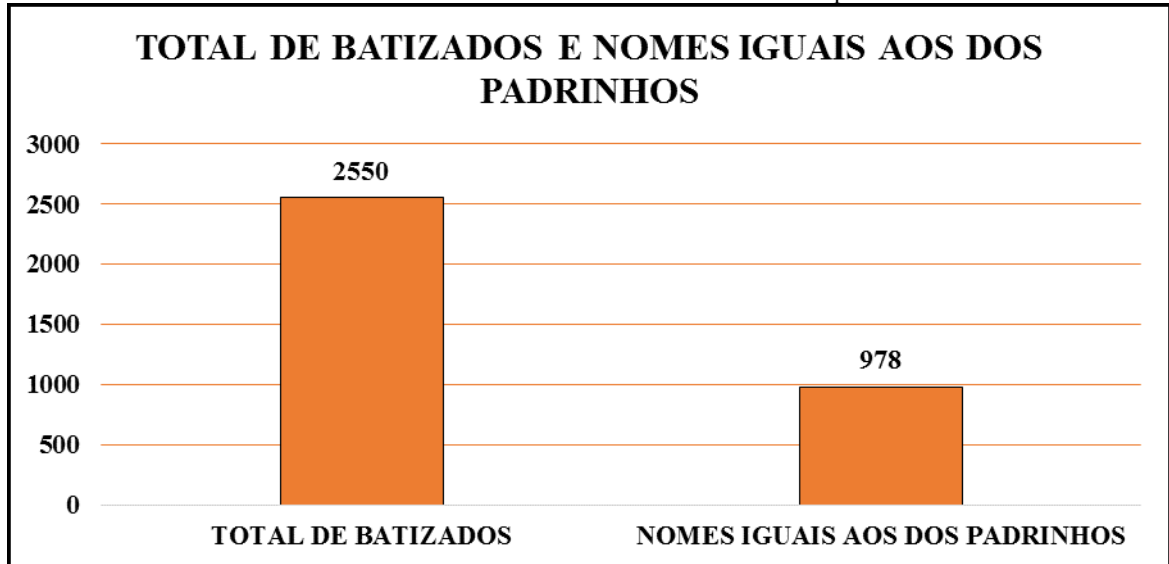
7.4 A escolha dos nomes

Os registros de batismo, em Conventos, revelam que, em sua maioria, os nomes escolhidos para os filhos nascidos não ocorriam de forma aleatória, mas possuíam como referência para os pais o nome dos padrinhos escolhidos. A escolha do nome não é algo inerente ao processo de construção e dos grupos sociais aos quais pertenciam, pois nesse sentido:

Um elemento comum às mais diversas sociedades que compuseram e compõem o mundo nos mais variados contextos de tempo e espaço é que os seus membros são identificados por um nome, auto atribuído ou atribuído por outrem. Algo aparentemente corriqueiro e naturalizado, mas que envolve uma série de fatores, conscientes ou inconscientes, que influem na disponibilidade e na escolha dos nomes a serem utilizados. (CAMILO, 2015, p. 20).

Nesta mesma ótica, para Nadalin (2004, p. 108), os nomes “constituíam indicadores para divisar, entre outros temas, componentes das relações sociais, comportamentos coletivos e o imaginário da sociedade. Dos nomes dados aos filhos, no período analisado (1865-1903), de um total de 2.677 batizados, 1.079 receberam nomes iguais aos dos padrinhos escolhidos.

Gráfico 4 – Total de batizados e batizados com mesmo nome do padrinho/madrinha



Fonte: Elaboração do autor.

Na sequência, pode-se visualizar, pela transcrição de dados realizada por Müller (2002), a relação entre a nomeação dos batizados e a escolha dos padrinhos, que, conforme apontado, se repetiam num percentual de quase 40%, indicando uma sequência de repetição de nomes, pois os padrinhos escolhidos acabavam eram os mesmos entre as famílias da Colônia.

Figura 32 – Relação entre nome de batismo e nome do(a) padrinho/madrinha

nhos: Carlos Meier, Margarida Laufer, Felipe Weber, Christina Mieth. Henrique Nagel e Catharina Metz.	
03.11.1872	- Carlos Christiano Mieth - * 24.09.1872, na Colônia de Monte Alverne, f. de Carlos Mieth e Maria Elisabetha Becker. Padrinhos: <u>Carlos Bencke</u> , Carolina Metz, Carlos Gerlach, Elisabetha Bohn, Christian Bencke e Catharina Nagel.
04.11.1872	- Laura Hoffmann - * 24.05.1872, na Colônia de Monte Alverne, f. do lavrador Ernesto Hoffmann e Guilhermina Mohr. Padrinhos: Theodoro Kerckhof e Ernestina <u>Laura Moerike</u> .
24.11.1872	- Elisabetha Guilhermina Immig - * 27.08.1872, na Colônia de Conventos, f. do lavrador Henrique Immig e Luiza Goebel. Padrinhos: Christian Goebel, Carlos Fleck, <u>Elisabetha Schuster</u> e Filipina Goebel.
24.11.1872	- André Eggers - * 08.09.1872, na margem esquerda do Rio Forqueta, f. do lavrador Henrique Eggers e Maria Schweitzer. Padrinhos: <u>André Schweitzer</u> e Catharina Scherer.
24.11.1872	- Elisabetha Plack - * 03.10.1872, na margem esquerda do Rio Forqueta, f. do lavrador Carlos João Frederico Plack e Maria Dauernheimer. Padrinhos: Frederico e <u>Elisabetha Schneider</u> Scherer.
1873	
12.02.1873	- Pedro Fernando Gustavo Adolpho Bröcker - * 25.12.1872, na Picada Bastos, na Colônia de Forqueta, f. do lavrador Bernardo Bröcker e Clara Reinshagen. Padrinhos: <u>Pedro Barth</u> e Carolina Barth.
15.01.1869	- Frederico Hübner - * 06.05.1868, em Conventos, f. do lavrador Jacob Hübner e Catharina Mann. Padrinhos: <u>Frederico Scherer</u> e sua mulher Juliana Göbel, Frederico Balch e Sara Gronhardt. Nota: extraído do original do Pastor Felipe Weber.
25.12.1872	- Jacob Frederico Deckmann - * 25.07.1872, na Fazenda de São Bento, f. do construtor de moinhos Christiano Deckmann e Carolina Pfingstag. Padrinhos: <u>Jacob</u> e Catharina Jost e Frederico e Barbara Rosina Rieth.
02.02.1873	- Carlos Christiano Eckhardt - * 17.07.1872, na Fazenda de São Gabriel, f. do lavrador Felipe Carlos Eckhardt e Carlotta Bauer. Padrinhos: <u>Carlos Pfingstag</u> , Elisabetha Bauer, Christiano e Sophia Eckhardt.
02.02.1873	- Catharina Elisabetha Eckhardt - * 03.01.1873, na Colônia de Conventos, f. do lavrador Guilherme Eckhardt e Catharina Ahrend. Padrinhos: Carlos Pünderich, <u>Catharina</u> e Elisabetha Eckhardt.
09.02.1873	- Catharina Elisabetha Schneider - * 06.12.1872, na margem esquerda do Rio Forqueta, f. do lavrador Jacob Schneider e Barbara Schwinn. Padrinhos: João Schwinn e sua mulher <u>Catharina Elisabetha Wolfahrt</u> .
16.03.1873	- Felipe Guilherme Krieg - * 16.02.1873, em Conventos, f. do lavrador Carlos Krieg e Elisabetha Scharf. Padrinhos: Guilherme Matte e Filipina Altenhofen.

Fonte: MÜLLER, 1998, p. 23.

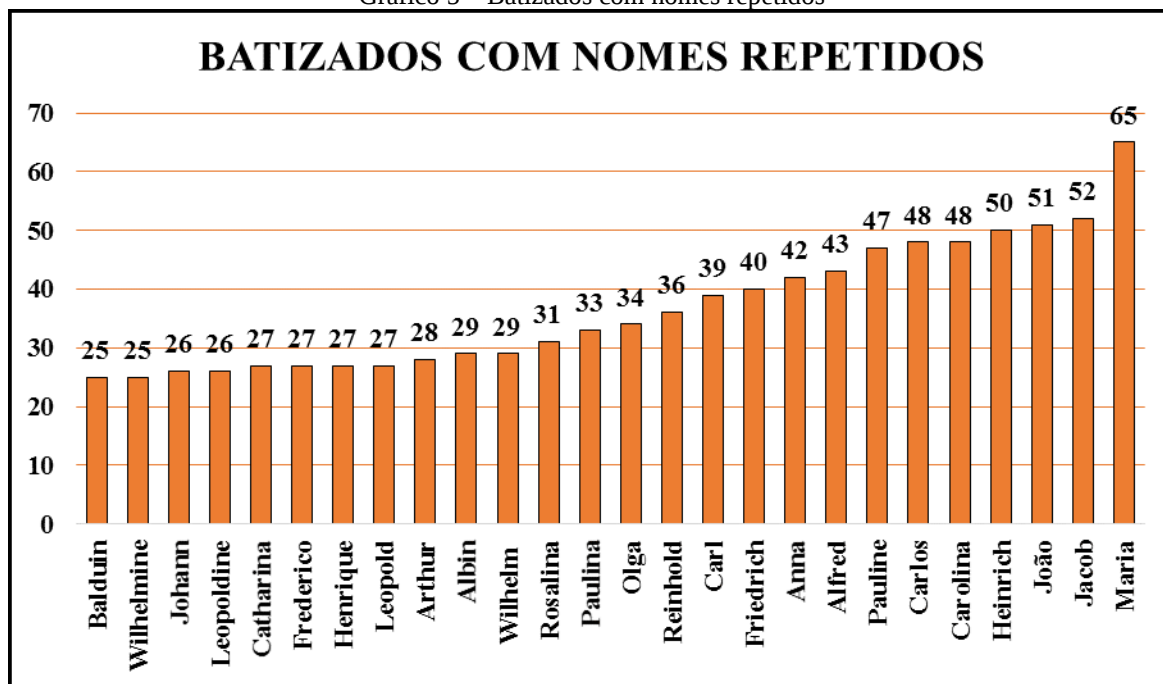
No gráfico a seguir, observa-se que, para as meninas nascidas e batizadas, dava-se o nome de uma das madrinhas, e para os meninos, o nome de um dos padrinhos. Na maior parte dos batizados, que constam dos registros, foram apresentados de dois a três casais de padrinhos para cada criança batizada.

O nome dos avós não é descrito em todos os registros e, conforme observado na tabulação dos dados, não há relação destes com os nomes dos nascidos/batizados. Essa variação de quantidade de padrinhos e a citação do nome dos avós estão relacionadas a determinados livros de registros de batismo, e dos pastores que os registrava. Em alguns registros, o nome dos avós é ignorado e, em outros, os pastores fizeram constar tal dado.

Um aspecto que contribuiu para uma sequência de nomes repetidos foi a escolha dos padrinhos. Como demonstrado, se por tradição ou não, o nome do filho (ou filha) batizado, recebia em um percentual de aproximadamente 40% do total de registros, o nome de um dos padrinhos e/ou madrinhas escolhidos. Essa lógica de repetição de nomes se comprova nos dados aqui analisados, pela reincidência da escolha dos mesmos casais de padrinhos, que residiam na comunidade de Conventos. Essa prática passou a ter maior incidência, a partir da década de 1880, e uma redução drástica na virada do século XX e nos anos seguintes.

Ao se verificar mais detalhadamente os registros de batismos, pode-se apontar que as relações sociais, estabelecidas pela prática do compadrio, podem ser compreendidas a partir das redes de parentesco, profissionais, de vizinhança, de amizade, confessionais/religiosas, ou também intrinsecamente ligadas às práticas do cotidiano das famílias.

Gráfico 5 – Batizados com nomes repetidos



Fonte: Elaboração do autor.

O nome de nascidos/batizados se repetia constantemente, como se vê no levantamento dos registros. Na sequência do maior número para o menor, os nomes repetidos mais citados são: Maria com 65, Jacob com 52, João com 51 vezes, Heinrich com 50, Carolina 48 e Alfred com 43 vezes. Se levada em conta a abrangência territorial da colônia, essa incidência é significativamente alta, dado o número de habitantes da colônia.

Essa relação familiar de compadrio estabelecida culturalmente pode ser entendida a partir dos batizados, pois

Pela historiografia, explica-se tal comportamento de prática de nomeação de um filho falecido para outro, seja como forma de homenagear, manter viva a lembrança ou no sentido de compensar a dor pela perda de alguém da família.

7.5 Profissão dos pais dos batizados

Nas observações em que consta a profissão dos pais de nascidos e batizados, observa-se que, de um total de 2.550, em 696 anotações, os pastores registraram as profissões e, em 1.854, não foi encontrado nenhum registro quanto ao ofício paterno.

O maior número de registros de profissão dos pais dos batizados, que encontra-se nos livros, é o de lavrador, com 469 citações, seguidas de colono com 126, agricultor e marceneiro com 18, negociante com 15 e pedreiro com 9, moleiro 6, alfaiate e ferreiro 5, sapateiro 4, serrador 3, carpinteiro, construtor de moinhos, curtidor e médico com duas citações cada e carpinteiro de carretas, fabricante, folheiro, médico homeopata, mestre de escola particular, oficial de justiça, professor, professor particular, e vendista, todos com uma citação. Do total de nascidos/batizados, não há indicação da profissão dos pais em 1.583 registros.

Gráfico 6 – Profissão dos pais dos batizados



Fonte: Elaboração do autor.

Nota-se uma grande diversidade quanto às atividades profissionais praticadas na colônia, demonstrando que Conventos estava em processo de crescimento, em que a demanda por mão de obra poderia atender às necessidades das famílias e comunidades, na construção de casas e demais benfeitorias, moinhos, serrarias, casas comerciais, pois dados apontam um número significativo de marceneiros e carpinteiros, pedreiros e ferreiros. A existência de 15 negociantes é um fato importante, pois demonstra que a atividade comercial está ligada ao desenvolvimento econômico e ao suprimento das necessidades da colônia.

8 CASAMENTOS

Ao abordar a temática do casamento nesta etapa da pesquisa, é importante compreender que os matrimônios, como processo integrante do cotidiano dos imigrantes aqui citados, não fogem à regra quando tratamos do tema na sua essência, pois há um entendimento no sentido de que o casamento é

essa publicização de um ato privado simboliza uma alteração irreversível da situação social do casal que, proveniente de duas famílias ou de dois ramos da família, une-se para formar uma terceira. Em grande parte, o casamento está mais ligado à passagem da moça donzela a esposa e anjo tutelar de nova linhagem. A performance que subjaz ao rito matrimonial, salvo pequenos aspectos litúrgicos e lingüísticos, é comum às diferentes comunidades religiosas que se instalaram no Brasil e se apresentava amplamente codificada: a composição e a ordem do cortejo, a indumentária dos noivos, os gestos do sim, a troca de alianças. (SCHAPOCHNIK, 1999, p. 475).

Cabe apontar os elementos a partir dos dados que a fonte fornece, abordar e aprofundar questões relacionadas aos fatores que, indiretamente, motivaram a escolha deste ou daquele membro para a união matrimonial, pois, como afirma Freitas (2011), para os historiadores é muito difícil perceber, através das fontes disponíveis, os sentimentos que movem os sujeitos, em especial o amor.

Para Minami (2010, p. 2), “o casamento, aqui entendido como a união entre um homem e uma mulher com a decisão ou não de ter filhos, é um dos atos mais públicos da vida privada dos casais e de suas famílias”. Essa tradição, para os católicos ou para os luteranos, principalmente, que por longo período encontravam-se à margem, não tinha o reconhecimento, pois a religião oficial do país era o catolicismo. Neste sentido:

O casamento religioso dos imigrantes não obedecia completamente a ordem da sociedade ou religião dominante. Aqui é preciso fazer algumas distinções: no caso de imigrantes oriundos de países de maioria católica, como portugueses, espanhóis, italianos, a estranheza era causada pela maneira diversa de celebrar ritos, orações, além da barreira lingüística, mas se sabia que o fundo doutrinal das cerimônias era o mesmo. No caso de alemães, sírio-libaneses, japoneses, a diferença de religião já se colocava como divisor de águas, respectivamente as denominações luterana, ortodoxa grega, ou mesmo de religiões não cristãs, como a muçulmana, budista e xintoísta. Não apenas com relação ao casamento, mas a própria dinâmica da vida desses imigrantes é diferente. (MINAMI, 2010, p. 2).

A observação detalhada dos registros, num primeiro momento, revela e remete à compreensão de vários aspectos ligados ao comportamento de determinado grupo. Black (2000) assim descreve os preparativos para uma cerimônia de casamento, na de 18 de janeiro de 1898:

[...] toda a cerimônia e festança foi feita na tradição alemã e tudo foi feito em casa. Já semanas antes do casamento preparamos chucrute e beterrabas em conservas. As vagens foram regadas todos os dias para que crescessem rapidamente e estivessem no ponto para a colheita. As aves domésticas foram encomendadas: galinhas e dois perús. Também se fez sopa de massa, assado recheado de vagens, beterrabas, batatas, peru assado e outras aves, arroz, couve e massa, compota de laranja, pudim de pão com molho de vinho e bolinhos. [...] De noite servia chocolate e frios para 25 hóspedes e todos pernотaram nesta casa, não havia canto nesta casa sem alguém dormindo. (BLAKC, 2000, p. 95).

Há que se destacar que, este relato, trata-se do casamento de uma das filhas do pastor, portanto um cerimonial diferenciado, como a própria mãe assim o descreve: “A cerimônia teve lugar às duas da tarde e havia muitos pastores presentes, ela mesma costurou seus vestidos e outros artigos do vestuário e até o seu vestido de noiva que foi preto com uma longa cauda”. (BLAKC, 2000, p. 95).

Esta referência leva ao entendimento de que a realização do casamento, sendo ele de uma família com maior importância na comunidade, ou de outros membros, com menos destaque, tornava-se um momento de grande festividade entre familiares e vizinhança, com dias de preparação até a data da festividade.

8.1 A nacionalidade dos noivos e das noivas

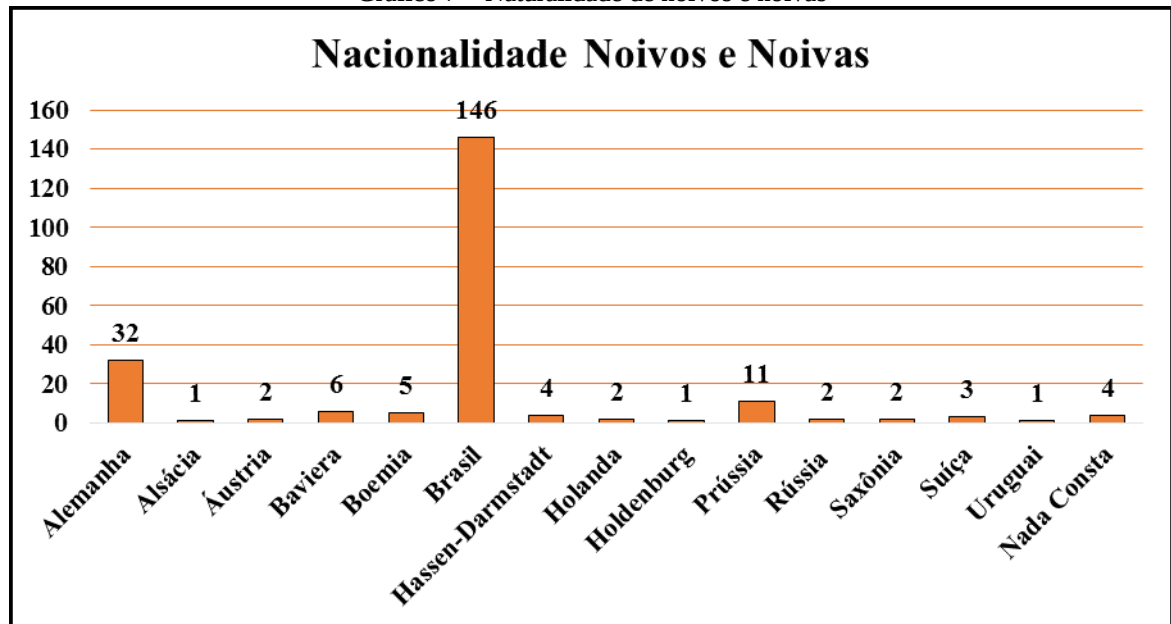
É importante destacar, antes de avançar na análise dos dados referentes aos casamentos, que há várias lacunas quanto ao número de casamentos registrados. Do ano de 1860 até 1869, e de 1894 até 1903, não se encontrou registros de casamentos. Como passaram vários pastores por Conventos, a hipótese é de que tenham anotado os registros em seus próprios livros, não os deixando sob a guarda da comunidade, explicando, assim, o número reduzido de registros de casamentos.

Em Conventos, do total de noivos e noivas, percebe-se que, pela ordem decrescente, os quatro maiores grupos possuem naturalidade brasileira, alemã, holandesa e prussiana. Do total de 222, em apenas quatro registros os pastores não descreveram o país de origem, sendo que, destes, a origem citada era das noivas. Para Nadalin:

Os “indeterminados” são aqueles noivos cujos registros de casamentos não trazem o lugar de nascimento e os “não localizados”, aqueles dos quais os registros, indecifráveis, não permitem a constatação da região ou país de origem. Muitos registros que poderiam enquadrar-se nesta linha de tabulação não o foram uma vez ter sido possível deduzi que se referiam a brasileiros (portanto somados àqueles da terceira linha do quadro) ou alemães (considerados na faixa relativa aos alemães). Evidentemente, esta última linha poderia ser também considerada, num sentido mais amplo, com o de “indeterminados”. (NADALIN, 1974, p. 46).

Nas observações relacionadas à naturalidade dos noivos e noivas (total de 222), destaca-se que um número considerável de nubentes, já nascidos no Brasil, confirma que parte das famílias, que ocuparam a região de Conventos, já faziam parte de levadas de imigrantes que ocuparam outras regiões do Rio Grande do Sul, caracterizando o processo de migração interna, que ocorreu entre colônias de imigrantes alemães.

Gráfico 7 – Naturalidade de noivos e noivas



Fonte: Elaboração do autor.

Quando nos referimos à nacionalidade dos nubentes, destaca-se um número considerável de brasileiros. Do total de 222 noivos e noivas, 146 possuem registros como sendo brasileiros (as), seguindo-se, em segundo maior número, os nascidos na Alemanha, totalizando 32. Os demais, em menor quantidade, apresentam nacionalidades relacionadas a outros países e/ou regiões da Europa, apontada pelos pastores como: Alsácia, Áustria, Baviera, Boemia, Hassen-Darmstadt, Holanda, Holdenburg, Prússia, Rússia, Saxônia, Suíça e um do Uruguai.

Há de se esclarecer que, no tocante às nacionalidades, quando se menciona que os nubentes constam como nascidos na Alemanha, “o que havia era um conjunto de 39 Estados independentes [...] Desde 1815, pelas determinações do Congresso de Viena, esses Estados estavam reunidos na **Confederação Germânica**, liderada pela Prússia e pela Áustria”. (HOBBSAWM, 1977, p. 121). A Alemanha tornar-se-ia um país unificado, somente a partir de 1870.

Figura 34 – Mapa da Europa – Processo de Unificação



Fonte: COTRIM (2002, p. 323).

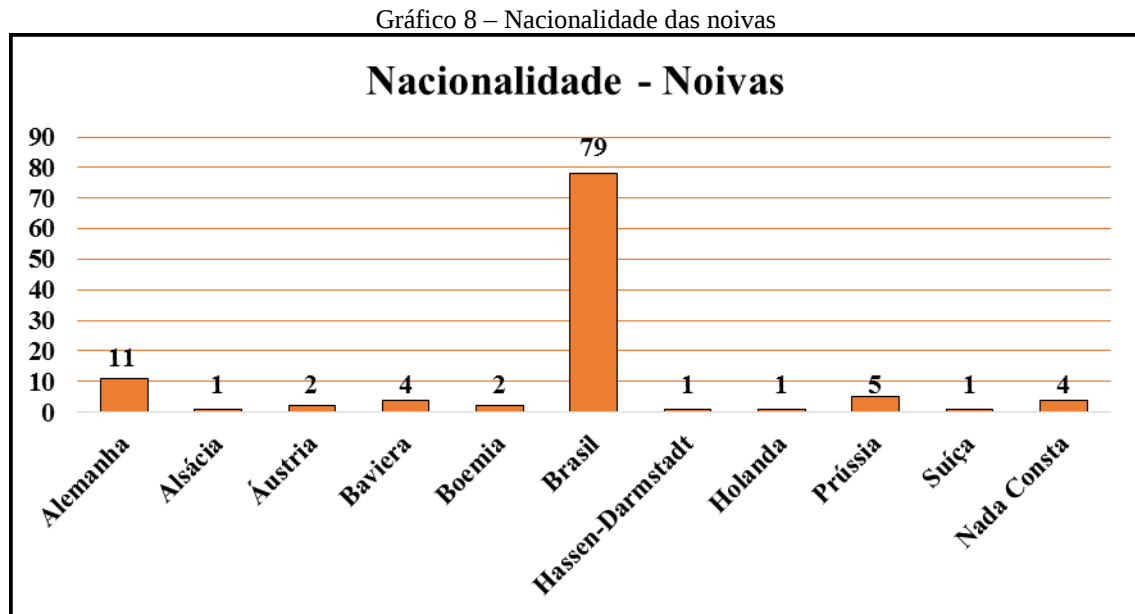
A partir de 1870, com a unificação da Alemanha, noivos e noivas já são citados nos registros praticamente na sua totalidade, como sendo de nacionalidade alemã e/ou brasileira. Isso que nos leva a concluir que os nubentes de nacionalidade brasileira, se observado o período de chegada dos imigrantes nas demais colônias do Rio Grande do Sul, e os que vieram para Conventos, já faziam parte dos que nasceram em colônias germânicas do RS, e de uma segunda leva migratória interna.

O nubente Carlos Guilherme Pfingstag aparece com nacionalidade uruguaia (Rep. Oriental do Uruguai), e foi descrito com a profissão de sapateiro. O local do casamento foi a Picada Um dos Conventos, 2º. Distrito da Vila de Taquari, que teve grande afluência da imigração açoriana.

Com raras exceções, independentemente, se nascido no Brasil ou na Europa, os noivos e noivas possuem sobrenomes de origem germânica, confirmando, pelo menos até o

início do século XX, que os casamentos se davam entre o mesmo grupo de imigrantes, ou seja, intraétnicos.¹⁵

Nos dois gráficos que seguem, separou-se, conforme anotações dos pastores, a origem dos nubentes.

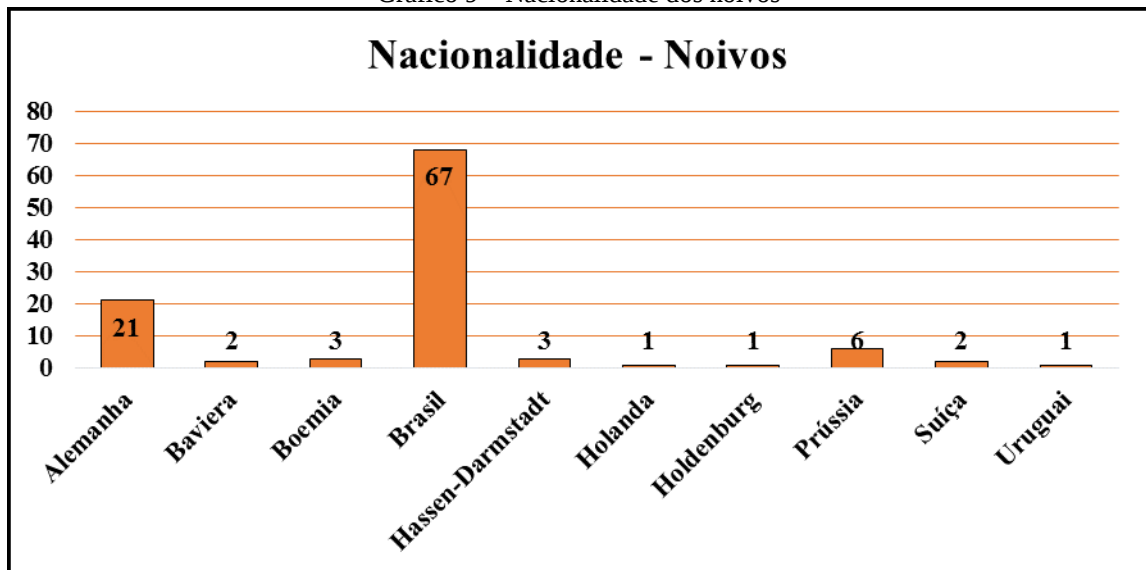


Fonte: Elaboração do autor.

Pode-se observar que a origem dos homens apontados com nacionalidade alemã (consideramos aqui também os nomes relacionados a outras regiões da Europa), se comparados com a das mulheres, eles superam em 50% nas referências. Pode-se evidenciar, e comprova-se um aspecto ligado às condições de vida enfrentadas no país de origem, levando em maior quantidade os homens jovens a buscarem melhores perspectivas de vida, na emigração para o Brasil.

¹⁵ Sergio Odilo Nadalin em *A origem dos noivos nos Registros de Casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba 1870-1969*, classifica os casamentos entre elementos de cultura alemã como intraétnicos.

Gráfico 9 – Nacionalidade dos noivos



Fonte: Elaboração do autor.

Os noivos apresentam uma variação maior quanto ao país de origem, porém, não se distanciando muito na diversidade de nacionalidades.

No gráfico que segue, pode-se estabelecer a comparação de nacionalidade entre homens e mulheres, que têm origem nos mesmos países descritos nos registros.

Gráfico 10 – Comparativo entre nacionalidade dos(as) noivos/noivas



Fonte: Elaboração do autor.

Nos dados apresentados neste gráfico, constatou-se que os noivos tiveram origem de uma mobilidade geográfica mais abrangente do que a das noivas. Comparando dois dos dados observa-se que as nubentes de origem brasileira somam 79, e de nacionalidade alemã

correspondem a 11. Já os noivos nascidos no Brasil somam um total de 67, e os emigrados da Alemanha correspondem a 21 nubentes.

Cunha escreve que,

deixar a terra natal, abandonar o costumeiro e buscar a sobrevivência em um lugar desconhecido – com todos os riscos e implicações de uma decisão desse tipo – exigem razões suficientemente fortes. São principalmente os pobres que emigram, e o fazem quando a vida tradicional se torna difícil ou impossível. Juntam então os últimos recursos, vendem seus trastes e partem em busca de um lugar onde supõe poder encontrar melhores condições de vida. Foi o caso dos alemães da segunda metade do século 19, cuja realidade produziu a emigração em massa. As condições de vida lá existentes tiveram relação com os acontecimentos políticos da Europa no período. (CUNHA, 2004, p. 16-17).

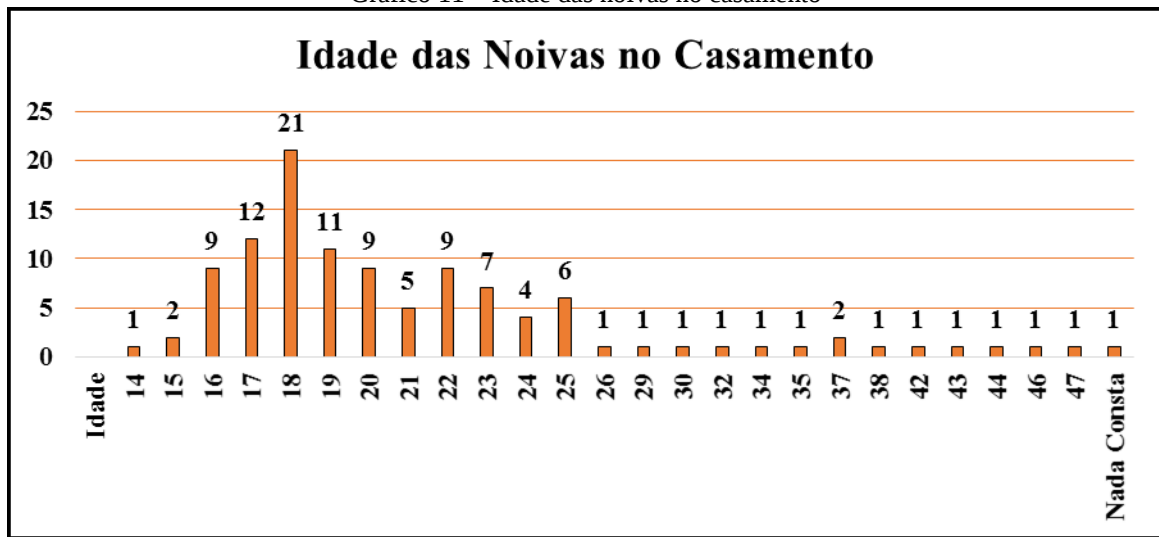
Buscar uma alternativa melhor de vida estava certamente ligado ao momento pelo qual passava a região da Alemanha naquele período, aliado à propaganda e às notícias de seus conterrâneos que viviam no Brasil, talvez tenha sido um motivador para tentar nova vida em uma região tão distante.

8.2 A idade dos nubentes

Nos dados que seguem, pode-se observar que é quase igual a quantidade de noivos e noivas que se casam com a mesma idade. Verificou-se que a maior concentração dos casamentos vai se dar na faixa etária, tanto dos homens quanto das mulheres, entre os 17 e 24 anos. Nota-se uma pequena variação na idade do casamento, sendo que as mulheres iniciam matrimônio já aos 16 anos, frequência que não se observa entre os membros do sexo masculino, que passam a casar-se, com maior frequência, a partir dos 18 anos, chegando ao ápice dos 20 aos 24 anos de idade. Do total de apontamentos, somente em um registro não consta a idade de uma noiva, no momento da contração matrimonial.

Nos gráficos que seguem, observa-se que há uma pequena variação quanto à idade em que mais incidiam os casamentos. As noivas apresentam maior índice de casamentos na faixa etária entre os 16 e 23 anos de idade. Para os homens, o maior número de casamentos ocorre, com maior incidência, na faixa de idade entre 19 e 26 anos.

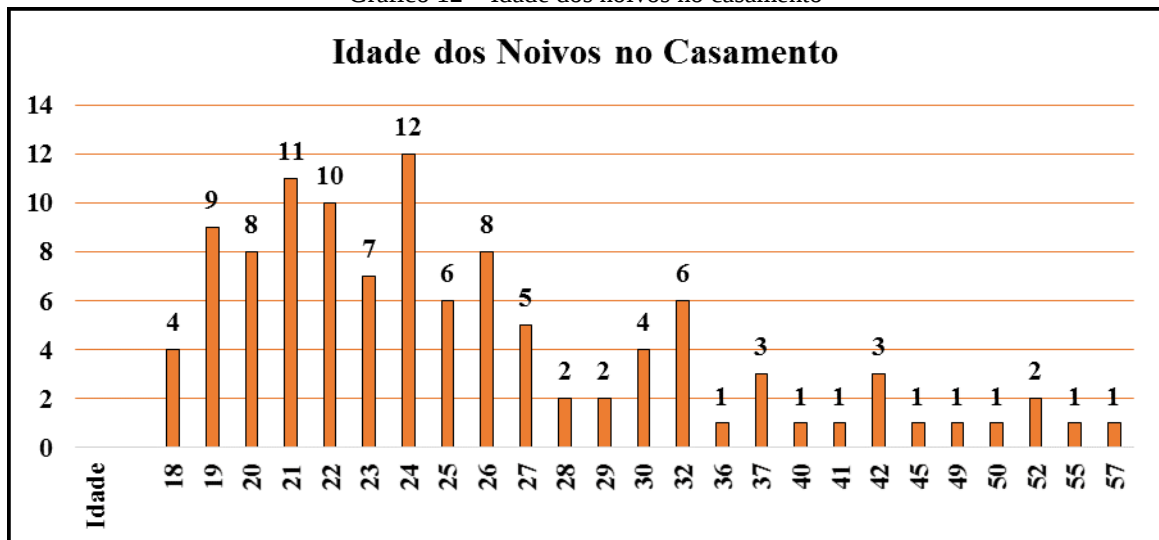
Gráfico 11 – Idade das noivas no casamento



Fonte: Elaboração do autor.

Nos casamentos em que noivos e noivas apresentam idade superior a 30 anos, conclui-se que os nubentes, em sua maioria, se encontravam em estado de viuvez, vindo a contrair matrimônio pela segunda vez, conforme apontamento dos pastores.

Gráfico 12 – Idade dos noivos no casamento



Fonte: Elaboração do autor.

Se for estabelecida uma comparação entre os dois quadros, vê-se que a média de idade das mulheres, ao contraírem matrimônio, se deu com 19,5 anos. Já para os homens, a média é de 22,5 anos de idade.

O casamento de nubentes em idade “precoce”, que para o período eram comuns nas regiões de colonização, pode ser atribuído a vários fatores, como apontado pelos dados nos livros de registro, em Conventos.

O regime de alta natalidade e casamentos relativamente precoces deveria prevalecer, pois, aliado ao padrão de mortalidade elevada, e com a necessidade de braços familiares para tocar as lavouras. Nenhum obstáculo ou pressão social haveria no sentido de limitar a prole. (MARCÍLIO, 2006, p. 174).

A menor idade das noivas ao casarem, encontrada nos registros, foi de 14 anos (com uma ocorrência) e de 15 anos (com duas ocorrências). Para os noivos, a menor idade foi de 18 anos (com quatro ocorrências) e 19 anos (com nove ocorrências).

Os nubentes, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, com maior idade, ao contraírem matrimônio, constantes nos registros, aparecem com idade de 57 anos (noivo), e 47 anos (noiva).

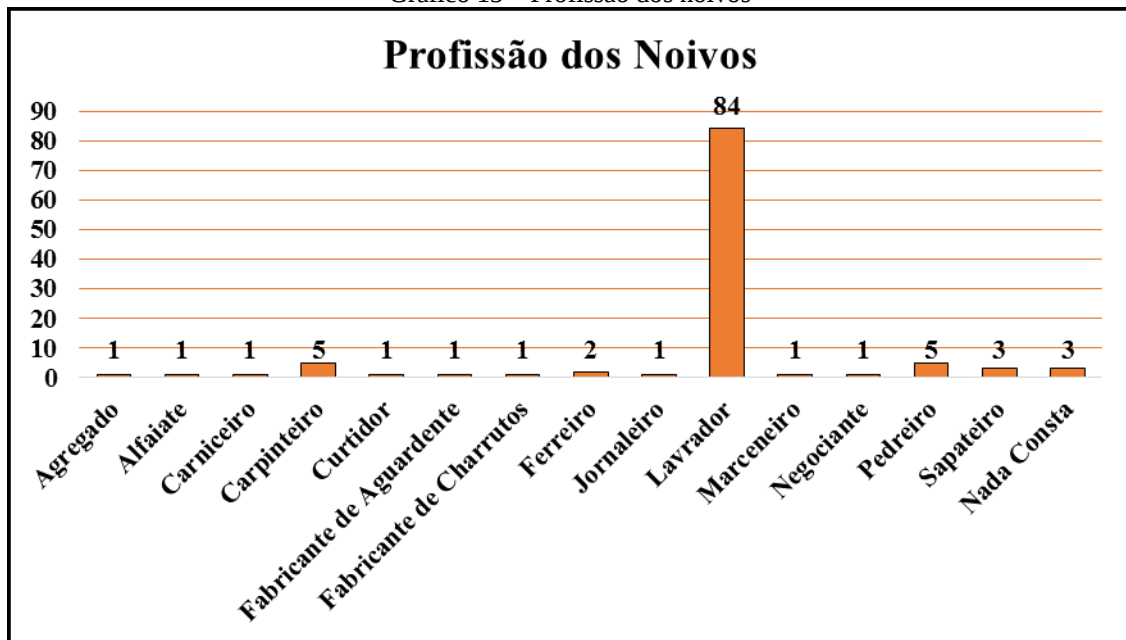
O casamento de Emílio Berghahn e Otilia Sieben, realizado na Picada São José dos Conventos, 2º Distrito de Santo Antônio da Estrela, contou com a licença do Juiz de órfãos Dr. João Theophilo de Marsilha, devido à noiva ter a idade 18 anos e os pais já serem falecidos.

8.3 Profissão dos noivos

Do total de 111 registros analisados, que constam nos livros, em apenas três casos os pastores não descreveram a atividade econômica praticada pelos noivos. Com relação às mulheres, na sua totalidade, inexistem informações a esse respeito, ficando aqui uma indagação sobre o motivo da omissão no apontamento da profissão das nubentes.

No levantamento relacionado à profissão, a predominância é de “lavrador”, com 84 registros, seguido de pedreiro e carpinteiro. Pelo número de famílias que residiam na colônia, há boa diversidade de ofícios entre os homens que contraíram matrimônio.

Gráfico 13 – Profissão dos noivos



Fonte: Elaboração do autor.

Ao compararmos os dados relacionados às profissões e à nacionalidade dos nubentes, excluindo-se a atividade de lavrador, percebe-se que os noivos nascidos no Brasil e os que eram oriundos de outros países desempenhavam atividades, conforme descrito abaixo.

Quadro 2 – Profissão e nacionalidade dos noivos

Profissão	Nacionalidade/quantidade
Carpinteiro	Baviera (1) Brasil (2) Hessen-Darmstadt (1) Prússia (1)
Pedreiro	Alemanha (1) Brasil (2) Holanda (1) Saxônia (1)
Sapateiro	Uruguai (1) Boemia (2)
Ferreiro	Alemanha (1) Brasil (1)
Alfaiate	Brasil (1)
Agregado	Alemanha (1)
Carniceiro	Alemanha (1)
Curtidor	Alemanha (1)
Fabricante de cachaça	Rússia (1)
Fabricante de charutos	Alemanha (1)
Jornaleiro	Alemanha (1)
Marceneiro	Brasil (1)
Negociante	Brasil (1)

Fonte: Elaboração do autor.

Uma das conclusões a que chegamos é de que os imigrantes, vindos principalmente da Europa, em sua maioria, aparecem como os que desempenham atividades diferentes daquela ligada à terra. Um dos fatores pode ser atribuído à imigração interna, pois muitas famílias e casais começam a buscar novos espaços em novas colônias, como foi o caso de Conventos. A necessidade de mão de obra especializada, como carpinteiros, ferreiros, marceneiros e pedreiros, vai se tornar importante, na medida em que a colônia começa a se desenvolver e carece de uma estrutura melhor nas propriedades e nas vilas.

8.4 A religião dos(das) noivos e noivas

A contração matrimonial, observada pelos dados do gráfico que segue, demonstra que os casamentos, quase na totalidade, se davam entre famílias da mesma religião (evangélicos), existindo somente dois casos de união conjugal entre noivos com religião diferente. Esse dado pode estar ligado à preocupação com a manutenção da germanidade (DREHER, 1983), e à coesão em torno do protestantismo, dado que se destaca no espaço/temporal analisado, e que se tem demonstrado e efetivado, como apontam os dados do gráfico a seguir.

Gráfico 14 – Religião dos(das) noivos e noivas



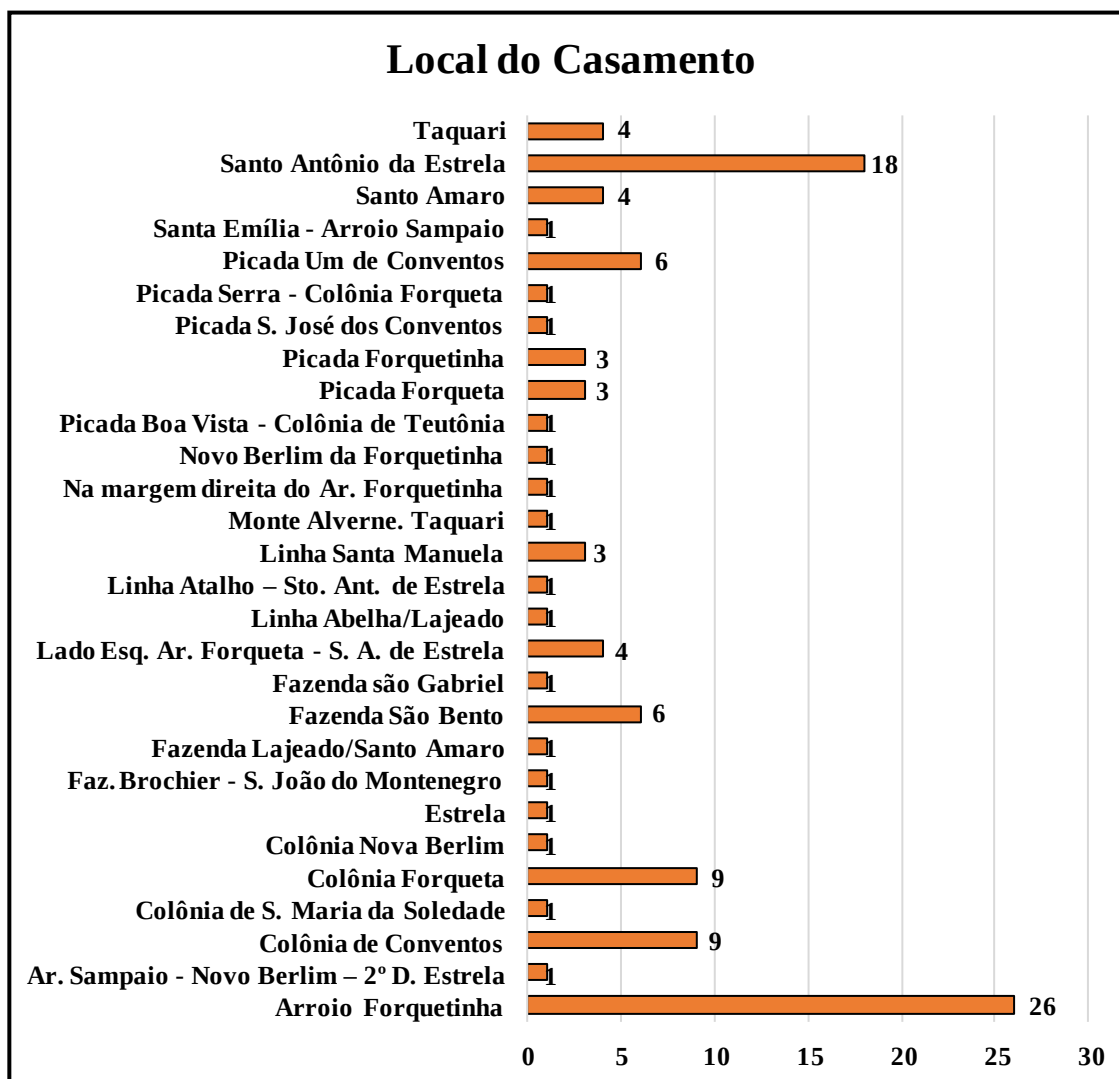
Fonte: Elaboração do autor.

São apontados, na observação de religião, 292 evangélicos(as) e apenas uma situação em que é citada a religião católica, e está relacionada ao sexo feminino. Nos dados que não apontam a religião, do total de 12, seis se referem aos noivos e seis estão relacionados às noivas.

8.5 Local e horário dos casamentos

Quando se observa os dados sobre o local da realização dos casamentos, nota-se que os pastores os descreviam por picadas, linhas, fazendas, e por características físico/geográficas das localidades em que eram realizadas as cerimônias (margem esquerda ou margem direita do Arroio Forqueta – Arroio Forqueta – Arroio Forquetinha – Arroio Sampaio – Colônia Forqueta – Colônia dos Conventos, Linha, ou Picada Abelha – Fazenda Lajeado – Fazenda São Bento) e geralmente complementadas com a informação de que pertenciam ao 2º Distrito de Santo Amaro, 2º Distrito de Taquari, Freguesia de Santo Amaro, Freguesia de São João do Montenegro, Segundo Distrito de Santo Antônio da Estrela, como se pode observar no gráfico que segue.

Gráfico 15 – Local dos casamentos



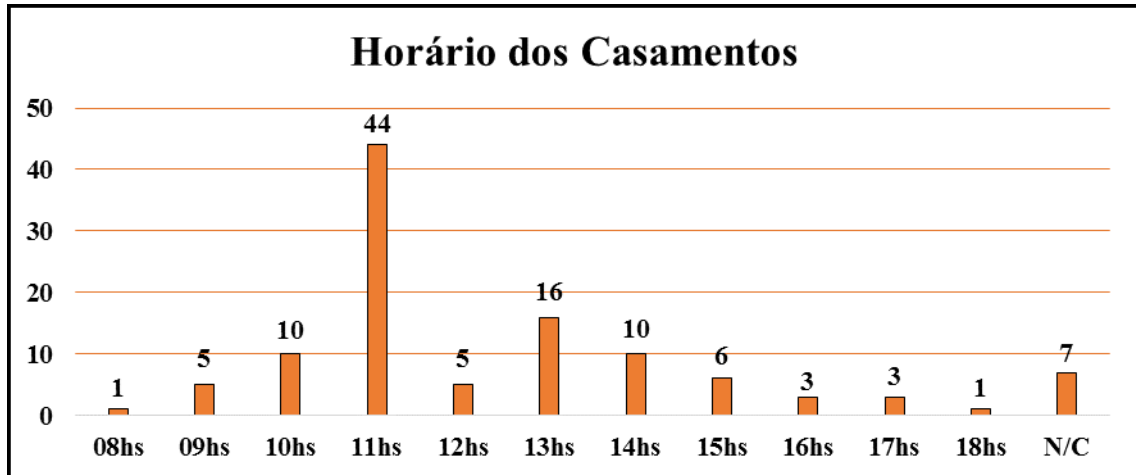
Fonte: Elaboração do autor.

Uma característica dos registros do pastor Doebber, nas suas observações sobre o local das cerimônias de casamento, aponta, por exemplo, o casamento realizado no Oratório Evangélico da Colônia Conventos, referindo-se à capela já existente na comunidade. Outros dados descritos por Doebber apontam que os casamentos eram realizados na casa dos pais de um dos nubentes. Também aparecem informações como: casamento realizado na casa do oficiante (esse dado só começa a aparecer a partir do ano de 1878), na sua própria residência, na casa da(do), viúva(o), na casa do finado, na casa do tenente, na escola da linha tal, deixando bem clara essa informação em todos os registros de casamento.

Ao analisar os horários em que eram realizadas as cerimônias de casamento, observa-se, conforme o gráfico a seguir, que, de 111 casamentos, em sete cerimônias, em 104 os pastores descreveram o horário de sua realização, prevalecendo o maior número de cerimônias realizadas às 11 horas da manhã, com total de 44, seguindo em menor número,

com 16 casamentos às 13 horas da tarde, e na sequência 10 realizados às 10 horas da manhã e 10, às 14 horas. Os demais casamentos seguem em menor número, realizados entre oito horas da manhã e 18 horas da tarde.

Gráfico 16 – Horário dos casamentos



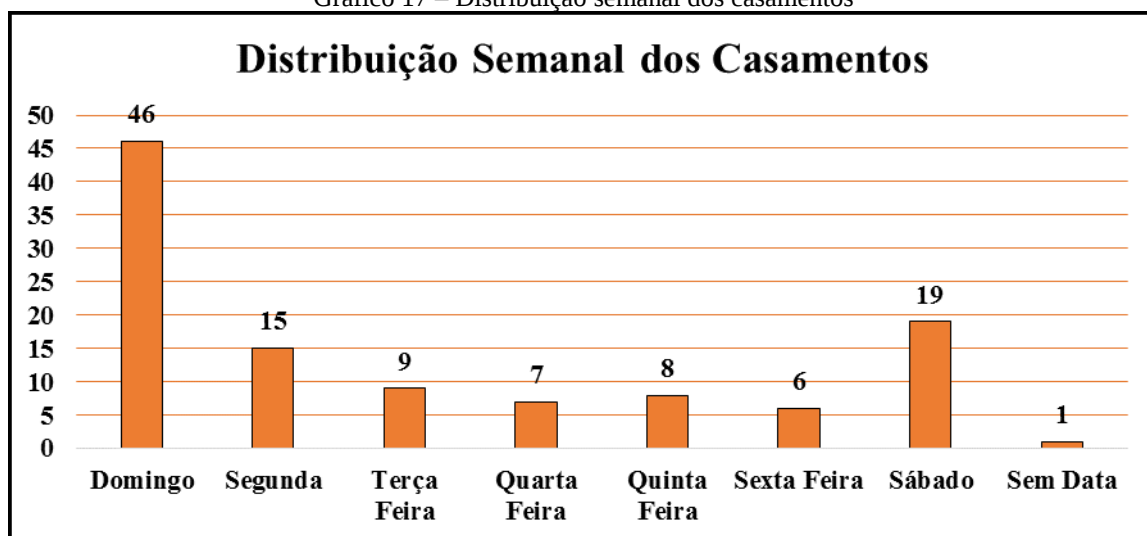
Fonte: Elaboração do autor.

A prevalência pelo horário das 11 horas da manhã, provavelmente, está relacionado com a possibilidade de, após a cerimônia, seguir-se o almoço de festa.

8.6 Distribuição semanal e sazonalidade dos casamentos

No levantamento de observações relacionadas à distribuição semanal das cerimônias, constata-se que o domingo foi o dia em que mais houve concentração de casamentos, com 46 cerimônias realizadas, seguindo-se o sábado com 19, e a segunda-feira com 15 celebrações. Os demais dias da semana, terças, quartas, quintas e sextas-feiras, com uma variação entre seis e nove casamentos, e apenas um sem dia da semana informado.

Gráfico 17 – Distribuição semanal dos casamentos



Fonte: Elaboração do autor.

A recusa da escolha da sexta-feira para a realização do casamento pode estar relacionada ao fato de a sexta-feira não ser o dia apropriado para festas, pois está ligado à Sexta-Feira Santa, data importante do calendário cristão. Nadalin aponta:

O primeiro impulso é explicar a partir das tradições populares (indicadas pela religiosidade católica) que identificam todas as sextas-feiras como dia não propício, dia da morte de Cristo, de abstinência, ou dia de azar, e assim por diante. De qualquer forma, parte importante da população, conscientemente ou não, deixa de casar na sexta-feira em virtude dessa relação, inclusive em períodos mais recentes. (CARDOSO; NADALIN, 1982, p. 119).

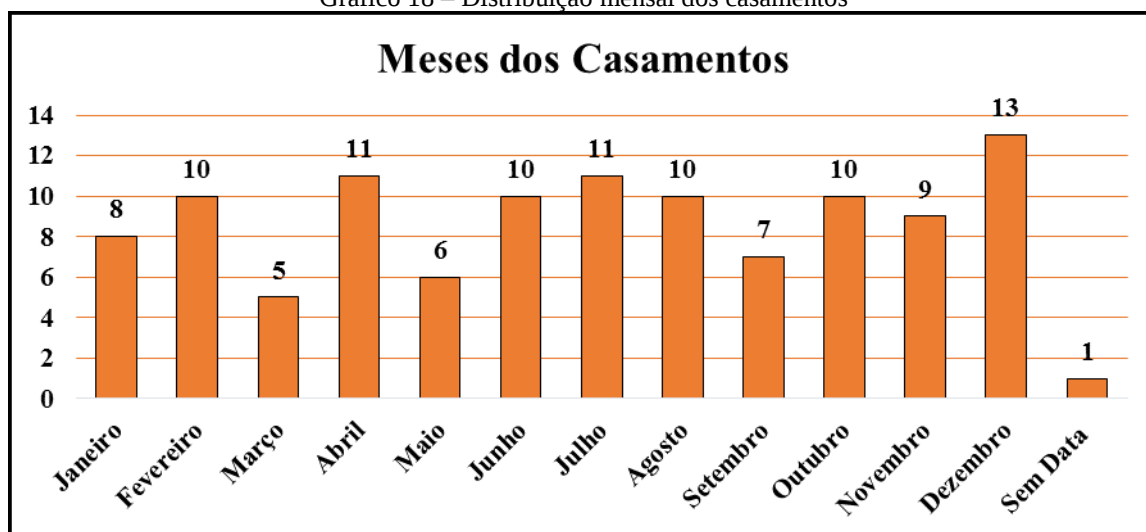
As atividades da lavoura podem ser atribuídas como fator de escolha do dia da semana para a realização do casamento, tendo preferência o sábado e o domingo para as festividades e comemorações da união nupcial, como escreve Helfenstein:

Esta preferência pelo final de semana para a realização da celebração das núpcias é relativamente recente; sobretudo para Curitiba dos séculos XVIII e meados do século XIX, a terça-feira era o dia mais escolhido, e somente a partir da segunda metade do século XIX e perdurando até o século XX o sábado passou a figurar como o dia mais indicado. (HELFENSTEIN, 2014, p. 83).

No caso de Conventos, prevaleceu a escolha do domingo e, depois, o sábado, como os dias de preferência para a realização das cerimônias nupciais, tornando-se praticamente um costume entre os moradores dessa colônia.

Quanto à sazonalidade dos casamentos, observa-se que o mês de dezembro apresenta maior concentração de cerimônias, num total de 13, e os demais meses apresentam em média de 10 casamentos/mês, com exceção dos meses de março e maio, que apresentam o menor número, somente cinco e seis cerimônias.

Gráfico 18 – Distribuição mensal dos casamentos



Fonte: Elaboração do autor.

Pode-se considerar que a escolha da data e/ou do mês está associada a alguns fatores determinantes para a realização do casamento, como destacam Cardoso e Nadalin:

O movimento sazonal dos casamentos constitui um rico indicador do cotidiano. A escolha da data do mês de casamento reflete costumes, tradições e mitos, interdições e mentalidades religiosas, influências das atividades sócio-econômicas, urbanas e rurais, e que sofrem alterações na evolução das sociedades no tempo. (CARDOSO; NADALIN, 1982, p. 106).

Como destacam Cardoso e Nadalin, a sazonalidade dos casamentos estava relacionada ao período de maior ou menor intensidade das atividades agrícolas desenvolvidas; porém, na colônia de Conventos, não se percebe grandes disparidades quanto à escolha dos meses em que se realizariam os casamentos, com exceção do mês de dezembro, que apresenta número superior à média dos demais meses. Talvez, uma abrangência maior quanto ao período da pesquisa poderia caracterizar melhor tais observações; os dados aqui colhidos não permitem tal conclusão.

Referente a esse período, que envolve a temática sobre a escolha dos meses, e considerando o que escreve Nadalin, citado por Black,

todas as frutas estão amadurecendo, pêssegos, amarelos, figos e melões, as uvas amadurecem em fevereiro e as parreiras estão cheias agora [...]. Agora estamos no meio das plantações e sementeiras, cultivando a terra e já colhendo produtos, especialmente o favorito feijão preto, o qual é plantado em grande quantidade. (BLACK, 2000).

O mês de março pode ser observado como um período de intenso trabalho agrícola, levando os nubentes a priorizarem as tarefas na propriedade. Já, para Nadalin (1982), o mês de março apresenta menor índice de cerimônias realizadas, pois

[...] apresenta um comportamento que caracteriza a observância do calendário religioso. [...] Assim é que se casavam durante o ano todo, evitando claramente os “tempos proibidos” do advento (dezembro e primeiros dias de janeiro) e da quaresma (março e parte de abril). [...] a recusa em se casar na quaresma é mais acentuada do que no advento, apesar do tratamento igual do ponto de vista da igreja, o que permite deduzir que a guarda da quaresma era mais rigorosa na perspectiva das mentalidades, talvez por que se trate de um período de penitência que antecede um evento “triste”, o da paixão de Cristo, enquanto que o advento antecede um momento “alegre”, o do nascimento de Cristo. (CARDOSO; NADALIN 1982, p. 110).

Há que se considerar que o autor se refere a sazonalidade dos matrimônios envolvendo também a religião católica, sendo que, em Conventos, diferentemente do que é apresentado por Nadalin (1982), o número de casamentos realizados no mês de dezembro é superior à média de todos os outros meses do ano, corroborando sua tese, como, por exemplo, os meses que antecedem a Páscoa. Nesse período, conciliando com o mês de março, observa-se número reduzido de cerimônias de casamento, confirmando o que diz o autor:

Merece destaque, sob estes aspectos, o comportamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, pois os protestantes não têm obrigações referentes às interdições católicas da quaresma ou do advento. Na verdade, em períodos mais recentes, acentuou-se a preferência para o casamento em dezembro. Com referência à retração na quaresma também por esta comunidade, é possível explicá-la em função da influência cultural do meio. (CARDOSO; NADALIN, 1982, p. 111).

Dessa maneira, os dados apresentados no gráfico, relacionados à sazonalidade, explicam a diferença de número de casamentos realizados no mês de março, de apenas cinco cerimônias e, no mês de dezembro, uma quantidade superior, porém, sem grande disparidade com relação aos demais meses.

As abordagens e o levantamento de dados apresentados aqui não são um fim, pois apresentam características gerais dos que casavam e estão abertos à problematização, a questionamentos e reflexões em variados aspectos, que envolvem a pesquisa demográfico-histórica, e tornam-se complexos e conclusivos à medida que forem confrontados com outras fontes relacionadas a este tema e que possam ser aprofundados

9 ÓBITOS

Pelos registros paroquiais de óbitos, as informações podem revelar variados aspectos do cotidiano, principalmente em se tratando do período aqui estabelecido, uma vez que são praticamente estas as únicas fontes que permitem a elaboração de taxas de mortalidade. Leva-se em consideração, quando descritas, a faixa etária, os locais e as circunstâncias em que ocorreram, a situação socioeconômica em que indivíduos e/ou famílias viviam, pois ajudam a relacionar aspectos que desvendam as circunstâncias e incidências em que ocorriam as mortes.

Os registros de óbito, em Conventos, contêm informações com certo padrão de organização e preenchimento, variando de acordo com o pastor que realizava os registros, mas, de modo geral, consta o nome, dia, mês e ano do falecimento, local do falecimento; nome, idade, estado civil, naturalidade, residência do morto; se deixou filhos, se a morte foi natural ou violenta, a causa conhecida e local do sepultamento. Essas informações, em alguns registros são mais completas e, em outros, há poucos dados.

A morte repercutia entre os imigrantes, todos eram conhecidos e respeitava-se o luto da família e praticamente todos participavam do velório. Destaca-se este aspecto:

Uma morte, na colônia, no passado, tinha enorme repercussão. Praticamente, todos se conheciam. O número de moradores não era tão grande assim [...]. Não havia, obviamente, avisos fúnebres impressos como é hábito nas cidades. Um parente ou um vizinho saía a cavalo pela vila a dar a notícia. (MÜLLER, 1984, p. 108).

Cada região ou grupo étnico carrega e vivencia seus aspectos culturais, as práticas religiosas e cerimônias, nos seus variados aspectos da vida em sociedade. (SCHEEREN, 2010). Fala o autor sobre o cotidiano da família Mallmann, quando imigraram para o Vale do Taquari, mais especificamente ao Arroio do Ouro, localidade pertencente atualmente ao município de Estrela. Geograficamente, Arroio do Ouro localizava-se à margem direita do rio Taquari, e Conventos na margem esquerda.

Scheeren (2010) pesquisa famílias de imigrantes alemães-católicos, o que permite abordar os aspectos do cotidiano, considerando-se que, geograficamente, estão inseridos no mesmo contexto do processo de ocupação da região.

Conforme a tradição, nas cerimônias e nos atos fúnebres,

o luto era guardado por três meses a um ano. Para pais, filhos e irmãos durava um ano. Neste tempo, além do uso da roupa preta, as pessoas se privavam de danças e festas. Para os avós e netos, três meses. Para cunhados seis meses. Para anjinhos (?).

Mais do que um sentimento, o luto era uma convenção social (privação da alegria). (SCHEEREN, 2010, p. 158).

Os velórios eram realizados na casa da pessoa que falecia, e o sepultamento era realizado no dia seguinte ao óbito. A preparação do corpo assim de dava:

Quando alguém morria, geralmente algumas pessoas mais chegadas eram convidadas para dar banho no defunto e vesti-lo. As vizinhas cozinhavam e faziam cuca, tradição que veio da Alemanha. Embora a cuca tivesse sentido de festa, na ocasião era servido aos que velavam durante a noite e para os que chegavam de longe. O caixão era feito sob encomenda. Às vezes só chegava já próximo ao enterro. (SCHEEREN, 2010, p. 158).

Reportando-nos a Conventos, do total de registros de óbitos realizados pelos pastores, infelizmente, em boa parte deles, não foram descritas observações que apontam para a *causa da morte*. Para Wenczenowicz (2007), “a não-caracterização da morte deve-se ao fato de não haver legista na região ou médico disponível no momento para apontar a causa do óbito. Grande parte das mortes era constatada em âmbito familiar”. Há que se destacar que, no caso de Conventos, não são Registros Civis de Óbito, mas registros paroquiais, e, em se tratando de fonte histórica, não desqualifica a importância de seus dados, e tornavam-se oficiais.

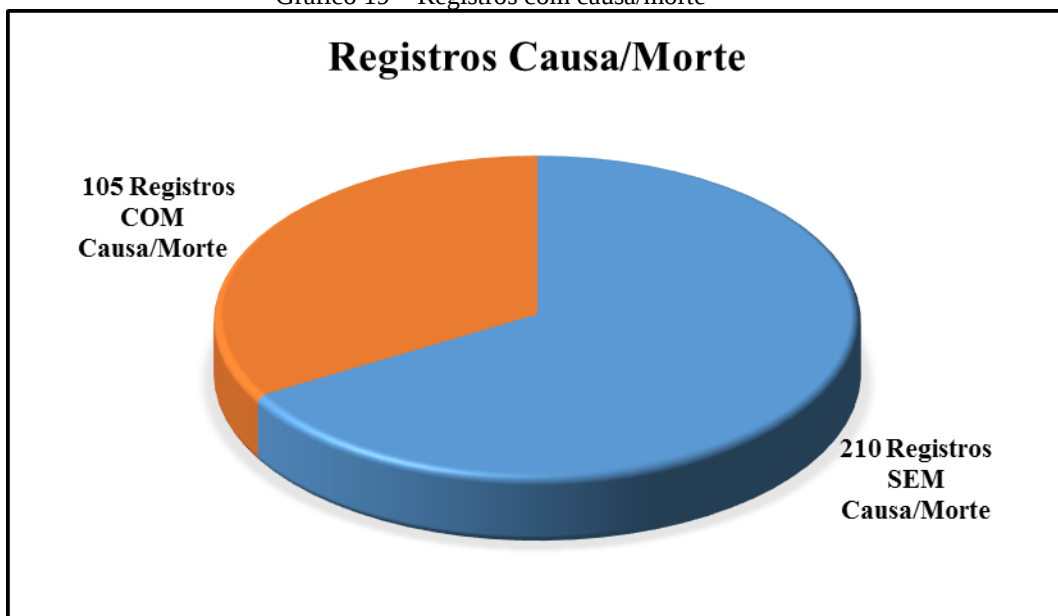
Precisa-se considerar que os registros paroquiais, que envolvem a causa dos óbitos, e em Conventos não foi diferente, devem ser tratados com cautela, pois, segundo Silveira e Laurenti (1973), “o que ocorre muitas vezes é que a apresentação da mortalidade por causa não é completamente verdadeira, pois as causas reais da morte nem sempre são colocadas pelos médicos”. Nos registros de óbitos da colônia de Conventos, a incidência de doenças que assolavam o Rio Grande do Sul, a partir de 1895, foram as mesmas até 1928. Em quase todos os anos, havia casos de difteria, peste bubônica, febre tifoide, varíola, sífilis e tuberculose. (MACHADO; GUENO, 2013).

9.1 Causa dos óbitos

Constam, nos livros de registros, 315 óbitos; destes, apenas em 105 é descrito o(os) motivo(s), e somente encontram-se Livros de Registros de Óbito, a partir do ano de 1882. Se for levado em conta que os primeiros registros de nascimento e/ou de casamentos datam de 1865, deveriam constar também dados referentes aos óbitos, como os de casamento e batismo. A ausência de dados entre 1865 e 1882, com relação às mortes, pode-se atribuir, ou supor, que os livros foram levados por pastores, que seguiram para outras localidades. Outra suposição é

de que eles não eram registrados em razão da sua pouca importância civil. Diferentemente do registro de batismo que, na realidade, era quase um registro civil de nascimento, ou de casamento; o de óbito não tinha essa importância.

Gráfico 19 – Registros com causa/morte



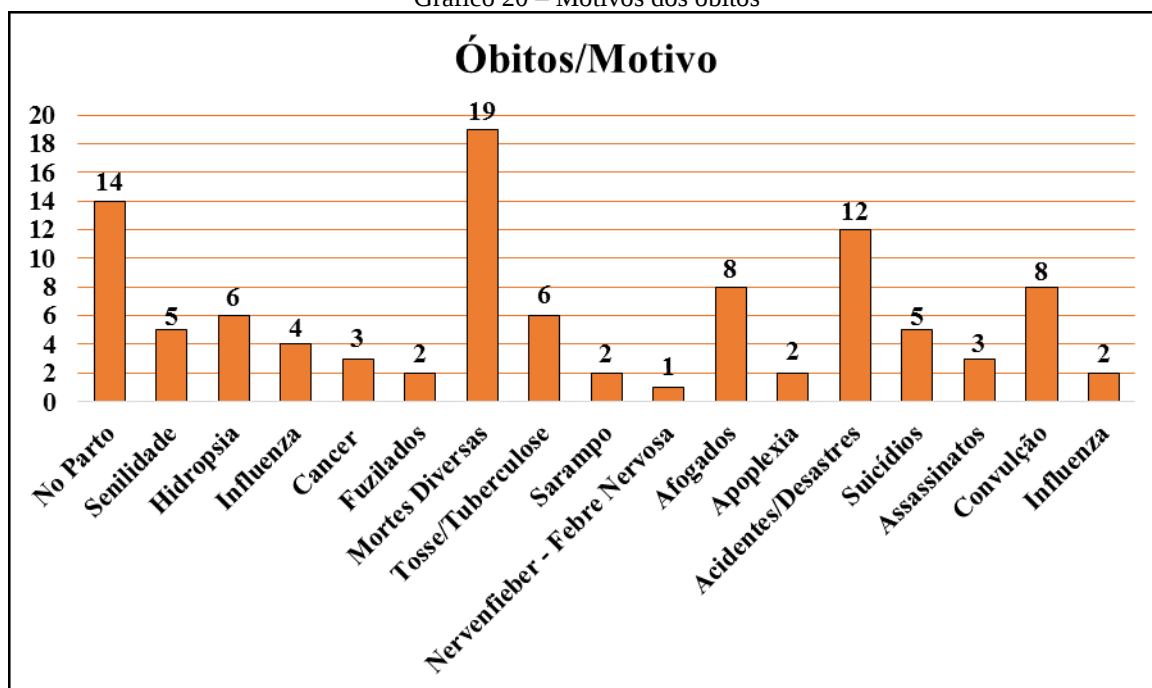
Fonte: Elaboração do autor.

Adoecer é, para todos nós, um acontecimento inevitável no nosso percurso de vida. É esse estado que determina, por vezes, o seu ato final, que é a morte. No passado, a doença apresentava-se com uma frequência quase contínua, em virtude das carências alimentares, dos insuficientes cuidados médicos e das deficientes condições higiénico-sanitárias a que as populações estavam sujeitas. (COUTO, 2011, p. 207).

Nos registros em que são descritos o motivo do óbito, pode-se realizar importante diagnóstico e algumas conclusões como: os motivos que levaram à morte, a faixa etária em que a pessoa era acometida pelo óbito, as principais doenças enfrentadas pelas famílias, a incidência de mortes tanto de bebês quanto de mulheres ao dar à luz e os óbitos provocados por diferentes fatalidades.

No gráfico a seguir, destaca-se o número e o motivo do óbito descrito pelos pastores.

Gráfico 20 – Motivos dos óbitos



Fonte: Elaboração do autor.

Decorrentes de suicídio encontramos cinco casos, três do sexo masculino e dois do sexo feminino. Wenczenovicz (2007), quando pesquisou registros paroquiais de óbitos de uma comunidade de imigrantes poloneses,¹⁶ afirma que

o suicídio está elencado nos dados estatísticos dos Anuários Brasileiros desde 1908, sendo classificado como indicador de patologia social. É importante registrar que, em estatísticas nacionais, o suicídio é registrado na seção saúde, justiça e índice de mortalidade, como causa externa de mortalidade – violência e acidentes [...]. Dessa forma, sentimentos como culpa (não desempenhar suas tarefas como progenitor determinadas pelo senso comum), desesperança (dificuldades financeiras) e raiva (disputas ideológicas, religiosas e sociais) representavam, para o imigrante polonês, estados efetivos de pessoas que cometeram o suicídio. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 164, 167).

Dentre os homens, dois têm como causa/morte o enforcamento (um com idade de 52 anos, e o outro consta somente a data do suicídio), e um com arma de fogo (tiro), na idade de 34 anos. As mulheres, com idade de 23 e 52 anos, ambas cometeram suicídio por enforcamento.

Dentro dessa temática, o artigo publicado por Radünz¹⁷, apresenta uma pesquisa realizada no município de Feliz/RS, referente a suicídios ocorridos nas décadas de sessenta e

¹⁶ Wenczenovicz analisa o Registro Civil. Livro de Óbitos (1925-1950). Foram analisados os Livros de Áurea, Carlos Gomes, Erechim, Gaurama e Getúlio Vargas. E o Registro Civil. Livro de Óbitos N° 1. Paiol Grande. Nesse livro encontram-se registrados os primeiros óbitos da região do Alto Uruguai, no período de 1912-1921.

¹⁷ RADÜNZ, Roberto. **Mulheres protestantes**: suicida Feliz. Revista Brasileira de História das Religiões, v. III, p. 9, 2011.

setenta do século passado. Nesse estudo, enfatiza a preocupação com a recorrência de mortes por suicídio. Já o atual município de Candelária, o qual, no período da imigração alemã, denominava-se Vila Germânica, também apresentou alto índice de suicídios na década de 1960. Sobre a problemática do suicídio, referindo-se à Vila Germânica no período da colonização e imigração alemã, o autor escreve que:

Em fins do século XIX, nessa mesma comunidade, o tema suicídio foi tratado pela paróquia luterana de maneira bem política. Nos Estatutos da Comunidade da Vila Germânia no ano de 1883 claramente se definiu que “nenhum suicida poderá ser enterrado pelo pastor da comunidade”. Cinco anos depois, este parágrafo foi subtraído dos estatutos. “Segundo decisão da assembleia da Comunidade de 29 de janeiro de 1888, deverá ser desconsiderado o parágrafo 16 do capítulo IX e não mais lembrado”. (RADÜNZ, 2011, p. 1).

Os pontos do estatuto, os quais foram tratados inicialmente de forma mais drástica, em que, para tais mortes, nem o sepultamento era realizados por pastores, posteriormente, passou a ser visto como um problema social, porém, mesmo assim, nesses casos continuaram a ser tratados de forma diferenciada.

Dentre os óbitos, dois casos são de pessoas que estavam envolvidas na Revolução Federalista, ambos foram executados: Philipp Deicke, que nasceu na Picada Café e Adam Fuchs, nascido na Baumpicade. Ambos foram fuzilados em seu posto de guarda pelos federalistas e sepultados em 29.1.1895, no cemitério da localidade de Forqueta.

Em relato de Johanna Friederike Hahj Falk, na carta de número 21, datada de 23 de setembro de 1894, período em que esteve em Conventos, com seu marido prestando serviços à comunidade, o Pastor Heirich Eduard Falk relata:

Não lestes as últimas notícias do Brasil nos teus jornais? Não te preocupaste com teus parentes Falk e como estão sobrevivendo a Revolução? Louvado seja o Senhor, pois até agora fomos poupados da tragédia, e a nossa comunidade não teve perdas, só que muito gado é “fornecido” aos revolucionários para transporte e alimentação. Já faz um ano que a revolução ocorreu perto de nós e não existe paz completa, mas temos esperança que termine em breve. (BLACK, 2000, p. 78).

Falk descreve que muitos alemães estavam entre os grupos revolucionários responsáveis pelos combates na região do Vale do Taquari e à frente das tropas estava seu líder, descrito como

[...] um brasileiro terrível, chamado Palmeira, que disse que ria derrubar o governo, tomar conta de Porto Alegre e, que todo o país especialmente os federalistas, estavam do seu lado e que eles iriam ganhar. Sob música militar e os tiros de canhões em saudação, ele marchou pela cidade vizinha de Lajeado, acompanhado pelos alemães. Ele era um “corta-goela” no sentido verdadeiro, pois ordenou que executassem vários alemães, membros do partido castelhano, cortando os seus

pescoços. Muitos corpos flutuavam rio abaixo, o que causou muito pânico entre os moradores. Não se permite enterrar os mortos, foram devorados pelos porcos. Oh, que tempos assustadores foram estes; durante a noite levavam os prisioneiros e os executavam. Não se podia mandar avisos, pois os vapores não tinham permissão de subir o rio. (BLACK, 2000, p. 78).

O período em que as tropas estiveram de passagem por Conventos e arredores gerou medo e desespero nas comunidades, pois não sabiam de que atrocidades tais grupos eram capaz de impor às famílias. A preocupação constante afetava a normalidade da vida dos colonos; os próprios jovens eram levados a se juntar para combater, mesmo sem experiência, com o objetivo de defender suas propriedades.

Esta tirania em Lajeado durou duas semanas e todos os alemães tinham que mostrar deferência, levando uma fita vermelha nos seus chapéus e apresentar-se a ele e ficar de guarda e qualquer pessoa entrando ou saindo tinha de ter um passe. [...] Aí se chegou a um ponto em que todos os jovens tinham que participar da batalha, treinados por velhos soldados alemães ou brasileiros. Como nos dava pena ver estas “tropas” de pobres rapazes, sem armas adequadas. Montados em seus próprios cavalos e depois de cavalgar por três dias, encontrar o inimigo, ou seja, as tropas federais. O assalto foi brutal e os jovens fizeram tudo que podiam, mas por fim, escaparam para os matos e trataram de chegar às suas casas a pé. (BLACK, 2000, p. 78).

Os relatos de Johanna Falk evidenciavam o desespero que tomava conta das comunidades, que ficavam à mercê da sorte quando as tropas passavam.

Em verdade só posso dizer que estes foram tempos assustadores, pois arrombavam casas, destruíam tudo o que não podiam carregar. Isso ocorreu não só aqui, mas em toda a província. Enquanto isto todo o país está sofrendo com a inflação, a moeda brasileira está desvalorizada e não chega para comprar nada e tudo está muito caro. (BLACK, 2000, p. 79).

Nos registros são descritas duas mortes relacionadas ao conflito da Revolução Federalista em Conventos, porém, o conflito se deu de forma mais intensa em várias comunidades próximas, espaços que atualmente pertencem aos Municípios de Santa Clara do Sul, Estrela e Forquethina.

Dentre os óbitos descritos, há m número significativo de crianças e jovens que foram vitimados por mortes acidentais, envolvendo atividades corriqueiras nas propriedades e/ou durante a realização do trabalho diário, e mesmo durante o lazer, como, por exemplo: atropelamento, queimaduras, afogamentos, disparo de arma de fogo, conforme quadro a seguir.

Quadro 3 – Óbitos/motivo

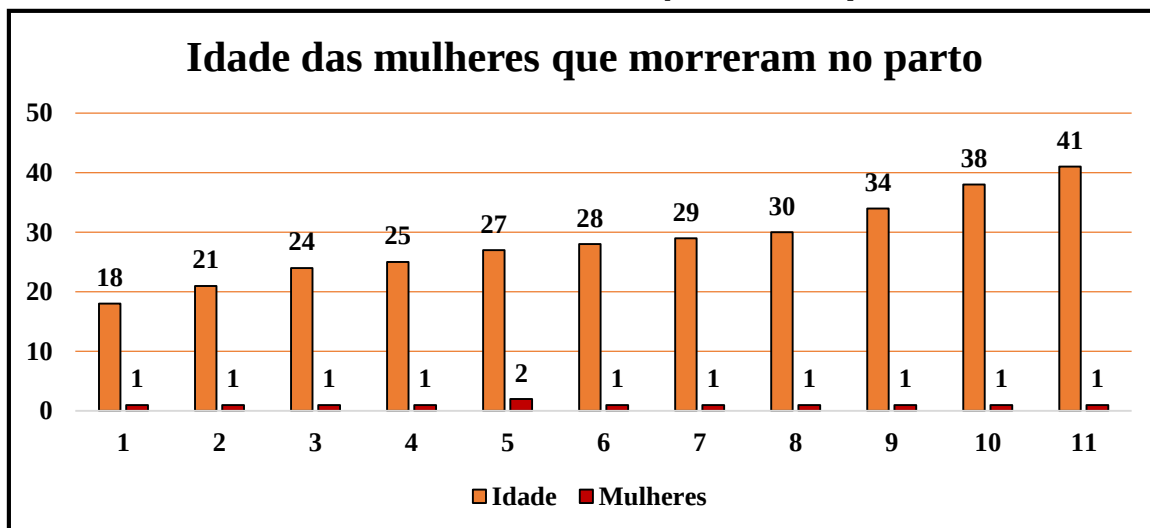
Óbito/Motivo	Idade
Atropelado	10
Queimaduras	3, 4, e 7
Assassinado acidentalmente por irmão	3
Afogados	7, 7, 8, 14, 20
Assassinado	19
Cabeça esmagada (em fábrica de tijolos)	14
Durante uma caçada	18
Consequência de resfriado	14

Fonte: Elaboração do autor.

9.2 Óbitos por ocasião do parto

O número de óbitos durante o parto é significativo, atingindo a faixa etária de mulheres com idade entre 18 e 41 anos, conforme se pode observar no gráfico que segue.

Gráfico 21 – Idade das mulheres que morreram no parto



Fonte: Elaboração do autor.

Vários fatores contribuíam para o elevado número de óbitos de mulheres no parto, se considerado o total de registros analisados. Provavelmente, se se tivesse acesso aos registros, desde os primeiros anos de ocupação da Colônia de Conventos, seria possível apontar outras conclusões a respeito.

Radünz afirma que

a religião atuou, principalmente entre pessoas mais humildes, como uma âncora de justificação para aquilo que fugia à compreensão humana. Se uma criança vinha a faltar, como se poderia justificar essa realidade, considerando também que Deus vela por seus filhos? Os pensamentos de Deus fugiam à compreensão da comunidade, e nada havia de fazer a não ser resignar-se diante de uma vontade tão superior. Para o conjunto dos fiéis, o problema estava encaminhado: nada mais havia a questionar diante de um argumento tão superior – a vontade de Deus. (RADÜNZ, 2008, p. 68).

Wenczenovicz (2007) escreve que o “parto fazia parte do universo feminino”, pois, para as mulheres, “na memória feminina não permaneceram somente marcas positivas em relação ao parto, em decorrência do registro de um número significativo de óbitos ocorridos em tal condição de singularidade feminina”.

A morte de mulheres no parto é percebida, em maior escala, no grupo com idade superior a 25 anos de idade. Sabendo-se que os casamentos ocorriam quando as mulheres tinham, em média, 18 anos, a probabilidade é de que iam a óbito no parto, após terem dado à luz a outros filhos.

A mais frequente causa de morte no momento do parto era a idade avançada das parturientes, pois a maior parte dos óbitos decorrentes de complicações do parto refere-se a mulheres com mais de 35 anos. Acredita-se que o alto índice de mortalidade entre parturientes em idade avançada devia-se à dificuldade de movimentação dos ossos da bacia, pois esses já estariam se calcificando e a cesariana representava um grande risco de infecções e hemorragias. Outros sinais de risco podiam apresentar-se como características do gênero: obesidade, estatura inferior a 1,50m, nova gravidez antes de decorridos três meses do último parto, desnutrição, perda de sangue nos primeiros três meses de gravidez, ruptura prematura das membranas e presença de filhos anteriores com doenças ou problemas congênitos. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 183-184).

Segundo a autora, como já referido, o parto era assunto e preocupação, sobretudo, das mulheres:

À medida que se aproximava o parto, o progenitor era avisado para ficar alerta, caso necessitasse buscar a parteira às pressas e, em último caso, o médico. As crianças geralmente iam para a casa de vizinhos ou parentes próximos. A concepção, a gestação e o parto eram envoltos em mistério. Ao retornarem, as crianças eram envolvidas em histórias imaginárias sobre como chegara o novo membro familiar. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 186-187).

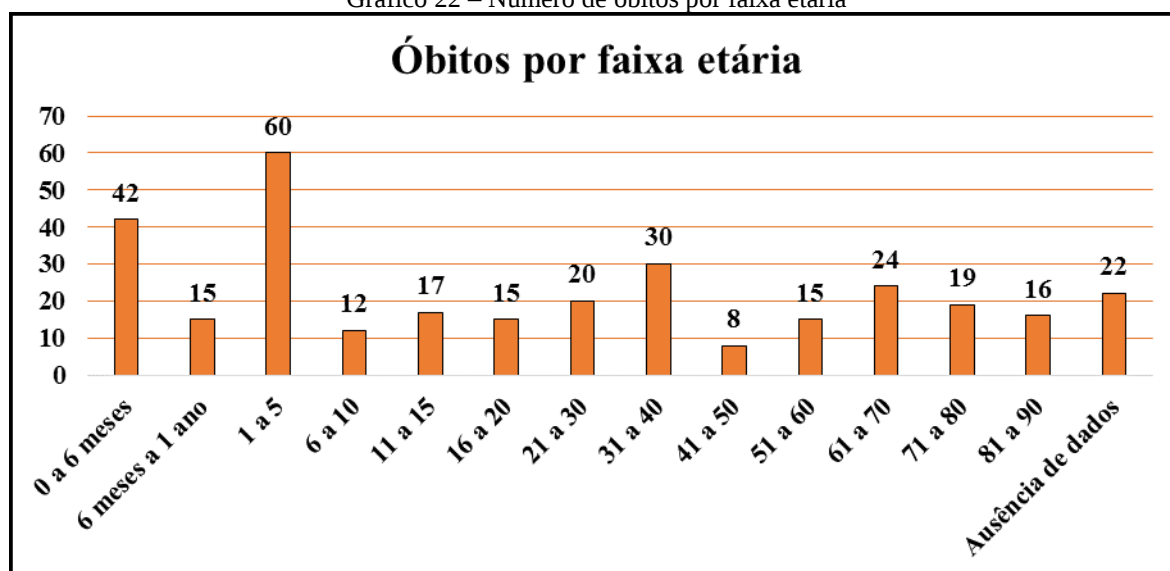
No levantamento realizado, não se aponta no gráfico as quebras de dias nos meses, a fim de facilitar a compreensão dos dados, pois poucos registros trazem tais informações.

9.3 Óbitos por faixa etária

Para muitos, a compreensão era de que a morte deveria ser aceita como algo natural, desejado por Deus, principalmente na velhice. Como escreve Radünz (2008, p. 69), “a morte tranqüila, aceita – a morte daqueles que já trilharam os seus caminhos nesta vida”. Nestes momentos é que os pastores desempenhavam a importante tarefa de confortar e amenizar o sofrimento daqueles que se despediam do ente querido, aceitando a morte como sendo uma vontade de Deus.

O gráfico abaixo apresenta o total de óbitos e sua causa, quando descrita pelos pastores.

Gráfico 22 – Número de óbitos por faixa etária



Fonte: Elaboração do autor.

Na faixa etária entre zero e cinco anos de idade, os dados apontam que o número de mortos foi muito superior às demais faixas etárias. Entre zero e seis meses de idade, contabiliza-se 42 falecidos, que, se comparados ao total de registros, é um número considerável muito elevado, mas que não foge às estatísticas relacionadas a estudos e pesquisas, que apontam para o alto índice de mortalidade nesta faixa etária. Pode-se apontar como fatores deste elevado número de óbitos de crianças, com idade de zero a cinco anos, fatores relacionados à precariedade nas condições sanitárias e de habitação. Para Wenczenovicz (2007), está associada a esse elevado número de mortes a doença:

Popularmente conhecida como “amarelão”, essa infecção intestinal, ou no duodeno, causada por nematódeos (vermes cilíndricos), atacou também os núcleos poloneses, sendo as primeiras vítimas as crianças. As precárias condições sócio-econômicas de

alguns núcleos foram propícias para a disseminação dessa enfermidade e, em alguns casos, desencadearam parasitismo intenso, que chegou a níveis de hipoproteinemia, atraso no desenvolvimento físico e mental, causando, até mesmo, a morte por bloqueio intestinal.³¹⁰ Com frequência, a enfermidade, acompanhada de intensa infecção, acarretava anemia. Os adultos também eram atacados pela ancilostomíase, mas em menor escala. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 169).

A grande probabilidade de contrair essas doenças está associada às características do meio físico, pois “a infecção ocorre quando a larva atravessa a pele do indivíduo por meio do contato direto com solo contaminado”. (WENCZENOVICZ, 2007). O hábito de andar descalço, em contato com o solo e água contaminados, nos adultos e nas crianças, nas atividades domésticas e rurais, propiciava o contato e a contaminação e, posteriormente, processos infecciosos que levavam a óbito.

Das referências apontadas pelos pastores e relacionadas à causa da morte, se relacionadas às condições vividas cotidianamente pelas famílias, pode-se associá-las às seguintes doenças: “diarreia de Sangue; difteria; fraqueza; infecção Intestinal; vólvulo (patologia infecciosa do estômago)”.¹⁸ Wenczenovicz aponta:

A ancilostomose foi tratada em âmbito domiciliar, com raros casos de uso da medicina tradicional para sua cura. Infelizmente, houve casos em que a família procurou o médico somente após o agravamento da doença, o que resultou em alteração no desenvolvimento mental do infectado. Popularmente, a doença também foi denominada nos núcleos poloneses de “ataque de bichas”. Segundo Karpinski, era muito perigosa em crianças, pois poderia causar asfixia e levar à morte. Para controlá-la, utilizavam-se benzimentos e infusões diversas. Quanto à sintomatologia em crianças, apontam-se a palidez, o excesso de sono e o desejo de consumir doces. A depoente também informa a adoção de métodos profiláticos, como alimentar-se bem, comer frutas e legumes somente lavados e usar calçados. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 171).

Outros casos de óbitos, como hemoptise,¹⁹ tuberculose, influenza,²⁰ tosse e consequência de resfriado, estão ligados a doenças pulmonares, que afetavam um número

¹⁸ MÜLLER, Armindo L. **Comunidade evangélica de conventos**: primeira e segunda partes. Grafozem, 1998.

¹⁹ Hemoptise é uma quantidade variável de sangue que passa pela glote, oriunda das vias aéreas e dos pulmões. No *início* do século passado, a hemoptise era patognomônica de tuberculose pulmonar avançada. Hoje, o câncer de pulmão e as doenças inflamatórias crônico-pulmonares são suas causas mais frequentes nos países desenvolvidos, devido ao efetivo controle da tuberculose pulmonar. Miguel Abidon Aidé – Professor Associado 3º do Departamento de Medicina Clínica Coordenador do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Pneumologia Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo, v. 36, n. 3, May/June 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-37132010000300002>. Acesso em: 15 out. 2016.

²⁰ Wenczenovicz (2007, p. 172). A gripe, ao apresentar-se como uma infecção respiratória causada pelo vírus Influenza, recebe o nome do próprio vírus. Pode afetar milhares de pessoas a cada ano, pois se trata de enfermidade altamente contagiosa, com incidência maior no final do outono e inverno e no início da primavera. O recrudescimento da moléstia pode levar o indivíduo à inflamação dos brônquios, a diversas complicações no aparelho respiratório, à pneumonia e até à morte.

A descoberta de que a origem da influenza não era por bactérias, mas por vírus, data do início do século XX, após a pandemia gripal de 1918. Vários foram os estudiosos que apresentaram um conjunto de verdades

considerável de pessoas, característica comum na Região Sul, devido ao clima (invernos frios e úmidos).

A gripe, ao apresentar-se como uma infecção respiratória causada pelo vírus Influenza, recebe o nome do próprio vírus. Pode afetar milhares de pessoas a cada ano, pois se trata de enfermidade altamente contagiosa, com incidência maior no final do outono e inverno e no início da primavera. O recrudescimento da moléstia pode levar o indivíduo à inflamação dos brônquios, a diversas complicações no aparelho respiratório, à pneumonia e até à morte. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 172).

Nos óbitos de pessoas com idade entre 6 e 30 anos, há estabilidade, variando entre 12 e 20 mortes nessa faixa etária.

Quando se trata do número de falecidos com idade entre 30 e 40 anos, percebe-se uma elevação, fato que leva a crer que, estando estes na fase de plena atividade produtiva, também estavam sujeitos a acidentes e fatalidades, tais como: fuzilado, esfaqueado, afogado; atingido por árvore ou por disparo de arma de fogo. Neste grupo de óbitos, com idade entre 30 e 40 anos, constam várias mulheres que faleceram por ocasião do parto.

Em alguns registros de óbitos, talvez por serem pessoas de referência para a comunidade, ou pelo fato de a circunstância do óbito ser atípico à normalidade, os pastores relataram aspectos da vida das pessoas e a forma pela qual foram a óbito. Destaca-se alguns casos por considerar relevantes tais informações, e que, de forma mais subjetiva, remete ao imaginário do cotidiano vivenciado em Conventos.

– **Johann Jacob Purper**, com idade de 86 anos, **participou da Revolução Farroupilha**. Nasceu em Idar, Principado de Birkenfeld. Imigrou em 1825, primeiro para Lomba Grande – São Leopoldo e faleceu em 4.6.1894, na Picada Moinho e foi sepultado em 5.6.1894, no cemitério de Chr. Deckmann, em Moinho.

– **Johann Dieter Hauschildt** (Fundador de Conventos), com idade de 69 anos, foi descrito como idoso e honrado. Nasceu em Evenzon, Schleswig Holstein, e participou da **Guerra contra Rosas em 1852**. Faleceu às 7h30min e foi sepultado em 20.12.1894, em Conventos.

– **Philipp Deicke**, com 37 anos, nasceu na Baumpicade, **foi fuzilado no seu posto de guarda pelos federalistas**, sepultado em 29.1.1895, no cemitério de Forqueta.²¹

– **Georg Schreiner** (não consta a idade) nasceu em São Lourenço, morreu afogado no rio Taquari. Foi encontrado às 18 horas. Estava a serviço da **Guarda Nacional**. Foi sepultado em 11.3.1895, em Lajeado, RS.

provisórias até chegar o ano de 1933, quando três pesquisadores britânicos – Andrew, Smith e Laidlaw – descobriram que o agente etiológico da moléstia correspondia a um vírus.

²¹ Cemitério Forqueta pertence ao atual Município de Arroio do Meio, RS.

- **Mathilde Justine Grooders**, em idade de 4 anos, mãe já – falecida. **Faleceu em consequência de queimaduras, causadas porque a criança ateou fogo na própria roupa, por causa do frio.** Sepultada em 11.7.1895, no cemitério de Abelha.²²
- **Margaretha Knebel**, nasc. Möwius, com 40 anos de idade, casada, deixou **dez filhos**, o mais novo com um ano e meio de idade. Foi sepultada em 12.7.1895, no cemitério de Forquetinha (nos fundos).
- **Carl Armange**, com idade de 40 anos, nasceu na Pomerânia, foi assassinado a facadas em um **baile de Kerb**, às 21 horas por um colono. Foi sepultado em 19.11.1895, em Conventos.
- **Johann Maiferd**, com idade de 83 anos, era viúvo. Nasceu na Pomerânia, **morreu congelado na estrada durante a noite.** Foi sepultado em 9.7.1897, no cemitério de Abelha.
- **Johann Jacob Taffe**, com idade de 7 anos, filho de comerciante, **morreu afogado com seu irmão** no Forquetinha.²³ Foi sepultado 20.12.1897, no cemitério Bender de Forquetinha.
- **Albert Taffe**, com idade de 8 anos, **morreu afogado** quando tomava banho no Forquetinha (às 16 horas). Foi sepultado em 20.12.1897 com o irmão de Johann Jacob Taffe, no cemitério Bender de Forquetinha.
- **Catharina Sophie Schröder**, nasc. Regelmeier, com 19 anos de idade. Foi **assassinada** enquanto dormia, no dia 26 de dezembro, 22 horas, enquanto seu marido estava no salão de baile, de onde retornou às 22h30min, quando encontrou a jovem esposa deitada entre os dois filhos pequenos, com a garganta cortada. Foi enterrada em Teutônia, RS.
- **Philipp Lawall**, com 39 anos de idade, **morreu afogado** às 21 horas, por enchente na ferraria. Foi sepultado em 6.4.1899. Deixa esposa e 8 filhos. Foi sepultado em Conventos.
- **Criança do casal Germany** nasceu em 24.4.1900 e faleceu no mesmo dia (**no parto**). Família não pertencente à comunidade. Foi sepultada com autorização. Recebeu o batismo de emergência da parteira.
- **Franz Liebert** (nome suposto). Era marinheiro natural dos arredores de Chemnitz, Saxônia, e **morreu afogado** em 23.10.1887, no arroio das Antas, na Picada Conventos, na idade esplendorosa de 25-27 anos. Foi sepultado no dia 25 na Picada Conventos, conforme desejo do inspetor Kettem, dessa localidade. Segundo informações, seu nome verdadeiro seria Ernst Hermann Liebers, natural de Niederau/Witterweide/Saxônia. Teria idade aproximada de 28 anos. Teria trabalhado num navio holandês, que tinha rota na costa brasileira. Teria, anteriormente, trabalhado na hidráulica de Hamburgo.

²² Cemitério Abelha – Refere-se, hoje, à localidade pertencente ao Município de Sério, RS.

²³ Refere-se ao arroio denominado de Forquetinha.

– **Katharina Eckhardt**, nasc. Arndt. Nasceu em 10.9.1847 e faleceu no dia 4.11.1888, com 41 anos. Nasceu em Enkirch, junto ao Mosela e casada em Conventos, faleceu às 19h45min, **no parto** do décimo terceiro filho. Foi sepultada em Conventos.

– **Elisabetha Barbara Gall, nasc. Eckhardt**. Tinha 23 anos de idade, era casada com colono. Teve três filhos, dos quais o menor tinha 16 meses. **Enforcou-se** às 13 horas. Foi sepultada em Conventos.

A morte, como acontecimento que recobre de tristeza e dor a família e os que estão mais próximos, pode ser compreendida, também, como um fato que serve de alento para o sofrimento, seja por uma doença ou pelas atribulações a que estava (e está) submetido o ser humano, enquanto passageiro do mundo terreno. Essa vivência também fazia parte e compunha o cotidiano dos imigrantes alemães evangélicos de Conventos. Sobre esse aspecto ligado à morte, Wenczenovicz se pronuncia.

A morte é fato natural da vida humana, já que o homem compartilha seu destino com tudo que está vivo, e que também morre. Todavia, o homem é o único a ter consciência da morte, carregando consigo a angústia de seu medo. Uma vasta literatura procura definir a situação e a significação da morte no contexto humano. Investigam-se as condições, causas, contextos da morte, a evolução das concepções, ritos e crenças sobre ela, nas mais variadas civilizações. (WENCZENOVICZ, 2007, p. 213).

A passagem da vida para a morte consiste de momentos com uma simbologia muito importante para os familiares e para a comunidade. Nesse sentido, Blume destaca:

Depois da comunidade ser informada da morte de algum de seus moradores através do som dos sinos, era providenciado o caixão, pelo marceneiro mais próximo, e o preparo do corpo do morto, tarefa desempenhada por pessoas amigas da família. Os rituais prosseguiram com o morto sendo velado em sua casa, ocasião em que se rezava e se entoavam cânticos religiosos. Amigos, vizinhos e conhecidos (entre os quais crianças) iam se despedir do morto e prestar solidariedade coletivamente, a participação no velório era uma obrigação que estreitava os laços de coesão social. Num cenário no qual a maioria das pessoas da comunidade se fazia presente às cerimônias fúnebres de alguém de seus membros, os ritos realizados atuavam na afirmação e manutenção de laços sociais ao mesmo tempo em que também amenizavam a ruptura da ordem social ocasionada pela morte. (BLUME, 2010, p. 260).

Dentro desse contexto de sofrimento e de tristeza, pelo momento de perda e ruptura de passagem pela vida, outros aspectos podem ser expressados pelas práticas entre imigrantes alemães, quando “expressavam sua experiência com o sagrado fazendo uso da criatividade e empregando sua grande diversidade cultural na forma de gestos, símbolos, cantos e ritos”. (BLUME, 2010, p. 259).

A ritualização no momento do luto e a realização do velório tornavam a casa do enlutado um local de recepção, além de disponibilizar, “num gesto de agradecimento da família, fartura de comida e bebida para alimentar parentes, vizinhos e amigos que vinham de longe para velar o finado noite a dentro”. (BLUME, 2010, p. 260). Também fazia parte do ritual fúnebre a entoação de cantos e hinos que simbolizavam e procuravam dar um sentido para morte, como um momento de passagem e conforto para os que ficavam.

Radünz assim se refere:

Os *Toten Register* são muito ricos nas informações. Além de apontarem dados pessoais e a causa da morte, também traziam o texto escolhido pelo pastor para balizar sua mensagem fúnebre. Esses textos permitem recompor o discurso religioso diante da morte, principalmente quando ceifava crianças que tinham toda uma vida pela frente. (RADÜNZ, 2008, p. 67).

Dentre os costumes praticados entre os imigrantes alemães-evangélicos de Conventos, estava o de deixar, nas lápides dos sepultados, inscrições fúnebres e epitáfios, que se tornavam uma forma de expressar sentimentos de conforto e esperança aos que partiam e também aos que permaneciam, no momento de dor pela perda do ente querido. “Apresentavam-se como representações da relação do homem com a morte, num espaço onde são produzidos os elementos utilizados no interior dos templos e no cotidiano das picadas. Igualmente se caracterizavam como locais de preservação da memória comunal”. (BLUME, 2010, p. 261).

Na região que pertencia ao espaço geográfico da colônia de Conventos, os cemitérios estão em sua maioria preservados; alguns túmulos e lápides têm inscrições simples, com apenas nome e data de nascimento e óbito; outros têm com citações bíblicas, pensamentos, frases e fotografias.

Figura 35 – Túmulo de Jacó R. Bischoff, e esposa sepultados no cemitério de Forquetinha, RS



Fonte: Acervo do autor.

Na imagem acima, sepultura de Fridalina Bischoff e Jacó R. Bischoff, há apenas os nomes e as datas de nascimento e morte do casal. O nome de Jacó consta no livro de registros de nascimento de Conventos, nascido na Picada Santa Cecília e filho de lavrador. No registro de Jacó, não consta o local do batizado.

Nas duas figuras a seguir, pode-se visualizar primeiro o túmulo de Margaretha Buss, de nascimento Schenk, nascida no mês de outubro de 1825, em Schwartzbach (no registro de óbito não conta o dia do nascimento), e falecida no dia 22.11.1892. Era viúva e teve como causa da morte descrita no registro de óbito a hidropisia. E, na sequência, a sepultura dos irmãos Albert Taffe nascido em 13 de setembro de 1889 e Johann Jacob Taffe nascido em 28 de novembro de 1890. Na descrição do registro de óbito, consta que os dois morreram afogados no dia 19 de dezembro de 1897, enquanto tomavam banho no arroio Forquetinha. Ambos os túmulos se encontram no cemitério à margem esquerda do arroio Forquetinha, também descrito como cemitério Bender.

Figura 36 – Túmulo de Margaretha Buss, cemitério de Forquethinha, RS



Fonte: Acervo do autor.

Figura 37 – Túmulo de Albert Taffe e Johann Jacob Taffe, cemitério de Forquethinha, RS



Fonte: Acervo do autor.

Poucos são os registros de óbitos que podem ser comparados com as sepulturas existentes nos cemitérios da região, que pertencia à antiga colônia de Conventos, pois muito se perdeu com a ação do tempo, a falta de cuidado e preservação, sem contar aqueles que simplesmente foram destruídos, como é o exemplo do primeiro cemitério de Conventos, que estava localizado em frente a atual Igreja Evangélica (IECLB), e foi totalmente soterrado, juntamente com suas lápides.

10 BLOG

O Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional, “atuará em consonância com uma formação que privilegie o professor de História produtor de conhecimentos, capaz de assumir o ensino como descoberta, investigação, reflexão e produção”. (FONSECA, 2003, p. 62). Outro aspecto, e que vai de encontro aos novos desafios e contextos que a educação nos apresenta, visando a uma qualificação para além da pura e simples produção da pesquisa e elaboração textual, é a construção de ferramentas que possam desenvolver novos contextos e alternativas, que estimulam a pesquisa e o aprendizado.

E nesse sentido:

Como formação pós-graduada, o mestrado profissional também está implicado na produção de conhecimentos. Entretanto, diferentemente daquela do mestrado e, principalmente, do doutorado acadêmico, essa produção de conhecimentos está voltada para a solução de problemas práticos, tendo, assim, um caráter mais tecnológico do que propriamente científico. (BARATA, 2006, p. 269).

A proposta principal do “Mestrado Profissional” é a de aproximar da sociedade as produções acadêmicas e científicas, torná-las acessíveis e didáticas, e dar sentido à produção final, que estará ao alcance de professores e alunos, com o objetivo de prepará-los a serem capazes de solucionar problemas, utilizando-se de conhecimentos científicos e desenvolvendo habilidades para esse fim.

É sob essa perspectiva que, a partir da pesquisa realizada em Livros de Registro Eclesiásticos, em Conventos, surgiu a ideia de produzir um *blog*,²⁴ com o objetivo de divulgar os dados produzidos, oportunizando o acesso e ao conhecimento resultante destes dois anos de trabalho. Além disso, criar um espaço de interação e troca de experiências relacionadas à pesquisa história e demográfica, apresentando as conclusões relacionadas ao levantamento de dados de registro de casamentos, de batizados e óbitos, entre aos anos de 1860 e 1903.

É também uma das formas de tornar pública a pesquisa; disponibilizar espaço em que todos terão acesso, podendo consultar, interagir, comentar e avaliar, trocar informações e dados relacionados a este e outros assuntos. O *blog* é uma ferramenta que oferece a

²⁴ BARBOSA, Conceição Aparecida Pereira; SERRANO, Claudia Aparecida. *O blog como ferramenta para construção do conhecimento e aprendizagem colaborativa*. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/011tcc3.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016. Blog: é uma abreviação de weblog, ou registro eletrônico, e apresenta um caráter dinâmico e de interação possibilitados pela facilidade de acesso e de atualização. O que distingue o *blog* de um *site* convencional é a facilidade com que se pode fazer registros para sua atualização, o que o torna muito mais dinâmico do que os *sites*, pois sua manutenção é mais simples e apoiada pela organização automática das mensagens, ou *posts*, pelo sistema que permite que novos textos sejam inseridos, sem a dificuldade de atualização de um *site* tradicional.

possibilidade de explorar, de ir além da fronteira da sala de aula; apropriar-se do conhecimento produzido e enriquecer o processo educativo.

É nesse sentido que Lévy (1999, p. 11) afirma que “todo elemento de informação encontra-se em contato virtual com todos e com cada um”, formando este espaço aberto e conexo com um universo de possibilidades, de aprendizagem colaborativo e dinâmico. Na sequência, a estrutura do *blog* e a disposição do seu conteúdo são organizadas de forma a facilitar a busca e a interação dos resultados da pesquisa apresentados neste trabalho.

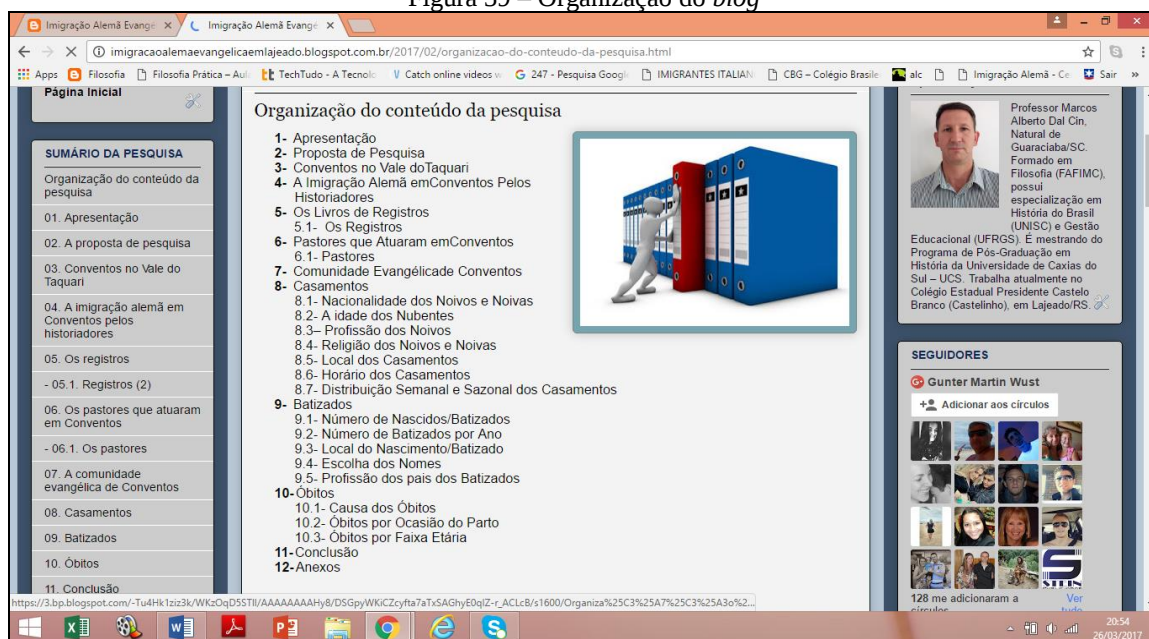
A página inicial está formatada com o título e a apresentação do conteúdo, que compõe o *blog* como um todo. A disposição dos assuntos está proposta de forma a facilitar a navegação, fazendo com que o navegante/leitor tenha facilidade no manuseio das ferramentas, e possa visualizar as matérias, a partir da barra de ferramentas disposta na parte superior da página.

Figura 38 – Apresentação do *blog*



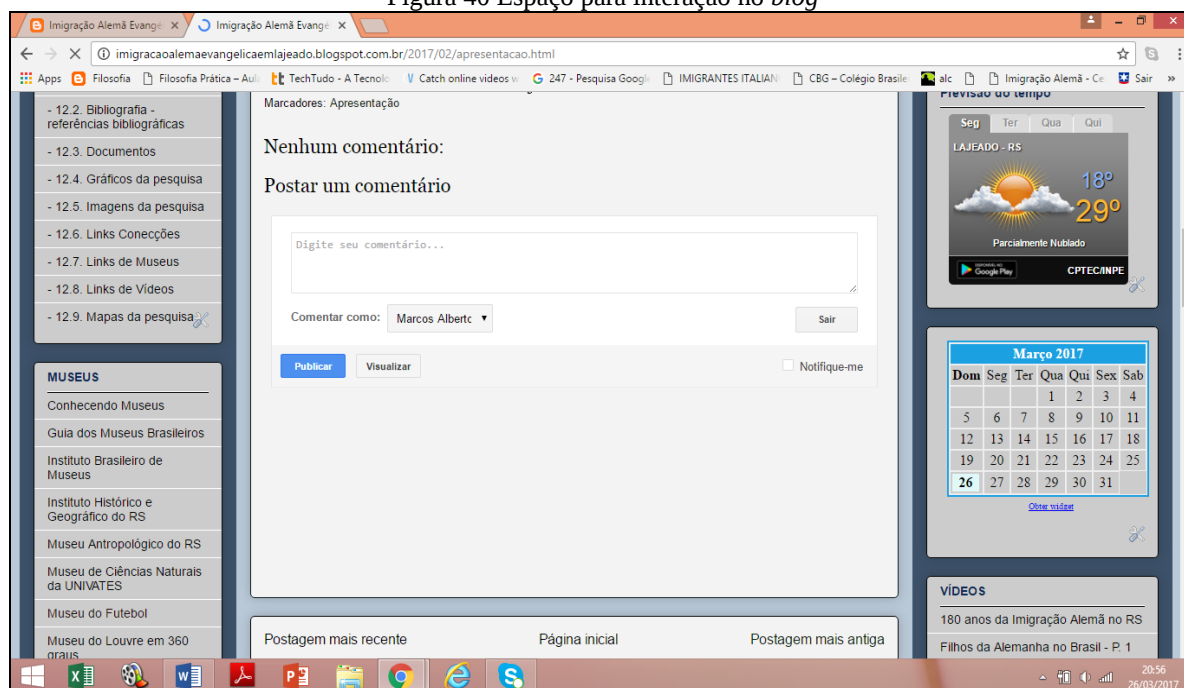
Fonte: Elaboração do autor.

Na parte frontal, do lado esquerdo, criou-se espaço para a apresentação do autor, com informações breves sobre o currículo. Na sequência abaixo (direita da página), um espaço para visitantes que optarem por seguir a página; em outro *gadget*, o histórico das postagens e, em outro espaço ainda, *links* que direcionam para assuntos relacionados à imigração alemã, como páginas de internet, filmes, vídeos, arquivos documentais, museus, instituições, entre outros.

Figura 39 – Organização do *blog*

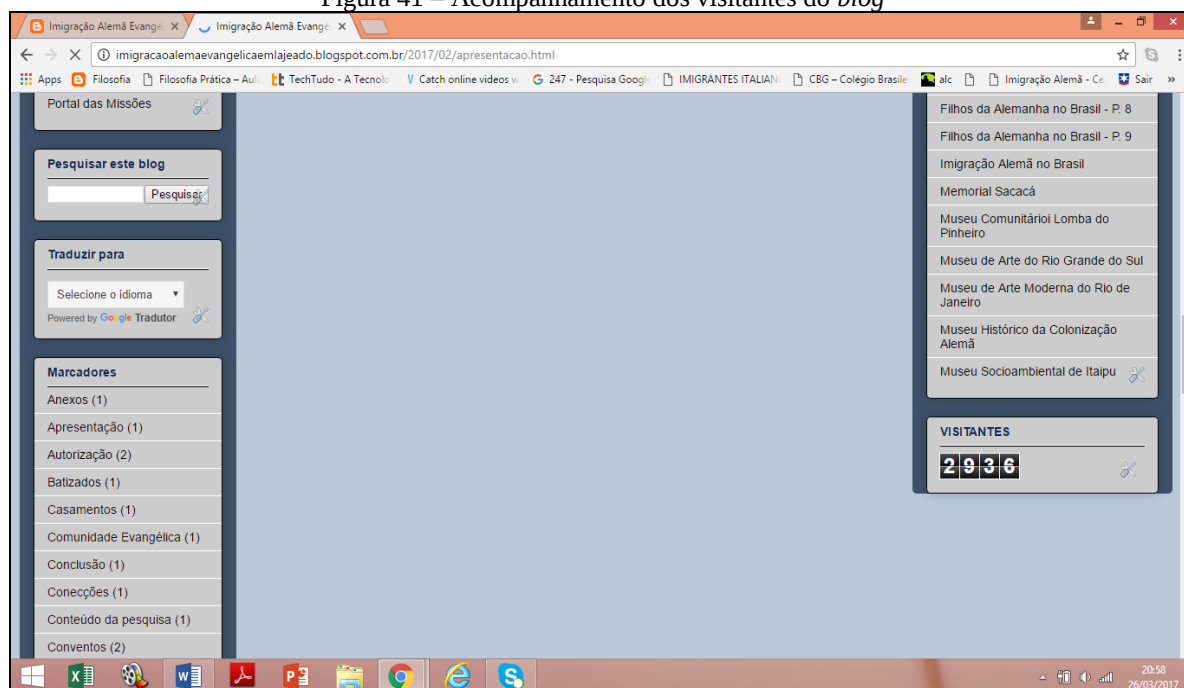
Fonte: Elaboração do autor.

Na parte inferior da página, criou-se um espaço para observações e comentários de visitantes. Esta ferramenta está disponibilizada para cada uma das postagens que os leitores desejarem fazer.

Figura 40 Espaço para interação no *blog*

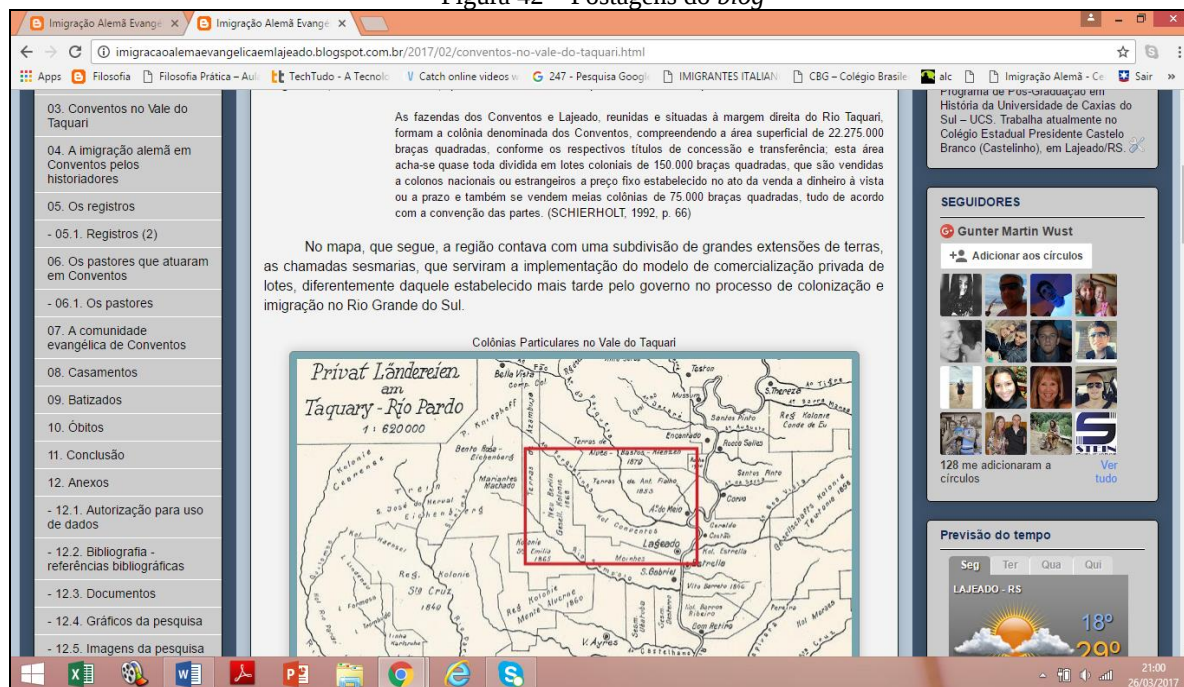
Fonte: Elaboração do autor.

Logo abaixo foi inserido um *gadget* para computar o número de visitantes, com o objetivo de acompanhar o desempenho do *blog*, quanto ao acesso pelos internautas.

Figura 41 – Acompanhamento dos visitantes do *blog*

Fonte: Elaboração do autor.

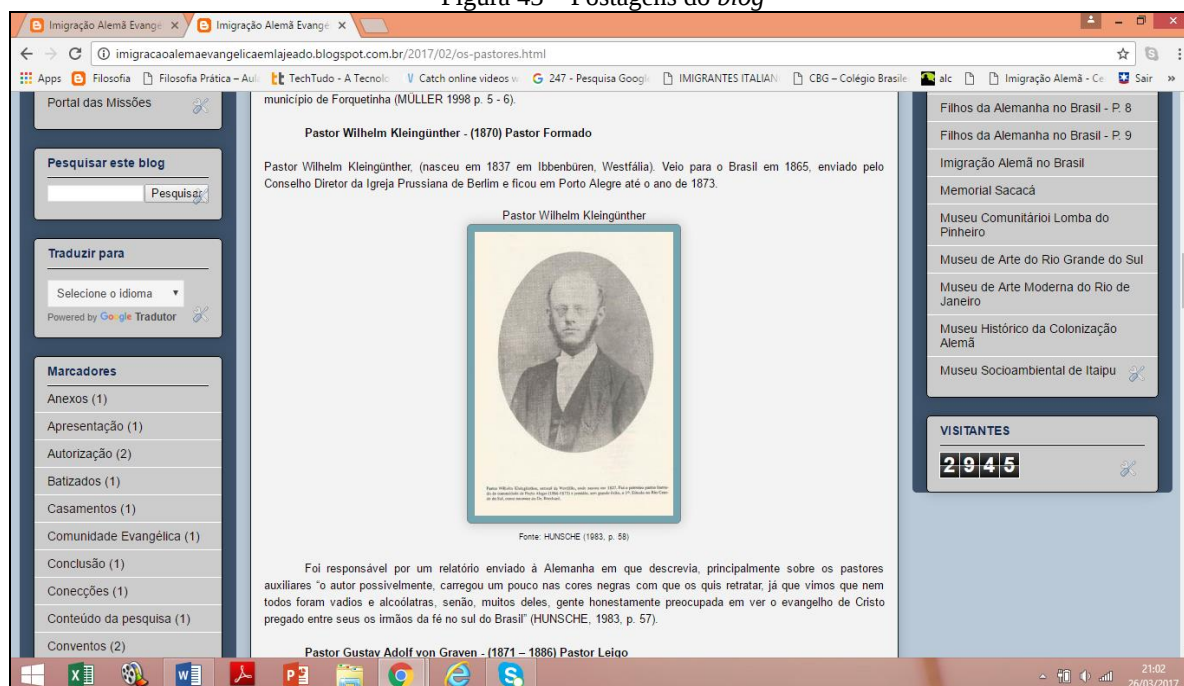
Conventos, sua localização e aspectos gerais:

Figura 42 – Postagens do *blog*

Fonte: Elaboração do autor.

Os pastores que atuaram em Conventos:

Figura 43 – Postagens do blog



Fonte: Elaboração do autor.

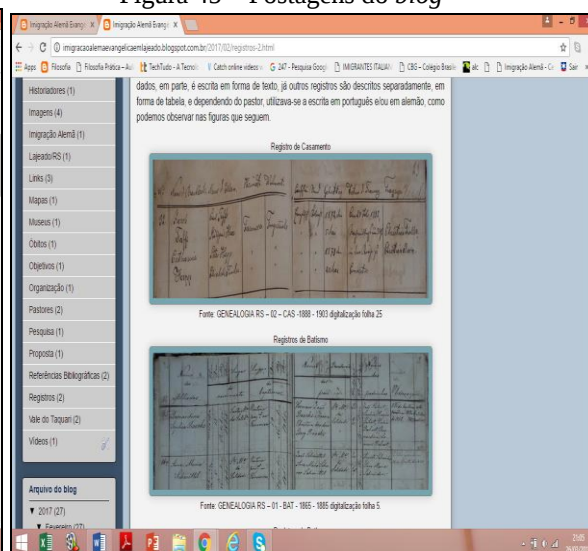
Os registros de batismos:

Figura 44 – Postagens do blog



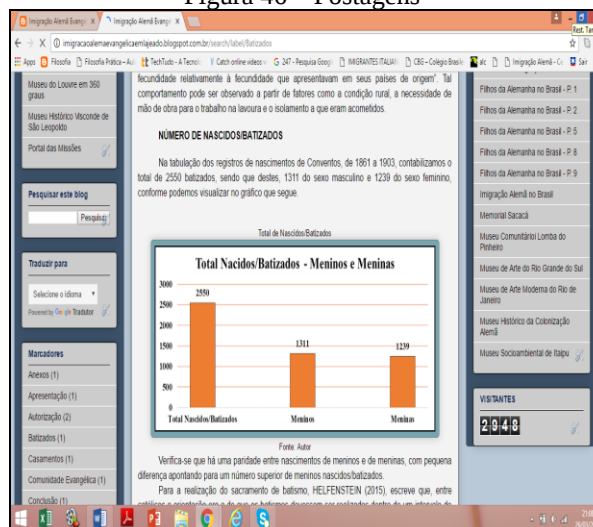
Fonte: Elaboração do autor.

Figura 45 – Postagens do blog



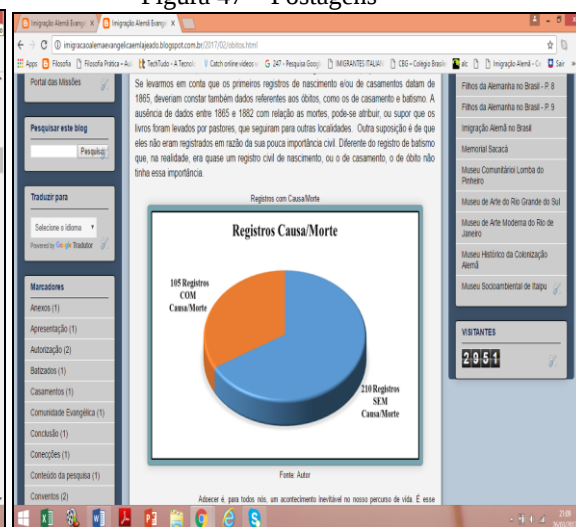
Fonte: Elaboração do autor.

Figura 46 – Postagens



Fonte: Elaboração do autor.

Figura 47 – Postagens



Fonte: Elaboração do autor.

Praticamente todo o conteúdo da pesquisa está postada no *blog*, de modo a proporcionar ao visitante conhecer variados aspectos da produção da pesquisa, com base nos registros de casamentos, batizados e óbitos, no período citado.

A integração desta ferramenta com o ensino de história tende a romper barreiras, facilitar a relação conhecimento/educando, desencadeando novas perspectivas num contexto de mudança do processo de ensino e aprendizagem. A integração da internet com as demais tecnologias da educação tradicional, tendem a oportunizar um novo conceito de educação, aberto, interligado com outros sistemas e ações educativas, ferramentas estas, que se somam a outros caminhos, possibilitando maior integração entre o conhecimento produzido e a sua aplicação.

Passamos a conviver com um sistema em que não existe mais uma separação entre a modalidade de ensino presencial, à distância, e aquele disponível nas redes. Interagimos de maneira intensiva com essas novas ferramentas, com infinita capacidade de armazenamento de informações. Cabe as instituições o desafio de preparar os agentes da educação, para que se rompa a barreira entre o físico e o virtual. E, se isso ocorrer na prática, o objetivo desta ferramenta – BLOG – também estará sendo alcançado.

11 CONCLUSÃO

Ao analisar os Livros de Registro Eclesiásticos, em Conventos, imergiu-se nas relações sociais deste grupo, a partir de casamentos, batizados e óbitos, para procurar desvendar traços da vida e do cotidiano da comunidade. Essas abordagens levam a apresentar interpretações que tendem a demonstrar, a partir da pesquisa, o modo de vida dos imigrantes e de seus descendentes.

As abordagens voltadas para aspectos da vida familiar reforçam elementos que simbolizam a trajetória da colonização através do trabalho, da religião, do vestuário, da alimentação, das festas, dentre tantos outros elementos, que se constituem em testemunhos e estão muito próximos da narrativa de uma memória coletiva, que se apresenta geralmente homogeneizada. Nesse sentido, é possível identificar que as abordagens historiográficas, relativas ao contexto histórico de Conventos, também reforçam um determinado senso comum sobre a participação do imigrante alemão na região, por meio de narrativas lineares e reducionistas muito próximas da historiografia tradicional.

É preciso entender a sociabilidade nos seus múltiplos aspectos, estabelecidos entre indivíduos, para que se possa entendê-los e dar sentido à construção do processo histórico de cada família e/ou comunidade. Voltando para uma abordagem da micro-história, é possível vislumbrar temas tradicionais relacionados à imigração e trazer à tona variadas possibilidades para se entender o comportamento, a partir da análise dos registros relacionados a casamento, batismo e morte.

Nos dados referentes aos casamentos, foi verificado, conforme registros, que os noivos e as noivas declararam-se, praticamente na totalidade, evangélicos, com exceção de apenas duas noivas, que constam como católicas, e quatorze registros com ausência de citação de religião, demonstrando que, na Colônia, na sua abrangência, composta por imigrantes evangélicos, os casamentos se davam entre os membros do grupo. Para as nubentes, cuja idade superava a média geral, a elas foi atribuída a denominação de “solteira” (com idade superior a 25 anos), parecendo uma forma de diferenciá-las daquelas que se casavam jovens. Para as cerimônias de casamento, os pastores descreviam os locais em âmbito geral, como, por exemplo, margem esquerda e/ou direita do arroio Forqueta, na picada São José dos Conventos, na casa do comerciante tal e assim por diante. Quanto à idade dos nubentes, a maioria dos casamentos se dava na faixa etária entre 19 e 25 anos para os homens e de 16 a 23 anos para as mulheres.

A sazonalidade dos casamentos está ligada a alguns fatores dos quais se pode evidenciar, a partir de suas variações em mês, dia da semana e horário das cerimônias, como estando ligados aos hábitos, costumes, às tradições religiosas e/ou populares dos imigrantes alemães evangélicos, de Conventos, e estão, também, intimamente ligadas a momentos de festividades e época de maior ou menor intensidade do trabalho agrícola.

Quando se analisa os dados referentes aos batizados, chega-se a algumas conclusões. Primeiro, no quadro geral apresentado, comprovou-se que a transmissão do nome dos padrinhos e/ou madrinhas a seus afilhados tornou-se quase uma regra, pois, em cerca de cinquenta por cento, os pais nominavam seus filhos com o nome dos padrinhos e das madrinhas escolhido. Segundo, a repetição de nomes está ligada à escolha local das famílias, aumentando a probabilidade da repetição de casais de padrinhos e, conseqüentemente, a do nome dos batizados. Esses dados reforçam a ideia de que, a partir da década de 1880, com o aumento considerável do número de nascidos, os padrinhos passaram a se repetir constantemente entre as famílias dos habitantes da colônia, levando a um alto índice de repetição dos nomes. E, terceiro, deve-se considerar a probabilidade das relações de compadrio, apontando para certa seleção de famílias, dentro da própria comunidade, para assumir os batizados.

É possível conhecer alguns aspectos da vida cotidiana do passado, a partir de características relacionadas à mortalidade, pela observação e análise de registros paroquiais. Essas fontes fornecem dados muito importantes, que permitem apontar informações que identificam a idade, sazonalidade e a causa das mortes. A análise dos registros, em Conventos, permitiu conhecer a causa de óbitos da comunidade, apesar de constar um número reduzido de registros. Também não se pode deixar de levar em consideração que as doenças, apontadas como causa/morte, eram descritas por pastores, em sua maioria leigos, e muitas delas advinham do senso comum, com exceção de alguns que possuíam conhecimento sobre medicina.

Dos apontamentos registrados nos livros, foi possível identificar a morte de bebês e mulheres por ocasião do parto, sendo que este fato se tornava corriqueiro na colônia, devido à precariedade e ausência de condições adequadas para tratar problemas e complicações durante e no pós-parto. Ficou evidenciado, também, que um número significativo de mortes era devido a causas naturais, como, por exemplo, a de idade avançada (senilidade), doenças pulmonares, convulsões, hidropisia, resfriados, problemas estomacais (devido às condições de higiene e alimentação), suicídios (por enforcamento) e outras resultantes de conseqüências

trágicas, decorrentes de afazeres diários, como ferimentos (por arma de fogo), queimaduras e afogamentos.

Este trabalho não teve por finalidade esgotar o assunto, mas ampliar a pesquisa, e na medida que outros livros e documentos paroquiais forem analisados, será possível apontar outras conclusões, a fim de complementar os resultados aqui expressos, que teve como fonte principal, os livros de registros da Comunidade Evangélica de Conventos.

Desta forma, este é o resultado que reflete o estudo de um dos aspectos tratados pela demografia histórica, ou seja, a possibilidade de se entender a história de determinado grupo, a partir da micro-história, da aproximação do historiador com o sujeito da história, e poder traçar novos olhares sobre as práticas que compreendem os aspectos da vida social, econômica, cultural e religiosa, inseridos no cotidiano da realização dos casamentos, batizados e sepultamentos.

Por fim, a produção do *blog*, como ferramenta de divulgação e interação com o trabalho realizado, que culmina com a proposta do Mestrado Profissional em História, tanto no que se refere à linha de pesquisa de Fontes e Acervos quanto na difusão social do conhecimento produzido, neste caso, os dados dos registros eclesiásticos de casamentos, batizados e óbitos, possibilita acesso e conhecimento do estudo sobre a imigração alemã-evangélica, em Conventos, RS.

REFERÊNCIAS

- ALBECHE, Daysi Lange. Rio Pardo numa perspectiva sociocultural. **Revista Métis**, n.2, 2002. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1109/755>>.
- ALBUQUERQUE, Durval Muniz Júnior de. Objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 10, n. 17, p. 55-67, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/62/72>>. Acesso em: maio 2015.
- ALMEIDA, Carla Beatriz de. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300892678_ARQUIVO_anpuhsp2011.pdf>. Acesso em: jun. 2015.
- ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AZEVEDO, Thales de. **Italianos e gaúchos: os pioneiros da colonização no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: A Nação/Instituto Estadual do Livro, 1975.
- AZEVEDO, Erotildes Padan de. **Lajeado, dos primeiros povoadores a instalação do município**. 1991. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1991.
- BARATA, Rita Barradas. Avanços e desafios do mestrado profissionalizante. In: LEAL, M.C.; FREITAS, C.M. (Org.). **Cenários possíveis: experiências e desafios do mestrado profissional na saúde coletiva** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/sp/pdf/leal-9788575412855-14.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- BARROS, José D'Assunção. **A nova história cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/%20cadernoshistoria/article/viewFile/987/2958>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- BECKER, Dinizar Fermiano, A ECONOMIA política do desenvolvimento do Rio Grande do Sul. **Redes, Unisc**, Santa Cruz do Sul: Ed. da Unisc, v. 6, n. 3, 2001.
- BLACK, Olavo. **Cartas de Johanna Friederike Hahl**. Lajeado, 2000. Acervo particular.
- BLACK, Olavo. **Conventos II: a religiosidade e as comunidades**. Lajeado, 2002. Acervo particular.
- BLACK, Olavo. **Colinas da esperança: Conventos - 150 anos de história**. Lajeado/Porto Alegre: Evangraf, 2004.

BLUME, Sandro. **Morte e morrer nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul**: Recortes do cotidiano. Dissertação (Mestrado) apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISSINOS. São Leopoldo, 2010.

BRAKEMEIER, Gottfried (Ed.). **Presença luterana 1990**. São Leopoldo: Sinodal, 1989. (História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil).

BUBLITZ, Juliana. História ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul: o avanço na mata, o significado da floresta e as mudanças no ecossistema. **Tempos Históricos**, v. 15, p. 239-267, 2º sem. 2011.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMILO, Nathan. **É preferível bom nome a muitas riquezas**: dinâmica das práticas de nomeação no extremo sul do Brasil entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Qualificação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2015.

CARDOSO, Jayme Antônio.; NADALIN, Sergio O. **Os meses e os dias de casamento no Paraná; séculos XVIII, XIX e XX**. História: Questões & Debates, Curitiba, Ano 3 n. 5, p. 105-130. 1982.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: Tradução de Maria Manuela Galhardo. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Col. Memória e sociedade).

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo: Ed. da USP, v. 11, n. 5, p. 183, jan./abr. 1991.

CHRISTTALINO, Cristiano Luís. Litígios ao sul do Império: a Lei de terras e a consolidação política da Coroa no Rio Grande do Sul (1850-1880). Tese de doutoramento em História – Universidade Federal Fluminense. Niterói, fevereiro de 2010.

COHEN, Abner. **O homem bidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

COUTO, Manuel António Pereira. O pároco e o facultativo: comparando definições de morte nos registos paroquiais e hospitalares de uma vila transmontana no final do século XVIII e início do século XIX. In: ENCONTRO DE JOVENS INVESTIGADORES DE HISTÓRIA MODERNA, 2., 2016, Braga. **Anais...** Braga, Portugal, 2016.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: CORRÊA, M. (Org.). **Colcha de retalhos**: estudos sobre a família no Brasil. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

COTRIM, Gilberto. **História global: Brasil geral**. 6. ed. reform. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Os colonos alemães de Santa Cruz e a fumicultura**. Santa Cruz do Sul; Rio Grande do Sul. 1988. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1988.

CUNHA, Jorge Luiz da; GÄRTNER, Angelika. As culturas alemã e brasileira no relato da viagem de Herrmann Meyer, nos anos 1898 e 1899, pelas colônias alemãs no Rio Grande do Sul. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 3, p. 55-72, set./dez. 2001.

CUNHA, Jorge Luiz da (Org.) **Cultura alemã: 180 anos**. Deutsche Culturzeit 180 Jahre. Ed. Bilingüe. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

CUNHA, Manuela Carneiro. Da cultura residual, mas irreduzível. In: **Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 97-108.

DREHER, Martin N. **Presença luterana**: 1990. São Leopoldo: Sinodal, 1989.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. Ed. rev. e amp. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.

FALCON, Francisco José Calazans. **Estudos de teoria da história e historiografia: teoria da história**. São Paulo: Hucitec, 2011. v. 1.

FALEIRO, Silvana Rossetti. **Lajeado**: perfil histórico étnico-social (do período indígena à colonização). Lajeado, 1996.

FELDENS, Leopoldo Pedro. **A dimensão ecológica da pequena propriedade no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Editora: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1989.

FERNANDES, Edson. **Fronteira e população**: um estudo sobre a formação de famílias no povoamento da região centro-oeste de São Paulo, século XIX. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2008.

FERRI, Gino. **História do rio Taquari-Antas**. Encantado: Grafen, 1991.

FIEGENBAUN, Jones. **Os artesãos da pré-história do Vale do Taquari e sua cultura material**. Lajeado: Univates, 2006.

FISCHER, Joaquim. Comunidades, sínodos, igreja nacional: o povo evangélico de 1824 a 1986. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IGREJA, 1986, São Leopoldo. **Anais...** São Leopoldo: Rotermond; Sinodal, 1986.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **Memórias de um imigrante boêmio**. Introd., trad. e notas de Hilda Agnes Hübner Flores. Porto Alegre: EST; Grafosul, 1980.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **História da imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

FREITAS, Denize Terezinha Leal. **O casamento na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre**: a população livre e suas relações matrimoniais de 1772-1835. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2011.

GERTZ, René E. **O perigo alemão**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

HELFENSTEIN, Juliana Cristiane da. **Entre a vida comunitária e a vida conjugal**: a composição das famílias luteranas de Imbituva, paraná (1943-1959). Dissertação (Mestrado) apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. Curitiba 2014.

HELFENSTEIN, Juliana Cristiane da. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis SC. **Anais...** Florianópolis, 2015.

HOBBSBAWM, Eric. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HUNSCHE, Carlos Henrique. **Protestantismo no Sul do Brasil**: nos quinhentos anos do nascimento de Lutero (1483-1983). Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Sinodal, 1983.

IHGB. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 2014. Disponível em: <file:///D:/Desktop/rihgb2014numero0465.pdf>. Acesso em: 10 maio 2015.

JUDICAEEL JUNIOR, Clevelário. A participação da imigração na formação da população brasileira. **Rev. Bras. de Estudos Populacionais**, Brasília, v. 14, n. 1/2, p. 51-71, 1997. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24635/T%20-%20RANZI,%20SERLEI%20MARIA%20FISCHER.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

KASBURG, Alexandre et al. (Org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/14152842/Micro-hist%C3%B3ria_trajet%C3%B3rias_e_imigra%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: jul. 2015.

KARNAL, L.; TATSCH, F. G. Documento e história: a memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. Reimp. São Paulo: Contexto, 2011. p. 9-27.

KERN, Arno et al. **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. (Série documental/RS).

LANG, Guido. **A história de um imigrante pioneiro**. São Leopoldo: Rotermond, 1992.

LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOUVEN, Osvaldo Carlos Von. **Sua história, sua gente**. Encantado, 1974.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce; GHENO, Diego Antônio. Causa mortis e taxas de mortalidade: aspectos históricos a partir de registros de óbitos, 1916-1929. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 22, n. 3, jul./sept. 2013.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Caiçara: terra e população: estudo de demografia histórica e da história social de Ubatuba. 2. ed. São Paulo: Ed. USP, 2006.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Os registros paroquiais e a História do Brasil. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 31, p. 13-20, jan. 2004.

MÉTIS - **História & Cultura**, Caxias do Sul: Educs, v. 4, n. 8, p. 159-184, jul./dez. 2005. O luteranismo no Brasil meridional no século XIX: da autonomia à institucionalização.

MINAMI, Edison. Casamentos católicos e luteranos: resistência, ecumenismo e liberdade religiosa no Brasil. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE. ANPUH/SP – UNESP, 20., 2010, Franca. **Anais...** CD-Rom. Acesso em: 10 out. 2016.

MORAES, Carlos de Souza. **O colono alemão**: uma experiência vitoriosa a partir de São Leopoldo. Porto Alegre: EST, 1981.

MORAN, José M. **Mudar a forma de ensinar e de aprender**: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. São Paulo, 2002.

MÜLLER, Armindo L. **Comunidade evangélica de Conventos**: primeira parte e segunda parte. Grafozem, 1998.

MÜLLER, Armindo L. **O protestantismo em terras gaúchas**. Porto Alegre: EST, 2003.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã**: histórias e memórias. Porto Alegre: EST, 1981.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã**: 160 anos de história. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: Educs, 1984/1981.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Colônia alemã**: imagens do passado. Porto Alegre: EST, 1981.

MÜLLER, Telmo Lauro. **Simpósio de história da igreja**. São Leopoldo: Rotermund; Sinodal, 1986.

NADALIN, Sérgio Odilo. **A origem dos noivos nos registros de casamentos da comunidade Evangélica Luterana de Curitiba 1870-1969**. 1974. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

NADALIN, Sérgio Odilo. **História e demografia**: elementos para um diálogo. Campinas: ABEP, 2004.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. **História nos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ORTIZ, Renato. A morte e sua sombra. In: MARTINS, J. de S. (Org.). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatay. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PESAVENTO, Sandra. Jatay. Correntes, compôs temáticos e fontes: uma aventura da História. In: _____. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLLAK, Michael. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLA, Rodrigo. Fé, cultura e norma eclesiástica: a gênese da Igreja luterana no Brasil – organização popular e tutela eclesiástica. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 7/8, p. 593-607, jul./ago. 2006.

RADÜNZ, Roberto. O luteranismo no Brasil meridional no século XIX: da autonomia à institucionalização. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul: Educs, v. 4, n. 8, p. 159-184, jul. /dez. 2005.

RADÜNZ, Roberto. **A terra da liberdade: o luteranismo gaúcho do século XIX**. Caxias do Sul, RS: Educs; Edunisc, 2008.

RADÜNZ, Roberto. Mulheres protestantes: suicida Feliz. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringa/PR. v. III, 2011.

RAMBO, Arthur Blasio (Trad.). **Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1929**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1999.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. Os museus de imigração como espaços da memória. In: MARTINS, Ismênia de Lima; HECKER, Alexandre (Org.). **E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias**. São Paulo: Expressão e Arte, 2012. p. 99-112.

RICHTER, Waldemar L. **Mein Liederheft**. Lajeado, 1989.

_____. **Nossas origens**. Lajeado: Cometa, 1994.

_____. Weihnachten/Ostern: **theater – lieder – gedichte**. Lajeado, 1992.

_____. **Família Doepper**: um século e meio de história no Brasil – 1851-2006. Lajeado, Grafoem, 2006.

RIOS, José Artur. A diáspora da imigração alemã: correntes e contracorrentes. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, ano 175, n. 465, out./dez. 2014.

RIOS, José Arthur de. **O começo do protestantismo no Brasil**. Porto Alegre: EST, 2003.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 1.

SCARPIN, Fabio Augusto. Nomes de batismo, um bem simbólico: valores étnicos e culturais nas práticas de nomeação em um grupo de imigrantes italianos (Campo Largo – PR, séc. XIX e XX). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2009, Maringá. **Anais...** Maringá, 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. “Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade”, in: Col. História da vida privada no Brasil. Vol. 03. São Paulo, Cia das Letras. 1999. p. 423-512.

SCHEEREN, Norma Theolina. **Perfis de uma pequena comunidade Arroio do Ouro – Estrela – RS: 150 anos do pioneirismo alemão: 1860-2010**. Lajeado: Ed. da Univates, 2010.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I – Povoamento: colonização, história política**. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado II – APEAUT: raízes do ensino superior**. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1995.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Grão de mostarda: caminhada da Paróquia Santo Inácio de Lajeado**. Lajeado, 1997.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Revolução federalista no Vale do Taquari**. Lajeado: Grupo Cartel, 1989.

SCHMIDT, Nélcio J. Comunidade evangélica luterana da IECLB de Conventos e região. CD 24 e 25. **Livros de Registro Eclesiásticos da Paróquia: genealogia RS**. Lajeado: Pesquisas Teuto-Brasileira.

SILVEIRA, Maria Helena; LAURENTI, Ruy. Os eventos vitais: aspectos de seus registros e inter-relação da legislação vigente com as estatísticas de saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 7, n. 1, mar. 1973. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v7n1/04.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2016.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. A historiografia do Cambridge Group: contribuições ao estudo da população, da família e do grupo doméstico. **Revista Estudos Amazônicos**, v. IX, n. 1, p. 1-31, 2013.

STAHLSCHMIDT, Erny. **Vagando pelo século: crônicas**. Porto Alegre: Metrópole, 1994.

TOGNI, Ana Cecília. (Org.). **Famílias italianas de Lajeado, sua vida e suas histórias**. Lajeado: Univates, 2003.

_____. **O homem diante da morte**. Trad. de Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

VOGT, Olgário. Paulo. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS: 1849-1993**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

VOGT, Olgário. Paulo.; RADÜNZ, Roberto. Peter Kleudgen: um negociador alemão dialogando entre política e religião. In: ARENT, Isabel.; WITT, Marcos.; SANTOS, Rodrigo. **Migrações: religiões e religiosidades**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Org.). **A morte na Idade Média**. Trad. de Heitor Megale, Yara Frateschi e Maria Clara Cescato, São Paulo: Edusp, 1996.

WACHHOLZ, Wilhelm. **Atravessem e ajudem-nos: a atuação da Sociedade Evangélica de Barmen e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899)**. 1999. 640 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1999.

WACHHOLZ, Wilhelm. Sacerdócio em questão: uma análise da relação de dois agentes religiosos: pastores ordenados e pastores não-ordenados. **Estudos Teológicos**, v. 41, n. 3, p. 22-37, 2001.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945)**. 2007. Tese (Mestrado em História) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2007.

ACERVOS CONSULTADOS

Acervo da paróquia evangélica. Conventos/Lajeado – RS. **Livros de Registros**, 1860-1903.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei T. **POVOAMENTO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO NA REGIÃO DO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL – 1822 a 1930**. Artigo constitui-se em uma versão revisada do trabalho apresentado pelos autores nas Segundas Jornadas de História Económica (Montevideo, Uruguay – julho de 1999).

Anais do I e II Simpósios “Raízes do Vale” – O resgate de raízes históricas e culturais dos municípios do Vale do Taquari. Promoção: Prefeitura Municipal de Lajeado. Grafocem Impressos Gráficos Ltda. Lajeado, março de 2000.

Anais do III Seminário da Associação Nacional dos Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras. Lajeado 3 e 6 de julho de 1999.

Cultura Alemã – 180 anos = **Deutsche Kulturzeit** 180 Jahre. Org. Jorje Luiz da Cunha. Ed. Bilíngue. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

Forquetinha: uma volta ao passado. Calendário de Eventos 2009 – Prefeitura Municipal de Forquetinha/RS.

História: Questões & Debates – Revista da Associação Paranaense de História. Ano 3 Número 5, dez. 1982.